

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Maurina Passos Goulart Oliveira da Silva

**PALAVRA, SILÊNCIO, ESCRITURA:  
A MÍSTICA DE UM CURRÍCULO A CAMINHO DA CONTEMPLAÇÃO**

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Doutora Ivani Catarina Arantes Fazenda.

SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

**À Teresa de Ávila**

Mulher de palavra, mulher de silêncios,  
mulher de escritura.

**À Custódia de Oliveira Silva**

(in memorium)

Com quem dividi a educação dos filhos.  
Sogra e avó exemplar.

**À José Maria Goulart**

(in memorium)

Meu pai, pelas lições de vida.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, esposo e filhos. Sem vocês eu não conseguiria, sem vocês nada disso faz sentido. Meus parceiros, cúmplices nos caminhos da vida que juntos construímos.

Aos meus pais, meus primeiros mestres. Pessoas simples e humildes, sábias e verdadeiras. Minha mãe uma mulher de fibra, coragem e muita fé.

Um agradecimento especial à prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivani Catarina Arantes Fazenda, orientadora deste trabalho cujo gesto, palavra, silêncio e escritura me fizeram nascer pela palavra e chegar até aqui.

Ao Prof. Dr. Luiz Felipe Ponde, por me aproximar dos estudos sobre mística, apontando caminhos para o trabalho, assumindo uma co-orientação.

À PUC e aos professores do Programa, especialmente Alípio Casali, pela generosidade, pela interlocução respeitosa e estimulante de meus talentos, pela força de sua palavra ao iniciar a escritura.

Ao CNPQ, pela oportunidade de estudar como bolsista, sem essa colaboração também não seria possível trilhar os caminhos até aqui percorridos.

À Banca examinadora, por acolher o trabalho quando o caminho apenas se delineava e oferecer valiosas contribuições.

À família de Alceu Amoroso Lima, pela intermediação na descoberta do texto sobre o silêncio interior, especialmente Carlos Afonso Ferreira (Xiquito), por sua generosidade.

Às freiras do Carmelo de São José, em Santos, que me permitiram usufruir do silêncio para leituras ali realizadas e também pelos encontros com a jovem Ir. Teresa de Jesus e da Trindade, minha gratidão.

Ao Dr. Maurici Aragão Tavares, médico homeopata, amigo há tantos anos, acompanhando-me nos momentos difíceis, medicando o corpo e a alma com homeopatias e sábias palavras.

Ao GEPI, por todas as oportunidades de crescimento, aprendizado, parcerias, descobertas e encontros. A todos os colegas meu carinho e agradecimento.

Ao Grupo NEMES (Núcleo de Estudos em Mística e Santidade), pela acolhida de uma estranha no ninho. Um agradecimento especial à colega Wilma Steagall de Tommaso, alma generosa, simples e solícita. À Gabriela Bal, pelo diálogo e escuta, pelas contribuições de sua escritura nos caminhos do silêncio.

Aos amigos Carlos Betlinski e Dalva Lobo, pelas leituras e sugestões nas primeiras revisões do trabalho.

À Elisabeth dos Santos Tavares e à Mariângela Camba, as mãos que me sustentaram num momento difícil da vida profissional e pessoal, minha eterna gratidão.

Às amigas do coração Marisa Atili Ennes Simons, com quem me reconheceu leitora de silêncios, e Mary Francisca do Careno, pela parceria profissional, respeito e apoio em momentos decisivos na caminhada da vida.

A Américo Sommerman, pela generosa e paciente escuta quando dava meus primeiros passos no caminho da tese.

A Ricardo Praça e Sonia Santos, por me ajudarem a retirar os entulhos interiores.

Às universidades onde trabalho – UNIMES e UNAERP –, pela oportunidade do aprendizado de ser professor no ensino superior.

Aos autores dos textos que me desejaram com a força de sua palavra, com seu poder de silêncio, constituíram-se alicerces nos diversos itinerários do caminho aqui construído.

Ao Gustavo Felipe dos Santos e Karina Cobo Bardavira, pelo trabalho de revisão e diagramação, sem a competência e generosidade de ambos não teria conseguido.

Aos meus alunos do passado, do presente e aos que virão, porque deles apreendi e continuarei apreendendo os significados do silêncio nos processos de formação.

Aos meus colegas de profissão, pelo incentivo e parceria. A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho apresenta a análise de distintas experiências realizadas pelo GEPI em duas regiões brasileiras, Porto Velho (Norte) e Cachoeira do Sul (RS), além de relatos de sala de aula no curso de Pedagogia e também no próprio grupo de pesquisa. Trata-se de uma pesquisa-ação que, a partir de uma escuta sensível exercida nos diferentes itinerários percorridos na trajetória profissional, procura investigar o sentido da palavra e do silêncio na formação dos professores. Uma pesquisa existencial, portanto, é processo que se constitui numa busca para a vida inteira. Considera-se a sala de aula como um lugar sagrado, revelador do mundo interior, representando, nesse sentido, um espaço místico. A busca de sentido do Silêncio e da Palavra, na análise das práticas, a partir das itinerâncias nos diversos caminhos percorridos, apontou a necessidade de uma abordagem interdisciplinar aproximando diferentes áreas de estudo, tais como: educação, ciência, religião, filosofia, literatura e mística. A análise das experiências desde a sua organização até as ações e os resultados obtidos (o pensado e o vivido) constitui-se na investigação de um currículo em ação. Tais análises indicaram o necessário cultivo da interioridade que toca Deus, para uma formação que desenvolva a sensibilidade e a espiritualidade como fundamento de uma educação mais humana. Concluímos, ao final da caminhada, que uma educação para o espírito mais do que para o intelecto coloca em questão não somente as práticas profissionais, mas o currículo, pois, nesse sentido, faz-se necessário pensar um currículo a caminho da contemplação.

Palavras-chave: Educação, Currículo, Palavra, Silêncio.

## **ABSTRACT**

This paper presents the analysis of different experiences conducted by GEPI in two Brazilian regions, Porto Velho (North) and Cachoeira do Sul (RS), aside from classroom accounts from the Pedagogy course and from the research group itself. It deals with an active research which, starting with a sensitive listening conducted in different itineraries covered during the professional life, aims to investigate the sense of the word and of silence in teacher education. An existential research therefore is a process which turns into a lifetime quest. The classroom is considered as being a sacred place, revealer of the inner world, representing in this sense a mystic space. The search for the sense of Silence and the Word, in practice analysis starting from the itineraries of the diverse covered paths, has pointed out the need of an interdisciplinary approach which brings together different study areas such as: education, religion, science, philosophy, literature and mystics. The analysis of the experiences from its organization until the actions and the obtained results (what was thought, and what was experienced) constitutes the investigation of an educational program in action. This analysis indicated the needful cultivation of the inner life that touches God towards a formation which develops sensitivity and spirituality as a foundation of a more humane education. At the end of the path we conclude that a spiritual rather than an intellectual education raises questions not only about professional practice, but also about the educational program, because in this sense, it becomes necessary to conceive a program directed towards contemplation.

Keywords: Education, Program, Word, Silence.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO OU O CAMINHO DA TESE.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I – PALAVRA, SILÊNCIO, ESCRITURA: UMA QUESTÃO METAFÍSICA? UMA QUESTÃO DO SER.....</b>	<b>26</b>
1.1 A CAMINHO DA METAFÍSICA.....	33
<b>1.1.1 Deus nesse caminho.....</b>	<b>35</b>
1.2 PALAVRA E SILÊNCIO COMO CAMINHO: UM ENCONTRO COM O PENSAMENTO DE ERIÚGENA.....	37
<b>1.2.1 Modos de interpretar a diferença: palavra e silêncio, ser e não ser.....</b>	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO II - SILÊNCIO DO MUNDO INTERIOR - UMA QUESTÃO DA MÍSTICA? UMA QUESTÃO DO VIVER.....</b>	<b>43</b>
2.1 MUNDO EXTERIOR - DA POLISSEMIA À LIQUEFAÇÃO.....	44
2.2 MUNDO INTERIOR: O SILÊNCIO, A SOLIDÃO E A SANTIDADE.....	51
2.3 MUNDO INTERIOR EM TERESA D'ÁVILA - A CAMINHO DA MÍSTICA.....	60
<b>2.3.1 Mulher de Palavra, mulher de Silêncio, mulher de Escritura.....</b>	<b>61</b>
<b>2.3.2 Castelo interior.....</b>	<b>72</b>
<b>CAPÍTULO III – PALAVRA, SILÊNCIO, ESCRITURA: UM PROCESSO DE VIDA.....</b>	<b>82</b>
<b>3.1 RELATOS NO GEPI: DO SILÊNCIO À PALAVRA POÉTICA.....</b>	<b>92</b>
3.2 DO NORTE AO SUL: INTERVENÇÕES PELO GEPI.....	95
<b>3.2.1 O Caminho para o Norte - a coordenação.....</b>	<b>96</b>
<b>3.2.2 O Caminho para o Norte: na sala de aula.....</b>	<b>104</b>
<b>3.2.3 Em Cachoeira do Sul (RS): UM ENCONTRO COM A PALAVRA.....</b>	<b>113</b>
<b>CAPÍTULO IV - A CAMINHO DA CONTEMPLAÇÃO.....</b>	<b>125</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CAMINHOS PERENES.....</b>	<b>136</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>152</b>

## INTRODUÇÃO OU O CAMINHO DA TESE

Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. (SOUSA SANTOS, 1997, p.48)

As inquietações aqui apresentadas começaram a ser gestadas na trajetória profissional, percorrida em alguns caminhos: atuação em cursos de atualização gramatical e treinamento numa empresa pública, educadora na rede particular de ensino como professora de Língua Portuguesa e Literatura nos ensinos Fundamental e Médio. Nos últimos nove anos, como professora universitária no curso de Pedagogia, trabalhando com Didática e orientando estágios e TCC's (Trabalhos de Conclusão de Curso), senti-me cada vez mais instigada a discutir a formação de professores. A vivência na universidade tem me provocado mais inquietações nesta área, o que me levou a produzir alguns trabalhos apresentados em congressos, como no ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino) e na ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), entre outros.

O trabalho "Tecendo Identidades e Saberes"<sup>1</sup>, formando profissionais para a educação, procurou discutir a experiência realizada no processo de orientação de projetos de pesquisa e de Trabalhos de Conclusão de Curso em Pedagogia, articulado às disciplinas estudadas, como instrumento construtivo da tessitura de identidades e saberes na formação inicial e contínua dos professores.

No percurso da orientação, não apenas teorias, realidades externas, eram reveladas, mas também a identidade com a profissão, o resgate de história de vida, o repensar da própria formação do orientando, dando consistência aos saberes da vida, da prática, da teoria. O exercício de orientação como partilha de experiências nas rodas de leitura dos projetos, bem como nos atendimentos individuais e coletivos, ensinou-me também a me reconhecer professora inconclusa.

Ao propor "A (Re) Visão do Projeto Pedagógico a partir do olhar sobre as Atividades Práticas: Um estudo de caso no curso de Pedagogia da Unaerp - Campus

---

<sup>1</sup> Apresentado no XI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, na cidade de Goiânia - Goiás, em 2002.

Guarujá”<sup>2</sup>, juntamente com mais duas colegas, desejava promover uma discussão sobre a reorganização da matriz curricular nos cursos de Pedagogia, principalmente no que diz respeito ao lugar da Prática de Ensino e seu entendimento no interior desta matriz.

A conexão da disciplina “Atividades Práticas” com o Estágio Curricular colocou-nos inúmeras questões. Todavia, as orientações e as elaborações de projetos junto com os alunos do curso de Pedagogia, bem como a observação do trabalho docente, tanto dos futuros professores como dos professores das escolas-campo, e de nós mesmos enquanto docentes do curso, mostraram a importância da pesquisa na formação do educador e provocaram a reflexão acerca do quanto o exercício do pesquisar e do pesquisar-se se complementam.

É exatamente nesse sentido do pesquisar-se, na busca constante desta reflexão sobre a prática docente, que apresentei o trabalho “Perceber-se professor: um caminho entre práticas e teorias e vice-versa”<sup>3</sup>. Neste trabalho relato a experiência realizada no curso de Pedagogia, na disciplina de Didática, com professores em processo de formação inicial e contínua, uma vez que a partir da nova LDBN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9394/96) muitos docentes buscaram complementar sua formação em nível superior de ensino.

As questões teóricas foram tratadas e discutidas a partir de vivências e das próprias experiências destes alunos na escola onde atuam. Colocamos em confronto o que há de significativo em cada teórico estudado para a sua realidade e os incentivamos a repensar a prática, tanto aqueles que já atuam como os que estão iniciando, pois vão apontando os caminhos que irão percorrer, sabendo-se do professor que desejam ser.

A experiência mostrou que as imagens que ficam para os alunos acerca daqueles professores que, de alguma maneira, os fizeram crescer e o sucesso de alguns trabalhos contribuem para a construção de suas próprias imagens como futuros professores, elaborando, assim, suas maneiras de ser e estar na profissão.

Inicialmente, pretendia partir da problematização das condições de trabalho dos professores, profissionais em busca de sua identidade frente às novas exigências da profissão, numa sociedade em mudança. Interrogava-me: Por que o

---

<sup>2</sup> Trabalho apresentado na ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - 26ª Reunião Anual, em outubro de 2003.

<sup>3</sup> Trabalho apresentado no VII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores - Teorias e Práticas, Imagens e Projetos, em São Paulo, no ano de 2003.

silêncio dos professores diante das dificuldades cotidianas para assumirem sua profissão? Quais as possibilidades de realização nessa profissão?

Como se pode observar, minhas inquietações situavam-se até então na questão da identidade profissional e nos silêncios dos professores em relação à sua condição de viver a e na profissão docente. Meu discurso situava-se fortemente na esfera política da profissão.

No entanto, com o desenrolar dos estudos e encontros no GEPI (Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinares), pesquisando, lendo e discutindo a bibliografia do curso, foi ocorrendo um amadurecimento do trabalho, que até então só identificava questões de ordem político-pedagógicas.

Nesse percurso, os estudos, debates, leituras, discussões sobre Interdisciplinaridade no GEPI, sob a batuta da prof<sup>a</sup> Ivani Fazenda, instigaram-me a ponto de sentir o acolhimento da minha palavra poética, desvelando assim um talento adormecido, a paixão pela escritura. Entenda-se aqui a escritura como a paixão pela criação escrita, pela poesia, pela literatura, pela arte da palavra escrita, maturada no âmago mais profundo do Ser, em que a razão se submete à sensibilidade. Escrever exige respeito pelas palavras, cuidado com elas. Tal ofício é exercido no silêncio mais profundo de nossos pensamentos, de nossas idéias. Um instante sagrado permeado de rituais onde nasce a palavra, onde paira o silêncio.

Nesses encontros no GEPI, as leituras e debates, principalmente sobre o texto “O Sentido do Sentido”, de Gaston Pineau (2000), bem como as contribuições de Fazenda<sup>4</sup>, com toda sua produção, mas principalmente sua última obra, “Interdisciplinaridade qual o sentido?”, e o material produzido por Lenoir (2004) nos estudos sobre a pesquisa na perspectiva da Interdisciplinaridade foram delineando novos caminhos, novas possibilidades.

Caminhar entre Palavra, Silêncio e Escritura na produção desse trabalho de pesquisa exigiu uma forma de investigação capaz de capturar o silêncio de cada língua que pergunta (SOUSA SANTOS, 1997, p.49), constituindo-se durante o trajeto em novas perguntas.

Não se trata, portanto, de formatar um trabalho, mas de decifrá-lo, perceber nuances, traduzir metáforas. É o que podemos compreender nas palavras de Fazenda ao apresentar essa nova forma de investigação:

---

<sup>4</sup> Para conferir as produções de Fazenda nos mais de vinte anos de pesquisa sobre Interdisciplinaridade, vale consultar: PUC-SP, s/d.

A investigação interdisciplinar pode ser exercida por meio de metáforas, da construção de mandalas a partir do ato de desvendar em espiral.

A espiral interdisciplinar, tal como na física, por exemplo, não se completa linearmente, e sim pontualmente. Os pontos da espiral se articulam de forma gradual, não de uma única vez, mas todos os pontos que aparecem têm a ver com os que os antecederam:

- O primeiro ponto é a primeira pergunta que nasce do investigador por intermédio da experiência ou da vivência pessoal.
- A vivência pessoal leva a experienciar sensorialmente e a viver o conhecimento em suas nuances.
- À medida que se vive o conhecimento, inicia-se um caminho de reflexão sobre o vivido e nele o encontro com teóricos de diferentes ramos do conhecimento. (FAZENDA, 2001, p.23)

Talvez possamos afirmar que o momento mais intenso na produção de uma tese é viver o conhecimento. Viver o encontro com o conhecimento exige um encontro consigo mesmo à medida que se conhece a palavra do outro (os teóricos) e que se permite uma comunicação com o mundo interior no encontro consigo mesmo.

Na verdade, as discussões e as orientações foram ampliando o olhar da pesquisadora para focar a pesquisa num outro viés. Qual o sentido da Palavra e do Silêncio nos processos de formação? Qual a força da palavra do professor em sala de aula?

Para encontrar respostas à primeira pergunta, iniciou-se um diálogo com a Filosofia, com a Teologia e principalmente com a mística de Teresa D'Ávila<sup>5</sup>. Mergulhar no universo da escritura de Teresa D'Ávila nos reporta a uma experiência indescritível, pois desde as primeiras leituras percebe-se a força de sua palavra viva. As palavras de Teresa são envolventes e arrebatadoras como seus próprios arroubos. Aproximar-se dela pode significar uma viagem ao mais profundo da busca de nossa ipseidade.

No caminho, fui percebendo que não estava preocupada apenas com a formação dos professores, mas com a formação do ser humano. Passei, então, a pensar na forma como vivemos num mundo barulhento, num mundo moderno que nos jogou para fora e o tempo todo nos impede de vivenciar momentos de

---

<sup>5</sup> Teresa nasceu em 28 de março de 1515, em Ávila, e morreu em 4 de outubro de 1582, em Alba de Tormes. Viveu 67 anos, dos quais apenas vinte de intensa atividade como fundadora, escritora, contemplativa e caminheira de Deus pelas terras da Espanha do século XVI (Frei Patrício Sciadini, OCD - Ordem Carmelita Descalços).

recolhimento e quietude. Sem recolhimento e quietude fica difícil o cultivo do mundo interior, a exploração e a descoberta da importância de nos religarmos ao divino que mora em nós.

Para tentar responder à segunda pergunta, procurou-se rever algumas das intervenções<sup>6</sup> do GEPI nos trabalhos de formação com professores da rede municipal de ensino ocorridas no período entre 1995 a 2007, nos estados de: Rio de Janeiro (Resende), Rondônia (Porto Velho) e Rio Grande do Sul (Cachoeira do Sul).

Tratar dessas intervenções me instigou a olhar no espelho das diversas salas de aula por onde venho caminhando ao viver a educação nesses quase trinta anos de profissão. Rever os espaços de formação nessa trajetória vislumbrando desde a primeira sala de aula na educação básica até o curso superior, atuando no curso de Pedagogia, me permitiu constatar que buscar a Palavra e o Silêncio, o mundo interior, se constitui num processo de vida.

Os estudos no GEPI mostraram-me, como sempre afirmou Fazenda, que temos apenas uma pesquisa em toda nossa vida e que numa tese, mais do que dizer muito, você precisa dizer sua alma. Assim, nesse caminho de construção da tese, pôde-se notar que os processos formativos, observando as práticas realizadas em toda a minha vida, poderiam resumir-se a: dar a palavra, exercer a escuta, ouvir o silêncio.

Nesse sentido, esta se trata de uma pesquisa-ação<sup>7</sup> que, mediante a escuta sensível exercida nos diversos itinerários percorridos na trajetória profissional, busca identificar o sentido e a força da palavra para uma formação mais humana. Uma pesquisa existencial, portanto, é produto de um processo de uma vida inteira. No percurso do trabalho realizado, reconheci-me estudiosa da palavra e do silêncio.

---

<sup>6</sup> O trabalho em Porto Velho foi a experiência que me exigiu muito mais do que qualquer outra. Assumi muitas funções: coordenadora do grupo de pesquisadores, professora na sala de aula, mediadora junto aos organizadores do evento. Porém, a mais desafiadora das funções foi representar a mestra Ivani, a responsabilidade era grande, ela me lançou para o Norte acreditando no potencial que eu mesma talvez não tivesse me dado conta. Em Cachoeira do Sul, o Encontro com a Palavra, título da atividade desenvolvida, significou o encontro com a possibilidade de pesquisa, a confiança de que era possível, o apoio da orientadora no silêncio do quarto do hotel, o caminho estava aberto.

<sup>7</sup> Barbier entende a atividade filosófica como práxis existencial. Declara que tenta tornar-se um filósofo clínico, chamando de “filosofia clínica” “a atividade do pensador no sentido em que este engloba, dialeticamente e de um modo dinâmico, o corpo, a alma e o espírito, a natureza e a cultura, o imaginário e o simbólico, a modernidade e a tradição, num esclarecimento da relação de um sujeito com ‘seu mundo’”. (BARBIER, 2004, p.140-1)

Para Barbier (2004, p.141):

A escuta sensível permite “compreender do interior” [...] É uma arte sobre pedra de um escultor que, para fazer surgir a forma, deve primeiramente passar pelo trabalho do vazio e retirar o que é supérfluo, para tomar forma. No domínio da expressão humana, o que é supérfluo cai, desde o momento em que se encontra diante do silêncio questionador. É com efeito no silêncio, que não recusa os benefícios da reformulação, que a escuta sensível permite ao sujeito desembaraçar-se de seus “entulhos” interiores.

Talvez seja esse o sentido maior da pesquisa, retirar os entulhos interiores, mas para tal se faz necessária a compreensão do processo.

Comecei o trabalho de pesquisa buscando decifrar o silêncio dos professores e encontrei “As formas do Silêncio”, de Orlandi (1992, p.105), obra na qual a autora explicita alguns princípios sobre silêncio, os quais destacaremos a seguir.

Primeiro, o silêncio não fala, ele significa. É, pois, inútil traduzir o silêncio em palavras; no entanto, é possível compreender o sentido do silêncio por métodos de observação discursivos.

Segundo, considera pelo menos duas grandes divisões nas formas do silêncio: a) o silêncio fundador; e b) a política do silêncio. O silêncio fundador é aquele que torna toda significação possível, e a política do silêncio dispõe as cisões entre o dizer e o não-dizer. A política do silêncio compreende, ainda, duas subdivisões: o silêncio constitutivo (todo dizer cala algum sentido necessariamente) e o local (a censura).

Terceiro, o silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. Também ressalta a autora que as palavras vêm carregadas de silêncio(s).

Silêncio e Palavra acompanharam-me nessa trajetória. Inquietou-me principalmente a provocação de Nóvoa (2002) a respeito do discurso em moda sobre o conceito de professores reflexivos. O professor português faz crítica às produções recentes sobre a formação de professores, as quais omitem, deixam na sombra, as

grandes contradições em relação às exigências da profissão na atualidade e as condições em que atuam os professores hoje.

Afirma o pesquisador que “os professores tendem a ser responsabilizados, por parte do Estado e da sociedade, pela incapacidade da escola para dar resposta aos grandes desafios do tempo presente” (NÓVOA, 1992, p.46). Para ele, os professores têm de abandonar uma atitude defensiva e “tomar a palavra na construção do futuro da escola e da sua profissão” (p.48).

Vasconcelos (2003, p.13), em artigo publicado pela Revista Pátio, registrava o fato de que muitos professores estavam desistindo da profissão em silêncio. O silêncio persiste na atitude dos professores desde há muito tempo, como destaca Fazenda (1988), em sua obra “Educação no Brasil anos 60: o pacto do silêncio”, na qual chamou atenção para a questão da educação na referida época, abordando o silêncio que calou os professores.

Silêncio, Palavra, “tomar a palavra”, expressões que persistem em minhas inquietações no campo educacional. Para Gusdorf (1970), tomar a palavra é tornar a experiência num universo do discurso. Por que não assumir o discurso? Pergunto a mim mesma e aos professores. Seria preciso então *transformar certos silêncios em fala* (PONTY, 1994, p.250) e, para tanto, nascer pela palavra.

Silêncio e palavra povoaram meus pensamentos durante todo o percurso, no exercício de busca de sentido. Ao tentar compreender o sentido do silêncio encontro Pineau (2000), e na leitura de seu texto “O Sentido do Sentido”, nas muitas leituras realizadas para compreendê-lo, vislumbro as entrelinhas e percebo na sua escrita o exercício da palavra e do silêncio.

Mergulhada da teia da tese, volto a escrever poesias, a pensar poesia, a sentir poesia. Ao tentar compreender o silêncio em Orlandi, volto-me ao meu próprio silêncio. Em silêncio, identifico-me com Teresa D’Ávila, descubro sua palavra.

A palavra em Teresa de Ávila é mística, metafórica, surpreendente. Teresa me leva ao Castelo Interior e nele ao exercício do *Conhece-te a ti mesmo*.

Enquanto estamos nesta terra, não há coisa que mais nos importe do que a humildade. E assim volto a dizer que é muito bom, extremamente bom, entrar primeiro no aposento do conhecimento próprio antes de voar aos outros, porque esse é o caminho. (Castelo interior, p.448, In: ÁVILA, 2001)

Conhecer-se é encontrar-se com Deus. Teresa D'Ávila escreve que “jamais chegaremos a nos conhecer totalmente se não procuramos conhecer Deus” (Castelo Interior, p.449, In: ÁVILA, 2001). Sua mistagogia me faz refletir sobre a formação hoje. Na sala de aula nos preocupamos com o conteúdo, a matéria, a disciplina; no entanto, por mais que os discursos chamem atenção para uma formação integral do indivíduo, não passamos do nível intelectual. E hoje as escolas sofrem severas críticas por não ensinarem o básico para as crianças e jovens, o que nos permite dizer que mesmo o nível cognitivo do desenvolvimento humano está cada vez mais pobre.

Teresa talvez possa nos ensinar o sentido verdadeiro do autoconhecimento, do encontro consigo mesmo, do encontro com o conhecimento de si mesmo como parte importante da formação humana. Talvez esteja faltando nas instituições de ensino essa aproximação com o divino que mora em nós, no silêncio e na palavra.

Na sala de aula, como se dá a palavra do professor ao aluno? Dar-se à palavra, como Larrosa (2004) ensinou? Se a fala é um gesto, como afirmou Ponty (1994), que gesto e que fala o professor exercita em sua profissão ao tratar com seus alunos e consigo mesmo?

Larrosa me responde que este gesto é filosófico. Um estranhamento é necessário para permitir ao outro as descobertas. O professor tem como instrumento primeiro em sala de aula sua fala e seu silêncio, sua palavra. Que linguagem seria esta? Heidegger (2003) me responde em “A caminho da Linguagem”, e eu, embevecida com tantas falas, envolvida por elas, continuo a buscar.

Minha fé na profissão, na possibilidade de formar pessoas sensíveis e capazes de cultivar o mundo interior, me elevou e me fez caminhar nessa profissão entre atitudes voltadas para a educação e a política, entre a sensibilidade e o intelecto, entre o sorriso e a palavra mais séria, entre a fé e a razão, entre tantas lutas, muitas vezes silenciosas, travadas a cada desafio de formar novas turmas, novos problemas, novas situações.

Essa força interior me faz pensar diante de cada um desses obstáculos que, apesar de tudo, ser professor vale a pena, pois essa será sempre a mais bela de todas as profissões. A profissão capaz de levar a palavra, o conhecimento, desvelar, em sala de aula, cada Ser que descobre o mundo como se fosse a primeira vez. Concebo a sala de aula como um lugar sagrado, como sagrado é o momento da aprendizagem, o momento da descoberta do conhecimento, o momento em que o

indivíduo se descobre capaz de aprender, o momento de acreditar em si mesmo, de acreditar que não estamos sós.

Minha busca ontológica situa-se na discussão sobre Ser Professor, pensando nas possibilidades de alcançarmos uma sala de aula interdisciplinar, na qual a palavra e o silêncio promovam o encontro de sensibilidades humanas, lugar de encontro de humanidade.

Fazenda (2003, p.70-1), ao discorrer sobre as teses e dissertações por ela orientadas e analisar as produções de seus orientandos, identifica salas de aula diferenciadas – salas interdisciplinares – e, nesse sentido, afirma que a sala de aula é o lugar onde a interdisciplinaridade habita. Nela a autoridade é conquistada e o aluno sente satisfação, e não obrigação, de estar lá. O saber arrogante dá lugar ao saber humilde, o trabalho solitário é substituído pela ação cooperativa, com todos passando a se ver como parceiros, e o que propicia esse movimento é a percepção do ritual que existe do começo ao fim, um ritual de encontro, de parceria.

Depois de conviver com Fazenda, passei a me dar conta de que não mais estava utilizando a expressão “hoje vou dar aula de Didática em tal classe”, mas “hoje vou me encontrar com tal turma”. Estando em sala de aula, ao estudar os teóricos da disciplina, passei a convidar meus alunos e alunas a encontrarem-se com os autores, convidá-los a tomar um café, almoçar ou mesmo dormir com eles, o que sempre causa muitos risos. É comum meus alunos, ao me encontrarem nos corredores, dizerem “professora, hoje consegui tomar um café com tal autor”, ou ainda “hoje consegui dormir com tal autor”, e começar a discutir, a problematizar o texto comigo. Observei, dessa forma, como nossa palavra em sala de aula pode fazer sentido para o aluno que nos acompanha.

Minha busca axiológica me remete à palavra do professor, à força da palavra em sala de aula, e me leva a fazer uma releitura das experiências realizadas na formação de professores, questionando a fala enquanto gesto capaz de fazer nascer pela palavra e a escrita como inscrição nesse mundo. Nessas experiências, observo a premência da expressão dos professores em processo de formação inicial ou continuada, da voz, da fala, da escritura para compreender quanto somos seres de palavra e silêncio, compreender a importância de assumir a sua palavra.

Minha busca epistemológica lança-me ao estudo do sentido da palavra e do silêncio na constituição de nossa riqueza interior, do que nos faz humanos. Nesse mundo interior, nessa busca pelo “si mesmo”, o encontro com Deus. Nesse exercício

de volta ao interior, reencontro meu próprio silêncio, minha palavra travestida de poesia.

Diante dos caminhos que se apresentaram na construção deste trabalho, faço a escolha do caminho de dentro, aquele que me leva à interioridade, à elevação da alma, pois nisso acredito. Se a educação não educar o espírito, se a educação não transcender o conteudismo das propostas educacionais, não haverá mundo interior, apenas continuaremos a produzir o barulho da modernidade, continuaremos a nos lançar para fora de nós mesmos.

Porém, de que lugar poderei falar de espiritualidade e filosofia? Não sou teóloga, filósofa ou epistemóloga. Quase me vejo na condição de pedir desculpas por tal ousadia. Numa pesquisa *interdisciplinar e transdisciplinar* ousamos abordar questões vitais (PINEAU, 2000, p.31). Tornar pública tais inquietações é ousadia maior.

Nessas buscas, encontro nos escritos de Teresa D'Ávila uma fonte de inspiração e de material de pesquisa para discutir as possibilidades de uma educação para a contemplação, contrapondo-se à ruptura promovida pela modernidade ao nos lançar cada vez mais num mundo barulhento, num ritmo avassalador, em que somos incapazes de nos enraizarmos em nossa interioridade para desenraizarmos em nossa divindade humana.

Foi assim se acentuando cada vez mais a necessidade de, tal qual Clarice Lispector<sup>8</sup>, cozer o texto para dentro. Na construção do caminho que a tese veio percorrendo, algumas experiências se revelaram com os textos me desejando, no sentido de Barthes<sup>9</sup>, pois as buscas pelo material de pesquisa acabaram mostrando para mim mesma que não estou sozinha na elaboração do trabalho.

Exemplo disso é o texto de Thiago de Mello, produzido em 1951, "Silêncio e Palavra". Há tempos vinha procurando o material, difícil de encontrar mesmo em sebos. Depois de muito procurar, consegui contato com alguém que organizara a divulgação nos meios virtuais das produções do poeta; porém, dois anos já haviam passado e não vinha resposta. Tentei novamente no começo 2006, e dessa vez

---

<sup>8</sup> Clarice é considerada uma escritora intimista e psicológica. Dizia ela: "Algumas pessoas cosem para fora; eu coso para dentro." Como toda boa literatura, sua produção acaba por envolver outros universos. Sua obra não deixa de ser também social, filosófica, existencial e metalingüística. (CEREJA, 1995, p.413)

<sup>9</sup> Roland Barthes (1915-1980), no livro "Crítica e Verdade", escreveu: "Ler é desejar a obra". Para ele, o autor de um texto não pode prever a leitura que cada pessoa fará do que ele escreveu e é aí que reside "o prazer do texto". Barthes deixou um modo peculiar de enxergar a linguagem e o mundo que ela constrói – costurando poética, crítica e, sobretudo, prazer. Cf.: GIAMATEI, 2003.

surpreendi-me quando alguém me colocou em contato com o editor da obra relançada em comemoração aos 50 anos de vida literária do autor, obra que teve o patrocínio do governo do Amazonas.

Ao rever minha trajetória profissional, identifiquei o fragmento de um texto de Tristão de Athayde, “Palavra e Silêncio”, com o qual trabalhei durante muito tempo para sensibilizar meus alunos para a produção escrita. Procurei durante longo tempo uma referência, pois na época em que utilizava o material acabei não registrando a fonte; provavelmente retirei-o de algum livro didático de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, quando iniciei minha carreira no magistério.

Depois de muitas buscas, somente em 2007, consegui o e-mail de uma pessoa da família de Alceu Amoroso Lima<sup>10</sup>, que se dispôs a ajudar-me a localizar a obra. Depois de alguns e-mails<sup>11</sup> trocando informações, recebi a notícia de que Irmã Maria Teresa<sup>12</sup> havia indicado o livro “Meditação Sobre o Mundo Interior”, publicado em 1954.

Primeiro fiquei atônita pelas coincidências. Tratava-se de Madre Teresa, filha de Alceu. Ela foi abadessa de um Convento Beneditino, em São Paulo, onde vive atualmente com a saúde fragilizada. A pessoa da família com a qual mantive contato estuda a obra de Alceu, está escrevendo sua biografia e reside na Bahia. De lá essa pessoa conseguiu contatar Madre Teresa e obter as informações.

Depois de trocarmos alguns e-mails, essa mesma pessoa ficou de enviar-me uma cópia de um capítulo da obra. Passados alguns dias, o carteiro entregou em minha porta a encomenda, e mais uma vez a emoção tomou conta de todo o meu ser. Recebera em minha casa o livro publicado em 1954, um livro bem envelhecido, como envelhecidas deviam estar as minhas buscas.

---

<sup>10</sup> Alceu Amoroso Lima nasceu na cidade de Petrópolis, a 11 de dezembro de 1893. Crítico literário e polígrafo, adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde. Em 1926 publicou o livro "Afonso Arinos" – estudo crítico sobre a obra do escritor mineiro falecido em 1916. Em "Estudos" reuniu, em cinco séries, trabalhos de crítica datados do período 1927-1933, sendo considerado o crítico do modernismo. Convertido ao catolicismo por influência de Jackson de Figueiredo, Alceu tornou-se um dos mais respeitados paladinos da Igreja Católica no Brasil. Assumiu a direção do Centro Dom Vital, que congregava os líderes do catolicismo no Rio de Janeiro. Catedrático de Literatura Brasileira na Faculdade Nacional de Filosofia, foi um dos fundadores da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Diretor de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos (1951). Cf.: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, s/d.

<sup>11</sup> Ver Anexo I, p.154.

<sup>12</sup> Irmã Maria Teresa Amoroso Lima, 78, filha de Alceu, abadessa de Santa Maria, mosteiro beneditino em São Paulo. Ela se correspondia diariamente com o pai, de quem recebia cartas de até dez páginas.

Novamente entrei em contato por e-mail, agradecendo e perguntando quanto tempo poderia ficar com o material. A resposta generosa alcançou a minha alma, desfazendo-a em lágrimas sobre o teclado do computador. Essa pessoa afirmava ter mais um exemplar e dizia: “O livro é teu, gostei muito de sentir teu genuíno interesse por ele.”

Assim, diante desse caminho, que não se encerra com a produção aqui apresentada, porque infinitas são as buscas, talvez possa dizer que subjaz em cada método que procura muitos caminhos que se cruzam, se aproximam e se distanciam novamente para que, num movimento em espiral, o conhecimento jamais se feche.

Parafraseando Baouventura Souza Santos (1997, p.49), se apenas uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta, talvez sejam ainda necessárias múltiplas abordagens para dar conta das inquietações aqui apresentadas, pois entendo que apenas me inicio no processo.

O processo de criação da tese, portanto, só pode acontecer no entrelaçamento de *diferentes formas de ver o mundo, e uma tese interdisciplinar faz esse caminho* (FAZENDA, maio de 2006).

Essas diferentes formas de ver o mundo exigem uma conversão do olhar, um olhar para dentro e para fora, ora mais para o interior, ora mais para o exterior, numa atitude desprezada pela modernidade<sup>13</sup>, que abriu mão dessa riqueza interior para se fixar na materialidade da vida, seguindo outros caminhos.

Ao chegar ao título da tese, “Palavra, Silêncio, Escritura: A mística de um currículo a caminho da contemplação”, muitos caminhos haviam sido percorridos, vividos intensamente na descoberta de cada palavra nova, de cada novo conhecimento.

Tentarei explicitar um pouco mais os caminhos. Quando falo de educação interdisciplinar estou querendo me referir a uma educação que se dá acima do nível das palavras. Numa sala de aula onde ocorra uma comunicação profunda, onde se aprende a falar de dentro, onde se cultive a interioridade e a essência do ser. A interdisciplinaridade como atitude de abertura para o conhecimento, buscando conhecer mais e melhor, me inspira a pensar que essa abertura me leva para dentro, para o interior do ser pessoa, profissional, humano.

---

<sup>13</sup> Tratarei dessa questão no capítulo 2, em que abordo o silêncio interior como silêncio místico.

O conhecimento, não aquele de gavetas ou gaiolas, mas o conhecimento que parte do conhecimento de si mesmo para elevar-se, aproximando-se de Deus, não do Deus das crenças, mas “o Deus transcendente e infinito que se manifesta em todo lugar inclusive nas crenças alheias” (TEIXEIRA, 2004, p. 30). Quando chego a esse ponto já estou falando de uma experiência mística, pois esta provoca necessariamente um aprofundamento de si, um despojamento e desapego que impulsionam o sujeito para a dinâmica da alteridade. Um processo lento, complexo e permanente.

Para atingir esse despojamento, precisamos de uma outra pedagogia, talvez a *pedagogia do esvaziamento*, para utilizar uma linguagem da mística. Um esvaziamento no querer, no saber e no ter (ECKHART apud TEIXEIRA, 2004, p.31).

Quem são os místicos? Para os estudiosos da mística, eles são aqueles que conseguem captar a dimensão de profundidade presente na vida e reconhecer o outro lado das coisas, conseguem romper fronteiras, pois sua experiência é de proximidade do mistério. A raiz da palavra mística, do grego, significa “fechar os lábios e os olhos”; portanto, o místico é alguém muito familiarizado com a visão interior, seu olhar é para dentro, trata-se, logo, de uma visão profunda da realidade escondida.

Para construir o caminho da tese demarcada por esse olhar para dentro, o conhecer-se a si mesmo, o encontro com a infinitude do ser, o encontro com o indizível, Deus (na mística é assim que se denomina o indizível), aproximo Barbier (2004), pois em sua obra intitulada “A Pesquisa Ação” observo a possibilidade de sustentação do caminho que a tese pretendeu percorrer.

Com Barbier posso dizer do meu tempo de escuta sensível, ao destacar algumas salas de aula, aquelas onde atuei e continuo atuando como formadora. Sua técnica do diário de itinerância me ajuda a pensar no meu instrumento de investigação – os caminhos, as experiências realizadas. Explica itinerância como representação de “um percurso estrutural de uma existência concreta tal qual se manifesta pouco a pouco, e de uma maneira inacabada, no emaranhado dos diversos itinerários percorrido por uma pessoa” (BARBIER, 2004, p.134).

Fazenda (1994) denomina seus orientandos pesquisadores de *filósofos em atos*, e Barbier afirma que a atividade filosófica é antes de tudo uma práxis existencial. Ao falar da expressão filosófica, escrita ou oral, coloca a questão do

tangenciamento dessa expressão, da dificuldade para descrever a mutação do ser no mundo.

Nesse sentido, Barbier (2004) se aproxima da filosofia oriental ao afirmar que essa essência do real, essa relação de desconhecido, gera um sentimento que conduz ao silêncio. Assim, para Barbier o homem estará sempre dividido entre o silêncio e a palavra. O dizer estará entremeado de silêncios heurísticos.

Ouso discordar de Barbier quando afirma que o homem estará sempre dividido entre silêncio e palavra. Chamo aqui para me ajudar na discordância o prof. Bauchwitz, que estudou a obra de João Escoto Eriúgena, ou Erígena, que viveu no período denominado “Renascimento Carolíngio”. O professor propõe-se a investigar o que significa silêncio a partir do pensamento de Eriúgena.

Bauchwitz (2003), no desenrolar de seus estudos, destaca que Ser humano significa retirar o não ser do silêncio e fazer que sejam todas as coisas na palavra. Vale lembrar que nesse capítulo ele está discutindo a natureza como palavra e silêncio: ser e não ser. Assim, entende-se que “a palavra designa a manifestação do ser humano, ao tempo que é o meio pelo qual o próprio homem cria-se a si mesmo. Palavra e silêncio pertencem ao movimento de realização do ser humano, ambos constituem a natureza humana” (p.27).

Portanto, não posso concordar com Barbier ao tratar da divisão entre uma coisa e outra, ser palavra ou ser silêncio. Se a tensão existe, existirá igualmente: palavra e silêncio.

Na minha busca pelo silêncio, sou apresentada ao silêncio em Plotino pelas palavras de Gabriela Bal. Em Plotino, Bal (2007) explica que não existe para o filósofo apenas um homem, senão muitos homens a conviver em um Único Homem – aquele que importa –, o Homem Unificado. Esse Homem Unificado aparece com as seguintes denominações na obra de Plotino: o homem interior, o homem-em-si e o homem senhor de si mesmo.

O Homem Interior corresponde ao “homem separado”, ou seja, àquele homem que conhece não apenas através do raciocínio discursivo, mas sim através da parte mais alta da Alma, aquele que não necessita de um órgão específico, mas que permanece somente no inteligível. Ao apontar para a existência do inteligível, Plotino dá a conhecer aos homens as ferramentas e os meios através dos quais estes podem não apenas conhecer a realidade inteligível e sua imagem, a realidade sensível, mas sobretudo, se reconhecerem fazendo

parte dela. A sensibilidade humana opera sempre nos dois sentidos: da exterioridade e da interioridade. (PLOTINO, apud. BAL, 2007, p.55)

Os estudos de Bal (2007) sobre o pensamento de Plotino me chamam atenção ao destacarem “é ao voltar o seu olhar ao seu princípio que as realidades se tornam plenas e então engendram a realidade subsequente”. E para entender essa idéia é necessário a conversão do olhar para uma forma de pensar que ultrapasse o discurso linear, remetendo ao ato reflexivo, a uma interiorização, o que corresponde à contemplação.

Dos caminhos trilhados na filosofia e na mística, é o caminho de Teresa D'Ávila (2001) que me mostra o percurso para o Homem Interior, para o encontro com o divino que mora em nós. Reconhece esse mundo interior a que chama Castelo.

Ao usar a metáfora do Castelo Interior, afirma que para entrar nesse castelo a porta é a oração e a reflexão. Defende a oração mental e não vocal. Diz também da oração da quietude, da união. Nosso castelo tem muitas moradas, afirma Teresa, denominando sete moradas. A cada passo que se dá em direção à próxima morada, maior a elevação da alma, maior a exigência aos desapegos. O objetivo é chegar ao centro e encontrar Deus, a quem chama de Rei, Majestade.

Volto a dizer o quanto ela ressalta ser importante o conhecimento próprio antes de voar aos outros aposentos do Castelo, porque esse é o caminho. Nesse caminho é necessária a humildade. Humildade para nos aprofundarmos mais no conhecimento de nós mesmos, pois acredita que jamais chegamos a nos conhecer totalmente se não procurarmos conhecer Deus. (ÁVILA, 2001, p.449)

Para elevar-se a cada morada do castelo, é preciso ir deixando no caminho o orgulho, a vaidade, o apego às coisas materiais. A busca da perfeição, segundo Teresa, encontra-se em quem melhor age com justiça e verdade.

Voltemos então ao tema educação para a contemplação, para a escuta, para o exercício de Ser Palavra e Silêncio, questionando-nos: Em que medida a Educação hoje permite esse encontro? Em que medida na sala de aula o professor dá a palavra e escuta o silêncio? Qual o sentido do Silêncio nos processos de formação? Qual a força da palavra do professor em sala de aula?

Talvez esteja faltando nas instituições de ensino essa aproximação com o divino que mora em nós, no silêncio e na palavra. Uma aproximação entre educação, formação, mística e filosofia, uma educação que caminhe entre espiritualidade e religiosidade, uma educação que esteja a caminho da contemplação, como passo necessário para dar conta de alguns dos muitos impasses da educação hoje.

Tal qual o artesão que tece a taboa para fazer a esteira em que descansará seu corpo, vencido pelo cansaço da luta diária, espero que ao final da caminhada, na tessitura desses itinerários, também possa ter provocado a reflexão sobre a necessária compreensão, diante de nossas incertezas, de que, mais do que controlado, o mundo precisa ser contemplado. (SOUSA SANTOS, 1997, p.53)

Assim, o percurso está organizado em quatro capítulos. No primeiro, procuro situar Palavra, Silêncio e Escritura como constituintes do Ser, exercendo a escuta daqueles que já percorreram esse caminho. Realizo diferentes percursos transitando pela Educação, Filosofia, Filosofia da Linguagem.

No segundo capítulo apresento um estudo sobre o Silêncio Interior, uma questão da mística, recorrendo principalmente à Filosofia e à Mística Cristã de Teresa D'Ávila para explorar o sentido do conhecimento desse mundo interior.

No terceiro capítulo, intitulado “Palavra, Silêncio e Escritura: Um processo de vida”, registro o resultado de minha própria busca interior. Nele coloco no espelho algumas das experiências mais significativas na trajetória profissional e percebo possíveis caminhos para a contemplação.

No quarto capítulo coloco-me a caminho da contemplação. Nele novas perguntas retomam a discussão sobre a educação do ser humano, a sala de aula, a formação de professores. São reflexões fincadas na espiritualidade como fundamento para uma educação da interioridade, numa reaproximação com os laços rompidos: mundo exterior e mundo interior. A tessitura do aprendizado dessa *andarilha* alimenta a crença de que é possível pensar na mística da revelação do conhecimento interior como momento sagrado, remetendo a uma educação para a contemplação do mundo, uma educação do espírito, mais do que uma educação do intelecto.

Foram tantos os caminhos que talvez não caibam na tese. Tal qual Ferreira Gullar em seu poema “Não há vagas”, quando diz que os preços do arroz e do feijão não cabem em seus versos, diria que todo o caminho que fiz não cabe na tese, não

cabe na tese o que tenho vivido, aprendido e me modificado, não cabe no texto a experiência do conhecimento revelado, não cabe na tese o que está para além da tese, além das palavras, não cabe na tese o silêncio que permanece em forma de palavra.

## CAPÍTULO I – PALAVRA, SILÊNCIO, ESCRITURA: UMA QUESTÃO METAFÍSICA? UMA QUESTÃO DO SER

Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.  
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.  
Espera que cada um se realize e consuma  
com seu poder de palavra com seu poder de silêncio.  
[...] Chega mais perto e contempla as palavras.  
(DRUMMOND DE ANDRADE, 1973)

Neste capítulo, procuro, inicialmente, organizar a escuta daqueles que se ocuparam da *palavra*, do *silêncio*, da *escritura*, da *linguagem* e da *fala*, no intuito de trazer suas contribuições para pensarmos palavra e silêncio enquanto construtores do Ser, da pessoa humana. Se na prática educativa sempre busquei a poesia para sensibilizar alunos e alunas e provocá-los à reflexão sobre o “Ser Professor”, como apresentarei mais adiante<sup>14</sup>, aqui tornou-se necessário adentrar pelos caminhos da filosofia, pois a busca do “Ser Professor” levou a questões como ser profissional, ser pessoa humana, enfim, conduziu a uma busca pelo Ser. Poderia-se, então, traduzir esta busca como uma questão metafísica? Palavra e Silêncio, ser e não ser.

Em tal percurso pôde-se perceber a necessidade de retomar numa perspectiva histórico-filosófica os elementos fundamentais para pensar o ser pessoa e profissional; trata-se, portanto, de uma busca ontológica. Neste estudo persigo palavra e silêncio enquanto manifestação do pensamento (do ser), o que faz emergir algumas questões, tais como: Até que ponto podem a palavra e o silêncio nos dar o ser na sala de aula? Em que medida o professor contribui para o desvelamento do ser? O que é ser professor? O professor também se desvela?

Tratar da palavra pode parecer tautologia, mas quem é o professor senão um profissional da palavra? Como bem escreveu Larrosa (2004, p.24), nosso ofício é um ofício de palavras e de idéias. Quanto às palavras, não apenas fazemos coisas com elas, afirma ele, mas também, e sobretudo, as palavras fazem coisas conosco. Ainda segundo Larrosa, em relação às idéias, nós, professores, aceitamos e rechaçamos idéias, defendemos e atacamos idéias, provocamos, exploramos, inventamos idéias. Conforme afirma o referido autor, é a idéia um modo de pensar

---

<sup>14</sup> No capítulo “Palavra, Silêncio, Escritura: um processo de vida” descrevo o trabalho na formação de professores.

as coisas. O professor, portanto, é o que dá a palavra, aquele que desperta pela palavra e também exerce a escuta da palavra e, por que não dizer, do silêncio.

Impossível tratar da palavra sem tocar no silêncio, que desde há muito tempo permeia a filosofia, a literatura, a linguagem, a espiritualidade. Chegar mais perto da palavra, como escreveu Drummond, nessa dimensão, exige uma atitude interdisciplinar (FAZENDA, 2006, p.75), uma atitude de espera, de paciência para conhecer, de humildade para reconhecer o não-saber ao caminhar por territórios estrangeiros, mas, sobretudo, uma atitude ou um gesto filosófico capaz de levar à revelação, ao encontro de saberes ainda escondidos.

A paixão pela palavra capaz de calar<sup>15</sup>, no sentido de mostrar o caminho, a direção, acompanha-me faz algum tempo. Na época em que lecionava Literatura - arte da palavra, encharcava-me dela com todo seu sentido e emoção. Agora, ao enveredar pelos caminhos da filosofia e da espiritualidade, também a vibração das palavras, ainda que muitas delas não tenham se acomodado em minha morada, inunda meu pensamento. Ao mesmo tempo em que me perco com elas, me identifico, me leio, me reencontro, apesar de ainda não me sentir capaz de colocar o leme nesses barcos: a Filosofia e a Espiritualidade. Dessa maneira, sigo apaixonada pela palavra de todos aqueles que foram capazes de me seduzir pelo caminho e vou tentando dizer de outro modo o quanto me arrisco nesse discurso.

Se pronunciar a palavra será sempre um risco (FOUCAULT, 1996, p.7) – já que a produção do discurso, segundo Foucault (1996, p.09), “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório” –, escrevê-la, registrá-la, significa construir o tecido (BARTHES, 2002, p.74), não o tecido enquanto produto acabado, em que se esconde o sentido, mas um texto, como explica Barthes (2002), em que se trabalhe um eterno entrelaçamento. Um texto no qual o sujeito nele se desfaça. E, utilizando-se a mesma comparação feita por Barthes, assim como a aranha ao constituir sua teia dissolve-se nas suas secreções constitutivas, quem escreve acaba diluindo-se em palavras ao compor sua escritura.

---

<sup>15</sup> Conforme o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1975), **calar** significa colocar o leme no seu lugar, e **leme** é a peça ou dispositivo instalado na popa da embarcação e que serve para lhe dar direção, para governá-la.

Assim, pronunciar a palavra, registrar a escritura, mais do que estar sob o controle de uma sociedade do discurso, explicita o despedaçamento do ser material para o nascimento do ser etéreo, fluido, como fluida deve ser a arte da expressão da palavra e do silêncio. Aliás, essa imagem da fruição lembra o poeta Thiago de Mello (2001, p.97), ao deixar registrado em um de seus poemas que “para chegar até onde não me presumo, mas sou, sigo em forma de palavra”.

Em forma de palavra se apresentam os teóricos dos quais tomo a palavra inicialmente, para me referir aos textos que me conquistaram ou aos textos que me desejaram. Lembrando Barthes (2002, p.11), “o texto que o senhor escreve tem que me dar prova de que me deseja. Essa prova existe: é a escritura”. Gusdorf (1970, p.12) seduziu-me desde a primeira leitura, ao escrever que “vir ao mundo é *tomar a palavra*, transfigurar a experiência num universo do discurso”. Da primeira leitura seguiram-se muitas outras, até alcançar a fruição do texto, porque, do momento de sua escritura até a minha leitura, Gusdorf “deu a ler suas palavras” (LARROSA, 2004, p.22).

Recorro ao dicionário (FERREIRA, 1975) para decifrar o enigma; lá estão as palavras, como escreveu Drummond, “em estado de dicionário”, a espera dos sentidos a serem contextualizados. Nele encontro o sentido de transfigurar como transformação, transfiguração, ou ainda transfazer-se, ou seja, uma mudança tão radical na qual se pode afirmar ter havido uma verdadeira metamorfose. Poderia dizer com Gusdorf que nascemos ou nos transformamos na e pela palavra. Ao nascermos encontramos um mundo já falado, uma linguagem, e cada um que vem ao mundo retoma essa obra humana ao *tomar a palavra*. Para o referido autor “a linguagem é o ser do homem levado à consciência de si – a abertura à transcendência” (GUSDORF, 1970, p.13).

O autor tece seu texto desafiando a palavra. Afirma ele que “a palavra designa a realidade humana, tal como ela se manifesta na expressão: não há função psicológica, nem realidade social, mas afirmação da pessoa, de ordem moral e metafísica” (GUSDORF, 1970, p.6). Mais adiante, assevera o autor que “existe uma hierarquia de graus de significação, desde o simples som vocal, que se estiliza em palavras, pela imposição de um sentido social, até a palavra humana efectiva, carregada de intenções particulares, portadora de valores pessoais” (p.6).

Somos seres de palavra, evoluímos pela palavra. Somos seres de palavra e pensamento. Seres de linguagem, assegurou Heidegger (2003, p.7), em conferência proferida em 1950, intitulada “A Linguagem”. Para ele, falar da linguagem talvez seja muito pior do que escrever sobre o silêncio. “Fazer uma colocação sobre a linguagem não significa tanto conduzir a linguagem, mas conduzir a nós mesmos para o lugar de seu modo de ser, de sua essência: recolher-se no acontecimento apropriador” (p.8).

O autor segue explicando que “para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala da linguagem a fim de conseguirmos morar na linguagem, isto é, na sua fala e não na nossa” (p.9). Talvez seja esse o desejo do poeta Drummond, penetrar no mundo das palavras, assim como Heidegger nos convida a penetrar na fala da linguagem querendo atingir a sua essência.

Heidegger começa a (des)construir o conceito de linguagem, até então compreendida em três aspectos. No primeiro deles tem-se a representação da linguagem como expressão, pressupondo-se a idéia de um interior que se exterioriza. No segundo considera-se que fala é uma atividade humana; portanto, ao se dizer que o homem fala, entende-se que ele sempre fala uma língua. Nesse sentido, como explica o filósofo, o homem é uma promessa de linguagem. E, por fim, no terceiro aspecto se considera que “a expressão do homem é uma representação e apresentação do real e do irreal” (HEIDEGGER, 2003, p.10).

Na verdade, ao contestar as abordagens sobre a linguagem, Heidegger não as descarta, uma vez que se tratam de estudos dos fenômenos lingüísticos. No entanto, a questão para ele é outra: a linguagem fala. Naquilo que dizemos de forma genuína, cuidada, de tal maneira como se fosse a primeira vez, consuma-se a fala da linguagem. Para Heidegger (2003, p.12), “o que se diz genuinamente é o poema”. Afirma ainda que “o homem fala à medida que corresponde à linguagem. Corresponder é escutar. Ele escuta a medida em que [sic] pertence ao chamado da quietude”. Pode-se dizer que é preciso, portanto, estar em silêncio. Talvez aqui faça sentido lembrar Gusdorf (1970, p.71) quando aborda o hermetismo dos grandes poetas, afirmando que “quanto mais se fala, tanto mais se está calado, quanto mais nos esforçamos por dizer, tanto mais mergulhamos num irremediável silêncio”.

Eis aí um ponto instigante, a quietude, o silêncio. Heidegger, em outra conferência, intitulada “A Essência da Linguagem”, trata da experiência com a linguagem e, nessa perspectiva, discorre sobre a experiência poética. Fazer uma

experiência com algo, com uma coisa, com um ser humano ou um deus, explica ele, significa que “esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma” (HEIDEGGER, 2003, p.121). Afirma ainda o autor que fazer uma experiência com a linguagem exige entrega: “Se é verdade que o homem, quer o saiba ou não, encontra na linguagem a morada própria de sua presença, então uma experiência que façamos com a linguagem haverá de nos tocar na articulação mais íntima de nossa presença.” (p.121)

Pensemos com Heidegger a palavra do professor enquanto presença em sua própria morada e presença na morada de seus alunos. Quanto o professor se revela pela palavra e dá ao aluno a oportunidade de, também pela palavra, ser presença em aula?

Evoco Cecília Meirelles, entre outros poetas, nas minhas aulas de Didática, ao tratar da formação do professor, para sensibilizar meus alunos, e aqui a evoco para pensar a importância de o professor ser presença na sala de aula, ser presença na vida das pessoas que passam por nós a cada semestre, a cada turma que se forma. Novamente é Heidegger (2003, p.15) que explica o sentido de evocar, ao afirmar que “nomear é evocar para a palavra” e o nomear aproxima o que se evoca. Assim, evocamos o que antes não havia sido convocado.

Cecília Meireles aproxima-se do sentido que aqui se deseja atribuir ao professor-presença/ professor-silêncio – professor que sabe o momento de recolher-se, não no sentido de ausentar-se, mas no de buscar com seu silêncio, em determinada circunstância, ser uma verdadeira presença:

Não façais de ti  
Um sonho a realizar.  
Vai.  
Sem caminho marcado.  
Tu és o de todos os caminhos.  
Sê apenas uma presença.  
Invisível presença silenciosa.  
Todas as coisas esperam a luz,  
Sem dizerem que a esperam.  
Sem saberem que existe.  
Todas as coisas esperarão por ti,  
Sem te falarem.  
Sem lhes falares.  
(MEIRELES, 1982, cântico XXIII)

O que nossos alunos esperam de nós, sem nos falarem? Quanto precisamos “ler a alma” de cada um, sentir nossa turma, sem fazer disto um sonho a realizar? Como é importante perceber, algumas vezes, o momento de ser presença silenciosa! Um momento de sentir e se deixar sentir. Tão importante quanto ser tocado pela palavra é ser também tocado pelo silêncio.

Larrosa (2004, p.154) afirma que “a experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca e a cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa”. Nesse sentido, pode-se dizer que a experiência de ser tocado exige um tempo, uma escuta, e no ritmo em que se vive hoje esse parece ser um gesto fora do contexto. Para ser capaz de escutar é preciso sensibilidade, porém o que comumente se observa na sala de aula é falta de sensibilidade. Como a escola carece também de poesia para raspar a tinta com que pintaram os nossos sentidos, encaixotaram nossas verdadeiras emoções de professores e alunos! (PESSOA, 1970, p.62)

Gusdorf (1970), ao se referir à atuação dos professores, aos quais chama de mestres, ressalta que o melhor de sua influência em relação aos seus alunos é o que se passa num diálogo sem palavras, destacando a existência de um mistério da irradiação dos grandes mestres que seduzem e fascinam seus discípulos. Nesse sentido, conta muito mais a atitude do mestre, seus gestos, seu sorriso, do que propriamente suas palavras.

Sobre a atuação dos mestres, Cora Coralina (1984, p.151) escreveu:

Exaltação de Aninha  
(O professor)

Professor, “sois o sal da terra e a luz do mundo”.  
Sem vós tudo seria baço e a terra escura.  
Professor faze de tua cadeira,  
a cátedra de um mestre.  
Se souberes elevar teu magistério,  
Ele te elevará à magnificência.  
Tu és um jovem, sê, com o tempo e competência,  
um excelente mestre.

Meu jovem Professor, quem mais ensina e quem mais aprende?...  
O professor ou o aluno?  
De quem maior responsabilidade na classe,  
do professor ou do aluno?

Feliz é o professor que aprende ensinando.  
A criatura humana pode ter qualidades e faculdades.

Podemos aperfeiçoar as duas.  
 A mais importante faculdade de quem ensina  
 é a sua ascendência sobre a classe.  
 Ascendência é uma irradiação magnética, dominadora  
*que se impõe sem palavras ou gestos*<sup>16</sup>,  
 sem criar atritos, ordem e aproveitamento.  
 É uma força sensível que emana da personalidade  
 e a faz querida e respeitada, aceita.  
 Pode ser consciente, pode ser desenvolvida na escola,  
 no lar, no trabalho e na sociedade.  
 Um poder condutor sobre o auditório, filhos dependentes, alunos.  
 É tranqüila e atuante. É um alto comando obscuro  
 e sempre presente a marca dos líderes.

A estrada da vida é uma reta marcada de encruzilhadas.  
 Caminhos certos e errados, encontros e desencontros  
 do começo ao fim.  
 Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.  
 O melhor professor nem sempre é o de mais saber,  
 É sim aquele que, modesto, tem a faculdade de transferir  
 e manter o respeito e a disciplina da classe.

Na escritura de Cora percebe-se a delicadeza das palavras de uma mulher simples que soube vencer o tempo e o silêncio que lhe foram impostos, negando a expressão de seu mundo de dentro, sua riqueza interior, seus versos, sua poesia, expressão maior. Dos becos de Goiás surgiu a poetisa de olhos doces, idade avançada, face marcada pelos traços de quem atravessou a vida sem desistir de seus sonhos.

Cora expressa em versos o que Gusdorf (1970, p.70) expressou em prosa ao tratar da relação professor-aluno. Vale, destarte, observar as seguintes linhas do poema: “A mais importante faculdade de quem ensina é a sua ascendência sobre a classe. Ascendência é uma irradiação magnética, dominadora, que se impõe sem palavras ou gestos”, ou seja, em silêncio.

Nas salas de aula, mais do que professores e alunos, há pessoas, seres humanos, profissionais e futuros profissionais. Pessoas que marcam nossa caminhada nos processos de formação, nos processos de vida. Perduram as lembranças daqueles professores capazes de, apesar do tempo e da distância, permanecerem vivos, como se ainda estivessem ao nosso lado; suas palavras ecoando, sua firme presença ainda nos ensinando. São seres encantadores, capazes de irradiar sua presença para além de sua palavra e de seu silêncio.

---

<sup>16</sup> Grifo meu.

Palavra e Silêncio, como construtores deste *Ser-presença*, lançam-me a outro caminho, a outra questão: O que é ser professor-presença? E “os caminhos do pensamento guardam consigo o mistério de podermos caminhá-los para frente e para trás, trazem até o mistério de o caminho para trás nos levar para frente” (HEIDEGGER, 2003, p.81).

Vejamos, então, o que se pode alcançar nesse caminho de volta ao fazer as perguntas: O que é o ser (professor)? Qual a essência<sup>17</sup> deste ser? Tais questões filosóficas remetem a uma outra busca, e nela será preciso caminhar pela história do pensamento e se colocar a caminho da metafísica.

### 1.1 A CAMINHO DA METAFÍSICA

Se escrever exige cuidado com as palavras, ao adentrarmos o caminho do pensamento faz-se ainda mais necessário cuidar da escritura, pois cada uma delas pode significar um modo de pensar o mundo.

No âmbito da filosofia, as palavras têm história, e mediante essa história é possível compreender que a mudança do vocabulário é indício das modificações nos modos de formular as indagações e respondê-las (CHAUÍ, 1996, p.206). Porém, não se pretende abordar aqui toda a história da filosofia, mas de alguma maneira situar a complexa teia em que se insere e evolui o modo metafísico de pensar.

A palavra metafísica apareceu pela primeira vez com Andrônico de Rodes, por volta do ano 50 a.C., quando organizou os tratados das ciências de Aristóteles.<sup>18</sup> Ao recolher e classificar o conjunto de escritos de Aristóteles, Rodes deparou-se com as especulações abstratas a respeito do Ser e do Mundo. Tais especulações

<sup>17</sup> Esta é mais uma palavra no campo da filosofia que tem história. Como a interlocução desse trabalho se dá na área da Educação, não cabe aqui remontar a complexa historicidade do termo no campo da Filosofia. Vale, todavia, apresentar a explicação de Severino (1993) para o conceito de essência: “É o núcleo básico, conjunto de características que fazem com que uma coisa seja o que ela é. É o que define e especifica a natureza dessa coisa. A essência de um ser é aquilo que é fundamental e imprescindível para que ele seja o que é, em sua especificidade e identidade, distinto de outros seres.” Como se verá a seguir, Aristóteles foi o fundador da teoria da essência, bem como o fundador da teoria da substância. É em Platão que Aristóteles encontra elementos para sua teoria, como discípulo que foi daquele mestre que, por sua vez, partiu do pensamento de Sócrates (ABBAGNANO, 2007, p.418). Como se pode observar, a palavra do mestre, no tempo e na história, faz discípulos, mas, como diria com Ricoeur (2002), o essencial é falar de maneira a ser compreendido por todos, e nessa relação não se trata de fazer discípulos, mas de fazer amigos.

<sup>18</sup> Rodes classificou as ciências em produtivas, práticas e teóricas, estas também conhecidas como contemplativas ou teóricas, definindo-as da seguinte forma: ciências produtivas - produto da ação humana (arquitetura, economia, pintura, etc.); ciências práticas - estudam as práticas humanas consumadas no próprio ato realizado (ética e política); e ciências teóricas, contemplativas ou teóricas - estudam o que o homem só pode contemplar porque existe independente de sua ação.

localizavam-se após os tratados sobre a física, o que o levou a empregar a palavra *meta*, que em grego significa depois de, após (CHAUÍ, 1996; TELES, 1976), e, por conseguinte, a palavra *physika*, hoje física, para designá-las, fazendo emergir o vocábulo em comento. Aristóteles referiu-se a esses escritos como Filosofia Primeira, aquela que estuda o que passou a denominar-se metafísica, estudo do ser enquanto ser.

Vale destacar, ainda, a observação de Severino (1993, p.57) sobre a metafísica: “Sócrates, Platão e Aristóteles são os pensadores clássicos da Grécia dos séculos V e IV a.C e que constituíram a filosofia como metafísica, fornecendo os alicerces de toda a tradição filosófica do Ocidente.”

A história da Metafísica, segundo Chauí (1996, p.207), pode ser assim dividida:

**1. Primeiro período:** de Platão e Aristóteles (séculos IV e III a.C.) até David Hume (século XVIII d.C.). Investigava-se a realidade em si.

**2. Segundo período:** de Kant (século XVIII) até a fenomenologia de Husserl (século XX). A partir de Kant o conceito de metafísica mudou, passando a referir-se não ao que existe em si e por si, mas ao que é organizado por nossa razão. Nesse sentido, o homem é o sujeito do conhecimento.

**3. Terceiro período:** metafísica ou ontologia contemporânea, dos anos 20 aos anos 70 (séc. XX). Vale lembrar que foi no século XVII que a palavra ontologia foi considerada pelo filósofo alemão Jacobus Thomasius a mais adequada para se referir aos estudos da metafísica. Ontologia passou a significar “o estudo ou conhecimento do Ser, dos entes ou das coisas tais como são em si mesmas, real e verdadeiramente” (CHAUÍ, 1996, p.210).

É a metafísica do primeiro período que nos instiga a pensar o Ser professor<sup>19</sup>, o que dá a palavra e mediante a palavra e o silêncio revela o Ser. Desde o “conhece-te a ti mesmo” de Sócrates, passando pela metafísica de Platão com a

---

<sup>19</sup> Essa questão será tratada de forma mais detalhada no capítulo 3.

teoria das Idéias<sup>20</sup>, até Aristóteles, o pensamento grego tem sido revisitado como fundamento de novas e diferentes maneiras de pensar o mundo.

Reale (1990, p.179) destaca que são quatro as definições dadas por Aristóteles sobre Metafísica:

- a) a metafísica “indaga as causas e os princípios primeiros, supremos”;
- b) a metafísica “indaga o ser enquanto ser”;
- c) a metafísica “indaga a substância”;
- d) a metafísica “indaga Deus e a substância supra-sensível”.

As indagações metafísicas, em Platão ou em Aristóteles, reconhecem um mundo supra-sensível, para além da phisys ou materialidade, e, ao tentar explicá-lo, chegam à questão do criador desse mundo.

### 1.1.1 Deus nesse caminho

Na teologia platônica é importante compreender a distinção entre o divino impessoal e os deuses pessoais. Conforme explica Reale (1990, p.145):

Divino é o mundo das Idéias em todos os seus planos. Divina é a Idéia do Bem, mas não é Deus-pessoa. Assim, no ponto mais alto da hierarquia do inteligível encontra-se um Ente divino (impessoal) e não um Deus (pessoal), assim como as Idéias são Entes divinos impessoais e não Deuses pessoais.

Em Platão encontra-se a figura do Demiurgo, divindade que, utilizando uma matriz resistente e informe, criou o mundo à semelhança da realidade ideal.<sup>21</sup>

Para

---

<sup>20</sup> Para Platão existem dois mundos distintos: o mundo sensível, o mundo das coisas concretas, aquelas da nossa experiência comum, e o mundo inteligível, o mundo das idéias ou das essências verdadeiras. Ao tratar do mundo das Idéias (ou hiperurânio), Platão não se referia a simples conceitos ou representações puramente mentais (só mais tarde o termo assumiria esse significado); na verdade, para ele representavam “entidades”, “substâncias, ou seja, “não são simples pensamentos, mas aquilo que o pensamento pensa liberto do sensível: constituem o ‘verdadeiro ser’, ‘o ser por excelência’”.(REALE, 1990, p.137)

<sup>21</sup> Conforme Severino (1993), os filósofos metafísicos eram às vezes idealistas, às vezes naturalistas. Ao tratar das coisas em si, independentemente da consciência que as pensam, é do ponto de vista ontológico assumir uma posição realista. Por realismo entende-se no plano ontológico a existência de uma realidade exterior à mente humana, não importando o conhecimento que o homem tenha dela. Nesse sentido, é preciso destacar o realismo naturalista (Aristóteles e Santo Tomás de Aquino) e o

Platão o Demiurgo é também o criador das outras divindades, que gerariam os seres vivos. (ABBAGNANO, 2007)

No modo metafísico de pensar, na tradição filosófica, “quem busca as causas e os princípios primeiros necessariamente deve encontrar Deus, porque Deus é a causa e o princípio primeiro por excelência” (REALE, 1990, p.179). E Aristóteles, ao apresentar as definições de metafísica, o faz em harmonia com a tradição e as articula de forma a se perceber a unidade entre elas: indagar o princípio primeiro, indagar o ser, a substância, indagar Deus. Assim, essas indagações levam ao encontro de Deus, porque Deus é a causa e o princípio primeiro por excelência, o que já se insere na teologia.

Aristóteles classifica as ciências teoréticas, contemplativas ou teóricas em diversos graus, indo da mais inferior para a superior. Nesse sentido, a metafísica para ele é a “ciência teórica<sup>22</sup> das coisas divinas que são a causa e a finalidade de tudo o que existe na Natureza e no homem”, explica Chauí (1996, p.42), e as coisas divinas são chamadas de *theion*, sendo por isso que na classificação de Aristóteles a filosofia encontra seu ponto mais alto na metafísica e na teologia.

Da tradição aos dias atuais, as questões filosóficas acerca do Ser constituem um tecido denso e complexo, representando um longo período de afirmações e negações a respeito desse modo metafísico de pensar, ora se aproximando da tradição, ora se distanciando dela, ora negando-a totalmente. Obviamente, o modo de pensar o mundo é também afetado por questões sociais, históricas e políticas; porém, como não se tem a pretensão de abordar o modo metafísico de pensar sob esses aspectos, o presente estudo continuará transitando pela linha do tempo na busca pelo Ser.

---

realismo idealista (Platão e Santo Agostinho). Para o realismo naturalista a essência existe independentemente do mundo real e concreto, no mundo natural. Já para o realismo idealista, as essências são autônomas, porém ideais, não se identificando com as coisas da natureza. Assim, quando se fala em Platão e em realidade ideal está-se referindo ao caráter espiritual da própria realidade (ABBAGNANO, 2007).

<sup>22</sup> Na classificação das ciências teoréticas, a metafísica e a teologia ocupam o lugar superior, e as demais são a física, a biologia, a meteorologia, a psicologia – ciências das coisas naturais submetidas à mudança, ao devir –, as matemáticas e a astronomia – ciências das coisas naturais, que não estão submetidas à mudança ou ao devir (os gregos julgavam que os astros eram eternos e imutáveis). (CHAUÍ, 1996)

## 1.2 PALAVRA E SILÊNCIO COMO CAMINHO: UM ENCONTRO COM O PENSAMENTO DE ERIÚGENA

Quem me apresenta Eriúgena é Bauchwitz (2003), em sua obra intitulada “A Caminho do Silêncio”, na qual há um estudo da filosofia de João Escoto Eriúgena, ou Erígena, filósofo irlandês que viveu no período de 810 a 877, abordando especialmente sua obra *Periphyseon*.<sup>23</sup> Este é mais um caminho que me seduz, razão pela qual passo a extrair desse trabalho os principais elementos para a reflexão em curso.

João Escoto Eriúgena foi chamado por Carlos, o Calvo, entre os anos de 846 e 847, para reger a escola palatina<sup>24</sup> de Paris. A partir de 858, Eriúgena passou a se dedicar aos estudos da língua grega, traduzindo obras teológicas atribuídas a Dionísio Areopagita, o pseudo-Dionísio, que viveu no primeiro século de nossa era e, depois de convertido, foi o primeiro bispo de Atenas.

Com a tradução das obras o filósofo irlandês ajudou a difundir no ocidente a filosofia grega e acabou por se deixar influenciar profundamente por ela. Bauchwitz (2003, p.13) explica que logo no começo da referida obra Eriúgena apresenta uma definição de *physis* ou *natura* como *quae sunt* e *quae non sunt*. De acordo com a definição, “tudo o que é é na palavra e o que não é se mantém em silêncio e supera qualquer significação. Isso significará pensar em que sentido a palavra é o lugar do ser e como se relaciona com o silêncio do não ser” (BAUCHWITZ 2003, p.13). Nesse trabalho o autor investiga o que significa o silêncio a partir do pensamento desse filósofo e em que medida ele é basilar.

O filósofo irlandês, em sua “definição fundamental da natureza, compreende tanto as coisas que podem ser ditas quanto as coisas que não se podem dizer, isto é, a natureza como palavra e silêncio: ser e não ser” (BAUCHWITZ, 2003, p.19). Explica ainda que natureza é um nome geral para tudo, seja ou não.

<sup>23</sup> Durante o trabalho de tradução das obras teológicas gregas, iniciou a composição de sua obra maior, *Periphyseon*, *Da Divisão da Natureza*. Considerada uma síntese de teologia, filosofia, cosmologia e antropologia, segundo a mais perfeita fusão de Cristianismo e Platonismo, constituindo assim a única alternativa filosófica ao escolasticismo aristotélico, àquela época. Sua obra foi marcante na tradição cristã, tendo inspirado, entre outros movimentos, o do Libre Esprit, que teve muitos de seus membros queimados pela Inquisição, entre os quais Marguerite Porète. (PORTAL PHILOSOPHIA PERENNIS, 13.02.2008)

<sup>24</sup> Carlos Magno (768-814), durante o seu reinado, promoveu uma reorganização das escolas, fundando, junto da sua corte e no próprio palácio, a chamada Escola Palatina. “Até o século XIII, quando começa a formação das universidades as escolas eram monacais (anexas a uma abadia), episcopais (anexas a uma catedral) e palatinas (anexas à corte: palatium).” (REALE, 1990, p.478)

Como a filosofia tem origem na diferença fundamental entre as coisas que são e as coisas que não são, o primeiro passo para entender Eriúgena é a compreensão da natureza como palavra e silêncio. “Entretanto, apenas se compreende a diferença que, segundo Eriúgena, resulta apropriada para todas as coisas que podem ser percebidas pelo espírito ou que superam seu esforço” (BAUCHWITZ, 2003, p.21).

Compreender o pensamento de João Escoto não é algo simples, podendo exigir mais do espírito do que do intelecto. Aqui se pretende levar a efeito uma aproximação com o pensamento do irlandês, seguindo as pistas de Bauchwitz para se compreender a importância da palavra e do silêncio na formação de nossa interioridade, enquanto profissional da palavra, enquanto ser humano.

### **1.2.1 Modos de interpretar a diferença: palavra e silêncio, ser e não ser**

#### **• Primeiro: o que o espírito pode perceber**

Para Eriúgena um intelecto ou razão não pode compreender o que é uma substância ou essência; pode compreender acidentes da essência, pois sendo essencial não pode ser conhecido. “Mas, onde tem lugar aquilo que a palavra não pode dizer? O que há além da palavra? Segundo o exposto: Deus e as causas e razões por Ele criadas” (BAUCHWITZ, 2003, p.21).

O que há além da Natureza? Para Eriúgena, nada. Tudo o que Deus como essência criou é a Natureza, e nada mais.

O que pode ser apreendido é e o que supera as capacidades da compreensão *não* é. Assim, aquilo que pode ser compreendido se expressa na palavra por meio de afirmações e negações e o que não se compreende, e, portanto, está além das afirmações negações permanece fora da palavra. Este modo carrega uma questão decisiva na filosofia de Eriúgena, a saber, a inevitável relação de identidade entre a compreensão das coisas e as coisas mesmas, entre o pensamento e aquilo que é. Ser significa ser conhecido, quer dizer, ser afirmado ou negado na palavra. Logo, é na palavra onde as coisas são, são conhecidas e têm lugar. (BAUCHWITZ, 2003, p.22)

- **Segundo: afirmação ou negação das criaturas**

No segundo modo a diferença se aplica às criaturas intelectuais ou racionais. Ser ou não ser à medida que podem ou não ser conhecidas por outras. “O modo se aplica a todas as ordens do criado, quer dizer, desde o mais próximo a Deus, o anjo, até o mais remoto, o metabolismo do corpo” (BAUCHWITZ, 2003, p.23). Nesse sentido, estabelece-se uma hierarquia; conhecendo (afirmando) nos encaminhamos para o inferior e negando (desconhecendo) atendemos ao que é superior. “A afirmação do homem é a negação do anjo, mas a negação do homem é a afirmação do anjo e vice-versa” (ERIÚGENA, apud BAUCHWITZ, 2003, p.23).

- **Terceiro: o mundo tal como o conhecemos**

Todas as coisas, por terem matéria e forma, tempo e lugar, podem ser vistas, são a manifestação do que se oculta. Ao interpretar ser e não ser dessa maneira entende-se a dinâmica da Natureza como manifestação e ocultação, estabelece-se a relação entre causa e efeito, no mais profundo da Natureza permanecem as causas e o que se mostra em plenitude visível são os efeitos.

Para ilustrar esta interpretação, Eriúgena exemplifica a partir da natureza humana. Os "homens, que já aparecem ou apareceram no mundo visivelmente se dizem que são; mas os que ainda se ocultam, pese a serem do futuro, se dizem que não são". Segue Bauchwitz explicando que o mesmo acontece com a potencialidade das sementes, que se mantém silenciosa no segredo da natureza porque ainda não aparece, e se diz que não é; mas quando se manifesta nos animais e flores e frutos de árvores ou ervas que nascem e crescem, se diz que é. (ERIÚGENA, apud BAUCHWITZ, 2003, p.23)

- **Quarto: primazia do conhecimento**

Esse modo de pensar na definição de ser e não ser, aquilo que unicamente o intelecto pode conhecer é; enquanto que aquilo que surge em matéria e forma, em lugares e tempos determinados, *não é*. Segundo Eriúgena, este é o modo dos filósofos. Aqui o intelecto só pode conhecer o que está em repouso, sem movimento.

- **Quinto: exclusivo do homem**

Ao abandonar seu estado original, a natureza humana *não é*, mas quando restaurada pela graça de Cristo, *é*. Assim, enquanto permanece em pecado o homem não é, e quando segue a Cristo é. Bauchwitz ressalta que ser cristão para Eriúgena é ser filósofo.

Bauchwitz (2003) explica as relações e oposições entre si dos cinco modos de pensar a diferença primordial da natureza. Para a reflexão em curso, interessa pensar a importância da palavra na realização do ser, como aceitação e definição do silêncio do não ser. “Isto significa que o ser encontra na palavra a sua realização, que o ser se realiza na palavra. A palavra dá existência ao ser, é o lugar onde pode ser como algo determinado ou definido” (BAUCHWITZ, 2003, p.25).

### 1.2.2 A palavra como lugar do ser

Ser humano significa, portanto, retirar o não ser do silêncio e fazer que sejam todas as coisas na palavra. E palavra aqui não significa apenas a expressão dos signos das vozes, explica o supracitado autor, mas se refere ao movimento da alma humana que deseja ardentemente conhecer e ser.

Entende-se, portanto, que a palavra, ao mesmo tempo em que é manifestação do ser humano, é também o meio pelo qual o homem cria-se a si mesmo. Assim, palavra e silêncio são constituintes da natureza humana, ser e não ser, palavra e silêncio.

Seguindo a Dionísio Areopagita, para Eriúgena, Deus reside no silêncio e o mais alto que pode chegar a alcançar o ser humano é retornar e unir-se ao inefável. Se isso é assim – essa tão elevada significação do silêncio –, sempre se poderá perguntar por que não se respeita e se guarda o silêncio, quer dizer, porque não silenciar e calar? Uma resposta agora só pode ser intuída: ao dar voz ao silêncio – e isto, recordemos, quer dizer fazer-se palavra –, é o próprio destino do ser humano o que está em jogo. Sua essência é gestar um mundo – o seu – que, de um modo paradoxal ou não, mostra o que não é o mundo. É que calando sem mais, não se guarda o silêncio, é necessário acolher o silêncio, resguardando-o do ruído e da tagarelice. O silêncio indica um caráter que não pode ser silencioso, senão uma disposição para estar em marcha para a construção do seu sentido: para alcançar o silêncio é necessário falar. (BAUCHWITZ, 2003.p.28)

Pensemos agora nas contribuições de Eriúgena para a presente reflexão. Como já referido, o professor é um profissional da palavra, leitor e revelador de silêncios. Em sua prática, portanto, a partir da palavra faz emergir o silêncio dos alunos, no momento revelador, aquele em que o brilho dos olhos, um gesto ou um sorriso sinaliza o instante em que mestre e discípulos se encontram com o conhecimento. Assim, é na palavra dada e revelada e no silêncio que ela esconde que o professor provoca a manifestação do silêncio.

Ao tratar da afirmação e negação das criaturas, Eriúgena leva a pensar sobre quanto nos aproximamos dos caminhos da perfeição ou nos distanciamos dele. Ora mais para anjos, ora mais para as fraquezas humanas. Nesse sentido, mais indagações são sugeridas, como, por exemplo, em que medida nossa busca pelo conhecimento e o conhecimento de nossa interioridade nos aproxima do plano espiritual?

A natureza como manifestação ou ocultação, no pensamento de Eriúgena, pode nos sugerir, mediante o belo exemplo das sementes, o quanto nós professores podemos acreditar no potencial dos alunos, acreditar sem ver, pois no processo de formação a manifestação dessa interioridade mais profunda se apresenta em tempo *kairós*, tempo vivido, portanto, jamais cronológico, previsto, planejado. Quantas potencialidades em sala de aula passam despercebidas porque, em segredo, ainda não aparecem, não se revelam.

Pensando ainda de acordo com Eriúgena, se o intelecto só pode conhecer o que está em repouso, sem movimento, é preciso então estar em silêncio. Para o filósofo irlandês, afastar-se desse silêncio original é afastar-se do espiritual, do divino.

Vale repetir que sair do silêncio é fazer-se palavra, criar-se pela palavra, não a palavra enquanto signos da voz, mas a palavra significativa de um movimento da alma. Em sala de aula, por exemplo, na formação de professores, é possível a palavra do professor despertar o desejo de conhecer e, ao mesmo tempo, alimentar a paixão pelo “ser professor?”

Se Deus reside no silêncio, se o mais alto que se pode chegar a alcançar o ser humano é retornar e se retornar é unir-se ao inefável, quais as possibilidades de se alcançar esse silêncio, se hoje, no mundo em que vivemos, o que predomina é um enorme ruído, uma enorme tagarelice, barulho, muito barulho. Como então exercer a “infinita e paradoxal vocação do ser humano: por meio de sua palavra dar

voz ao silêncio, ou melhor, estar já a caminho do silêncio?” (BAUCHWITZ, 2003, p.59)

Segundo Eriúgena, o mundo é “uma medicina para o espírito”; nele e por ele a alma humana pode chegar a curar-se de seu pecado, que nada mais é que o movimento irracional que se dirige para fora de Deus (ERIÚGENA, apud BAUCHWITZ, 2003, p.60). Nesse sentido, o processo de cura parte do necessário retorno a Deus, um retorno ao silêncio.

Da Idade Média à Idade Moderna, à modernidade<sup>25</sup> ou ainda à contemporaneidade, quanto nos afastamos ou nos aproximamos da experiência com o inefável<sup>26</sup>?

A percepção da premência de retornarmos ao silêncio interior conduz novamente a outro caminho, o caminho da interioridade, da mística, da relação com o divino, talvez um necessário retorno às ciências teoréticas, contemplativas ou teóricas.

Quando neste estudo me indago sobre Palavra, Silêncio e Escritura como uma questão metafísica, essa indagação quase obsessiva sobre a profissão, entendo que o que nos faz humanos encontra-se no plano espiritual, esquecido pelo intelecto. Assim, ao pensar a sala de aula e a formação talvez esteja faltando pensar essa relação com o inefável. Nesse sentido, nos colocamos a caminho do silêncio interior como uma questão da mística.

---

<sup>25</sup> Modernidade é uma palavra polissêmica e que merece maiores explicações, que poderão ser conferidas no próximo capítulo.

<sup>26</sup> A partir desse ponto tomar-se-á o significado de inefável na teologia mística, em que se explica o inefável como aquilo que se revela no ponto culminante da experiência mística, o entusiasmo ou êxtase. Cf.: PLOTINO, apud ABBAGNANO, 2007, p.645.

## **CAPÍTULO II - SILÊNCIO DO MUNDO INTERIOR - UMA QUESTÃO DA MÍSTICA? UMA QUESTÃO DO VIVER**

Preciso ter paciência para escrever o que não sei.  
(Castelo Interior, p.447, In: ÁVILA, 2001)

Escrever o que não sei. Este parece ser o exercício de quem escreve, pois escrever exige, entre outras questões, uma escuta de si mesmo e uma profunda escuta da palavra do outro. Porém, quando a palavra do outro é estrangeira, ou seja, situa-se num território diferente, há de se cuidar um pouco mais dessa interlocução. Esse é o caminho desértico em que se encontra este texto. Desértico porque no silêncio da caminhada mediante a qual foi construído mora toda a riqueza cuja expressão talvez seja impossível de ser traduzida em palavras, pois estas impõem limites ao indizível.

Se inicialmente a busca pela compreensão do sentido do silêncio levou-me a estudos no campo da linguagem, na trajetória para a produção deste trabalho fui me dando conta de que não era desse silêncio que desejava tratar, minha busca era outra. Não me bastava mais a linguagem, o discurso. Em sua obra “As Formas do Silêncio”, Orlandi (1992), desde o início, cuida de explicar ao leitor de que lugar desenvolverá sua reflexão. Propõe-se, assim, a compreender o silêncio na perspectiva discursiva, “que se define pelo fato de que a noção de discurso supõe a superação da dicotomia estrita língua/fala”.<sup>27</sup>

Não era, portanto, dessa dicotomia que pretendia tratar. Busquei silêncio e palavra e descobri que a palavra dá o ser. No silêncio do ser, para além da linguagem, e antes dela, tudo é silêncio. O que se esconde então em sua interioridade? A palavra e o ser que a pronuncia ou que se cala? O que fica nas dobras? Mais do que um discurso, o que pode revelar o silêncio?

Nesse sentido, minha busca ontológica precisou voltar no tempo e na história, na tentativa de recuperar o que para mim fazia sentido, mas não sabia ainda o que poderia encontrar. No percurso, descobri que o silêncio mais significativo é o silêncio interior. Nesse momento me percebi no deserto.

---

<sup>27</sup> No terceiro capítulo exploro os conceitos de Silêncio numa abordagem discursiva em Orlandi.

É da travessia deste deserto que trata este capítulo. Nele apresento o caminho transcorrido até o silêncio interior, o silêncio com o qual me identifiquei para discutir não apenas a formação de professores, mas também a formação humana.

Trata-se de um caminho que vai, pouco a pouco, se aproximando de áreas aparentemente distantes da educação, como a Teologia, a Espiritualidade, a Filosofia. Assim, o texto apresenta-se molhado pela perplexidade de quem, nessa busca incessante, se emociona e, se emocionando, se espanta diante da experiência de perceber os textos me encontrando.<sup>28</sup>

Tratar do silêncio do mundo interior numa época em que tanto se propaga a informação, a agilidade, o movimento, a pressa, pode parecer estranho. Silêncio nos remete à imagem de quietude, densidade, profundidade. Ao se apontar o silêncio do mundo interior, pode-se contrapor o silêncio do mundo exterior, um silêncio físico, no qual cala o ruído, o barulho das máquinas, o barulho produzido pelo ser humano, diferente do silêncio interior, alcançado no mais interior de nós mesmos, na proximidade com Deus.

Mergulhar no mais profundo de si mesmo pode se tornar cada vez mais difícil, quando nos inserimos num mundo onde predomina o barulho. "A onda de som estridente, sem sentido ou harmonia, que invade continuamente o nosso ser, é uma destruição lenta, mas implacável, do nosso domínio sobre nós mesmos" (LIMA, 1954, p.62).

Nosso mundo exterior carrega as marcas do tempo e da história, e a demarcação desse tempo também tem gerado controvérsias. Quando digo sobre as marcas do tempo em relação ao mundo exterior, estou me referindo ao tempo cronológico, um tempo também exterior, enquanto as marcas do tempo no mundo interior referem-se ao tempo kairós (MARTINS, s/d), um tempo vivido no qual o que nele permanece são as marcas do sentido (de sentir, da emoção com significação).

## 2.1 MUNDO EXTERIOR - DA POLISSEMIA À LIQUEFAÇÃO

A referência ao mundo exterior sofre historicamente de uma polissemia de sentidos (moderno, modernidade, pós-modernidade, contemporaneidade), e, como neste capítulo o intuito é tratar do mundo interior, não pretendo aqui me estender

---

<sup>28</sup> Na introdução do trabalho comentei a respeito da descoberta dos textos, ou melhor dizendo, os textos me descobrindo.

nesse pantanoso território, complexo, ambíguo. Tratarei de pontuar apenas as pegadas deixadas nesse caminho.

As denominações acerca do mundo exterior são contextualizadas a partir de rupturas, mudanças sociais, políticas, econômicas, científicas, filosóficas, religiosas e também literárias. Le Goff (2003), ao tratar do par antigo/moderno<sup>29</sup>, apresenta um estudo sobre as metamorfoses e os significados dessa antítese na história. O par antigo/moderno está relacionado à história do Ocidente, apesar de o autor chamar atenção para o caso de podermos encontrar referências a ele também em outras civilizações e em outras historiografias. Destaca ainda o fato de tal oposição ter se desenvolvido num contexto equívoco e complexo, pois nem sempre o antigo e o moderno se opuseram.

Quanto à divisão da história, posiciona-se criticamente e explica:

A partir do século XVI, a historiografia dominante no Ocidente, a dos eruditos, secundada pela dos universitários, divide a história em três Idades: Antiga, Medieval e Moderna (neuere, em alemão), cada um dos adjetivos apenas remete, na maior parte dos casos, a um período cronológico, e o termo “moderno” opõe-se mais a “medieval” do que a “antigo”. Finalmente, esta grelha de leitura do passado nem sempre corresponde ao que os homens desse passado pensavam. (LE GOFF, 2003, p.174)

O referido autor afirma que são as atitudes dos indivíduos perante o passado, o seu passado, que vão constituindo esse antagonismo antigo/moderno. E problematiza: “Será legítimo que o historiador reconheça como moderno o que as pessoas do passado não sentiam como tal?” (LE GOFF, 2003, p.175) Paire, portanto, a discussão a respeito das denominações das Idades, o que parece nos remeter à relação entre o vivido, o percebido<sup>30</sup> e o determinado.

---

<sup>29</sup> Conforme Le Goff (2003, p.176), a palavra *moderno* nasceu com a queda do Império Romano, no século V.

<sup>30</sup> Berman (1986, p.16) prefere dividir a modernidade em três fases: primeira fase - início do século XVI até o fim do século XVIII. Nesta fase as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna, mal fazem idéia do que as atingiu; segunda fase - não se chega a ser moderno por inteiro, predomina a sensação de viver em dois mundos. Trata-se de uma época em que uma onda revolucionária, marcada pela Revolução Francesa, desencadeia convulsões em todos os níveis de vida pessoal, social e política; terceira fase - no século XX. Há uma expansão do processo de modernização abarcando o mundo todo e por conta disso se fragmenta, perdendo ressonância e profundidade, perdendo ainda sua capacidade de dar sentido à vida das pessoas. Segundo Berman, hoje “nos encontramos em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade”.

Ao tratar da ambigüidade de antigo, Le Goff destaca que o Renascimento e o Humanismo se apoiaram no antigo para fazer a “modernidade” do século XVI, que se ergueu contra as ambições do moderno. “Esta idade moderna acabará por se tornar ‘anti-humanista’, dada a quase identidade entre humanismo e amor pela única Antigüidade<sup>31</sup> válida, a greco-romana” (2003, p.178).

O termo “moderno”, por sua vez, marca a tomada de consciência de uma ruptura com o passado. Porém, diante do confronto com a idéia de progresso, já no século XIX, quando aconteceu a revolução industrial, os termos “novo” e “progressista” marcariam a passagem do “moderno” para a “modernidade”, continua explicando o supracitado autor.

No campo religioso, assistiu-se, no século XV, a uma ruptura com a escolástica<sup>32</sup> com a imposição da devotio moderna. Deixava-se para trás a religião

---

<sup>31</sup> Denomina-se **Antigüidade** o período compreendido entre 500 a.C. e 100 d.C., período de formação da civilização grega rumo à hegemonia de Atenas. Os governos de Sólon (600-580), de Pisístrato (560-27), de Clístenes (507), de Péricles (449-42), de Felipe (360) e de Alexandre (336-323). As guerras médicas (490,480), a guerra do Peloponeso (431) e as guerras púnicas (264, 218). O apogeu da cultura clássica (500-400). Literatura, poesia, teatro: Homero, Hesíodo, Ésquilo, Píndaro, Sófocles, Heródoto, Eurípedes, Tucídides, Xenófanes, Aristófanos, Xenofonte, Demóstenes. A formação da civilização romana: a república romana (509). A expansão das conquistas romanas (100 d.C.). Os triunviratos (60 e 42 a.C.). O império romano (100 a.C. - 476 d.C.). A universalização do helenismo. **Era Cristã**, período que vai de 100 a 450. Período da Patrística. A expansão e a consolidação do Cristianismo no espaço geográfico e administrativo do Império Romano. A pregação de São Paulo. Reorganização do Império por Diocleciano (292). Edito de Milão dando liberdade ao Cristianismo (313). Conversão de Constantino ao Cristianismo (323). A cisão do Império Oriente/Ocidente (395). Derrubada do Império Romano por Odoacro (476). **Idade Média de 450 a 1400**. A formação da Europa e a evangelização. O Império cristão do Ocidente. Clóvis (481-511). Carlos Magno (768-800). A formação social e o modo de produção do feudalismo. O desenvolvimento da cultura árabe e sua influência na Europa motivada pelas invasões dos árabes na península ibérica. (sec. 8º). As cruzadas (1096-127). A fundação das primeiras Universidades: Pádua (1222), Paris (1253), Cracóvia (1364). A Literatura (Dante, Boccaccio: séc.14). **Idade Moderna, do século XV-XVI ao século XIX** (1400-1900). **1400-1700**. Século 15: Início da crise do feudalismo e da transição da sociedade feudal para a sociedade capitalista mercantil. Século 16: **Renascimento**, marcado pelo antropocentrismo, pelo naturalismo e pelo racionalismo. O apogeu do mercantilismo e implantação do sistema colonial. A Reforma protestante. Formação dos estados nacionais absolutistas. Governo de Richelieu (1610-48). Luiz XIV(1661-1715). **1700-1800** - Revoluções burguesas liberais. Revolução industrial na Inglaterra (1760). Independência dos EUA (1776). Revolução Francesa (1789). Golpe do 18 Brumário e ascensão de Napoleão Bonaparte (1799). Consolidação do capitalismo industrial e liberal. Formação do proletariado. Emergência da questão social. Socialismo e anarquismo. **1800-1900** - Expansão e consolidação da Revolução industrial.Consolidação do capitalismo imperialista. Desenvolvimento da democracia liberal. O catolicismo social: encíclica Rerum Novarum. Guerra da Secessão nos EUA. Independência dos países latino-americanos. Período de Bismarck na Prússia (1862-1890); Guerra franco-prussiana (1870-1871). A Comuna de Paris (1871). **Idade Contemporânea, século XX- 1900-1990** - 1ª Guerra Mundial (1914-1918); Revolução Russa (1917). Criação da Sociedade das Nações (1920). Ascensão do fascismo (1922) e do nazismo (1933). Crise econômica do capitalismo (1929). A 2ª Guerra Mundial (1939-1945). A criação da ONU (1945). Desenvolvimento técnico-industrial. Descolonização e neocolonialismo. O terceiro mundo e a expansão do neocapitalismo. A hegemonia norte-americana. A economia multidimensional. A desagregação dos estados socialistas. (SEVERINO, 1993)

<sup>32</sup> Abbagnano (2007, p.401) define Escolástica como a filosofia cristã da Idade Média. Scholasticus era o nome dado, nos primeiros séculos da Idade Média, ao professor de artes liberais e, depois ao

imbuída de “superstições” da Idade Média, ocorrendo, assim um retorno “aos padres, ao ascetismo monástico primitivo”, o que purificou as práticas e os sentimentos religiosos e colocou em primeiro plano uma religião individual e mística. (LE GOFF, 2003, p.182)

Ainda na perspectiva histórica, no final do século XVII e princípio do século XVIII, desenrolou-se a mais célebre das polêmicas entre antigos e modernos, durante todo o Século das Luzes, que, segundo Le Goff, desembocaria no Romantismo, em que na oposição românticos/clássicos subjaz o conflito antigo/moderno. A passagem do século XIX para o século XX foi marcada por movimentos de ordem literária, artística e religiosa<sup>33</sup> denominados de “modernismo”.

Na perspectiva filosófica, é Habermas, em sua publicação “O Discurso Filosófico da Modernidade”, quem amplia<sup>34</sup> a compreensão deste nó, a modernidade. No primeiro capítulo da referida obra, intitulado “Consciência de Tempo na Modernidade e sua necessidade de autocertificação”, Habermas retoma Hegel, afirmando ter sido ele o primeiro filósofo a elaborar um conceito claro de modernidade.

Hegel emprega o conceito de modernidade, antes de tudo, em contextos históricos, como conceito de época: os “novos tempos” são os “tempos modernos”. Isso corresponde ao uso contemporâneo do termo em inglês e francês: por volta de 1800, *modern times* e *temps modernes* designam os três séculos precedentes. A descoberta do “Novo Mundo” assim como o Renascimento e a Reforma, os três grandes acontecimentos por volta de 1500, constituem o limiar histórico entre a época moderna e a medieval. Hegel também utiliza esses termos, em suas lições sobre a filosofia da história, para delimitar o mundo germânico-cristão que, por sua vez, se originou da Antiguidade grega e romana. A classificação, ainda hoje usual (p.ex., para a caracterização de disciplinas de história), em Idade Moderna, Idade Média e Antiguidade (respectivamente História moderna, medieval e antiga) só pôde se compor depois que as expressões “novos tempos” ou

---

docente de filosofia ou teologia que lecionava primeiramente na escola do convento ou da catedral, depois na Universidade. Literalmente, significa, portanto, filosofia da escola.”O problema fundamental da Escolástica é levar o homem a compreender a verdade revelada. A Escolástica é o exercício da atividade racional (ou, na prática, o uso de alguma filosofia determinada, neoplatônica ou aristotélica) com vistas ao acesso à verdade religiosa, à sua demonstração ou ao seu esclarecimento nos limites em que isso é possível, apresentando um arsenal defensivo contra a incredulidade e as heresias”.

<sup>33</sup> Cf. Le Goff (2003, p.186), o modernismo religioso manifestou-se nos primeiros anos do século XX e foi um movimento interno da Igreja católica.

<sup>34</sup> Amplia a compreensão ou, dizendo de outra forma, vai mostrando quantos outros nós se seguirão, porém deles não tratarei aqui, pois, como disse, mais do que tratar do mundo exterior, aqui o foco é o mundo interior.

tempos modernos” (“mundo novo” ou “mundo moderno” ) perderam o seu sentido puramente cronológico, assumindo a significação oposta de uma época enfaticamente, “nova”. (HABERMAS, 2000, p.9)

Reforça-se assim o que Le Goff apontava anteriormente ao discutir a consciência da ruptura com o passado. Habermas, apoiado no estudo de Koselleck, publicado em 1979, sob o título “Época Moderna”, resgata a idéia de que essa consciência histórica se expressa no conceito de “tempos modernos” ou “novos tempos”.

Assim, sobre a percepção do tempo, o mais recente, o mundo novo e o mundo moderno se distinguem do velho mundo pelo fato de abrir-se para o futuro e se constituir na consciência histórica da modernidade.

Hegel considera como marco inicial do tempo presente a fissura que o Iluminismo e a Revolução Francesa significaram para seus contemporâneos (final do século XVIII e início do século XIX). Como forma de tentar reconstruir esta ruptura com o passado, caberia a renovação contínua e, nesse sentido, as palavras-chave na filosofia hegeliana seriam: revolução, progresso, emancipação, desenvolvimento, crise, espírito de tempo, etc., segue Habermas (2000, p.11) comentando Hegel.

A modernidade não pode e não quer tomar dos modelos de outra época os seus critérios de orientação, ela tem de extrair de si mesma a sua normatividade. A modernidade vê-se referida a si mesma, sem a possibilidade de apelar para subterfúgios. Isso explica a suscetibilidade da sua autocompreensão, a dinâmica das tentativas de “afirmar-se” a si mesma, que prosseguem sem descanso até nos nossos dias. (HABERMAS, 2000, p. 12)

É exatamente esta necessidade de autocertificação que instiga o pensamento de Hegel e o faz perceber esta questão como um problema filosófico e, por conseguinte, como o problema fundamental de sua filosofia. Nessa direção, a tarefa da filosofia é a apreensão do seu tempo, que para ele são os tempos modernos. “Hegel está convencido de que não é possível obter o conceito que a filosofia forma de si mesma independentemente do conceito filosófico da modernidade.” (HABERMAS, 2000, p.25)

Hegel entende a subjetividade como princípio dos novos tempos. Sua expressão comporta quatro conotações:

- a) individualismo: no mundo moderno, a singularidade infinitamente particular pode fazer valer suas pretensões;
- b) direito de crítica: o princípio do mundo moderno exige que aquilo que deve ser reconhecido por todos se mostre a cada um como legítimo;
- c) autonomia da ação: é próprio dos tempos modernos que queiramos responder pelo que fazemos;
- d) por fim, a própria filosofia idealista: Hegel considera como obra dos tempos modernos que a filosofia apreenda a idéia que se sabe a si mesma. (HABERMAS, 2000, p.28)

O discurso filosófico da modernidade em Habermas abarca a trajetória de questões filosóficas desde Hegel, Schiller, Nietzsche, Horkheimer, Adorno, Heidegger, Derrida, Bataille, Foucault, Castoriadis até Luhmann. E, apesar de reconhecer a fundamental importância desses estudos, neste capítulo o objetivo não é mergulhar nesse discurso, pois é da interioridade num outro viés que desejo tratar.

Numa abordagem sociológica de modernidade encontramos o conceito de modernidade líquida em Bauman (2001). O sociólogo polonês lembra a famosa frase “derreter sólidos”, cunhada há um século e meio pelos autores do Manifesto Comunista.

Referia-se ao tratamento que o autoconfiante e exuberante espírito moderno dava à sociedade, que considerava estagnada demais para seu gosto e resistente demais para mudar e amoldar-se a suas ambições – porque congelada em seus caminhos habituais. Se o “espírito” era “moderno”, ele o era na medida em que estava determinado que a realidade deveria ser emancipada da “mão morta” de sua própria história – e isso só poderia ser feito derretendo os sólidos (isto é, por definição, dissolvendo o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune a seu fluxo). Essa intenção clamava, por sua vez, pela “profanação do sagrado”: pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da “tradição” – isto é, o sedimento ou resíduo do passado no presente; clamava pelo esmagamento da armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à “liquefação”. (BAUMAN, 2001, p.09)

Bauman (2001) vai apontando em sua obra o caminho da liquefação dos valores, da tradição, das relações sociais, do derretimento de tudo que é sólido em direção à competição, à racionalidade, aos domínios de uma nova ordem: a

econômica e política. Conceitos como emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade voltam à baila, agora discutidos no âmbito da modernidade líquida.

A desintegração da rede social, a derrocada das agências efetivas de ação coletiva, é recebida muitas vezes com grande ansiedade e lamentada como “efeito colateral” não previsto da nova leveza e fluidez do poder cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fúgitivo. Mas a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado. (BAUMAN, 2001, p.22)

Da primeira modernidade para a segunda modernidade até a atual modernidade, os estudos apontam o quanto o ser humano foi se afastando das raízes de seu passado. O homem rompe com o sagrado, com o espiritual, e passa a valorizar a razão, a ciência em detrimento da fé e da religião. A sua auto-suficiência diante do mundo o fez avançar cada vez mais ao que se chamou de progresso. A ciência passou a ser a grande esperança para a felicidade e solução dos problemas.

Talvez o conceito de modernidade líquida seja o mais representativo de nossa condição humana hoje. Esta dificuldade de enraizamento, a instantaneidade da vida, o tempo digital, o movimento ininterrupto a evitar a densidade da própria vida. Como foi dito anteriormente, a relação espaço/tempo está imbricada na própria constituição da sociedade, a que chamei de sociedade líquida, uma vez que alcançamos um alto nível de diluição das instituições e valores.

Se chegarmos à liquefação também da educação, o que mais poderemos esperar? Se continuarmos educando somente o intelecto (quando educamos...), o que mais poderemos esperar? Um homem líquido, fácil de formatar no padrão desejado?

Uma educação sem o cultivo da interioridade, sem um retorno às questões espirituais, divinas, forma o quê? O melhor operador da máquina destruidora da espécie humana?

A sociedade líquida nos robotiza a todo instante. O exercício do pensar está cada vez mais impossível. Pensar para quê? O controle da máquina humana está cada vez mais sofisticado e, nesse ritmo, se não despertarmos para a vida espiritual, não tardará o tempo em que os chips serão nossa segunda pele.

O homem afastou-se de sua própria natureza humana: ser e não ser palavra e silêncio, razão e emoção, razão e fé, a tensão eterna na busca do indizível. É o coração a casa do espírito, lá está Sua Majestade, a procura de nós, enquanto cada um de nós, inseridos num tempo líquido, em desespero angustiante, fica saudoso de Deus, estando Ele tão próximo, no infinito de nosso ser, pronto para elevar nossa alma. Somos tão resistentes!

A modernidade líquida dá sinais de saudade de Deus, da interioridade, da contemplação. Em meio às contradições em que vivemos numa sociedade líquida<sup>35</sup>, talvez estejamos sentindo a necessária volta à espiritualidade, o que aproximaria ciência e religião não apenas na formação dos professores, mas na formação do ser humano.

## 2.2 MUNDO INTERIOR: O SILÊNCIO, A SOLIDÃO E A SANTIDADE

O silêncio é a maior perseguição. Nunca os santos se calaram.  
(PASCAL, apud. ROHDEN, 1981, p.218)

Sobre interioridade, silêncio e espiritualidade, Alceu Amoroso Lima publicou, em 1954, “Meditação Sobre O Mundo Interior”, um texto garimpado<sup>36</sup> incansavelmente no processo de busca de material para a elaboração da escrita da tese. Como já afirmei e ainda explicarei no próximo capítulo, foi também a partir de um fragmento de texto atribuído a Tristão de Athayde que percebi de que silêncio pretendia tratar ao refletir sobre palavra, silêncio, escritura.

---

<sup>35</sup> Ao utilizar a expressão *sociedade líquida*, inspiro-me no conceito de modernidade líquida, desenvolvido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Ele entende a modernidade como um processo de liquefação desde o começo. Os fluidos, explica ele, não fixam espaço, nem prendem o tempo. “A modernidade começa quando espaço e tempo são separados da prática de vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação, quando deixam de ser, como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos numa estável e aparentemente invulnerável correspondência biunívoca.” (BAUMAN, 2001, p.15)

<sup>36</sup> Ver troca de e-mails com a família de Alceu para identificar a obra onde se localizava a reflexão sobre silêncio (Anexo I, p.152).

Logo na abertura da obra, Alceu, comentando a respeito do mundo moderno, explica como, naquela época, eram discutidas as denominações atribuídas ao mundo exterior. Observa-se na introdução da obra o encadeamento da crítica ao mundo moderno, uma síntese do que já foi apresentado no início deste capítulo, porém com o viés da espiritualidade.

Costuma-se dividir o mundo moderno em Velho e Novo mundo; em totalitário e mundo democrático; países para lá e para cá da Cortina de Ferro; mundo socialista e mundo capitalista; Oriente e Ocidente; ou mais amplamente ainda, em mundo moderno e mundo eterno. (LIMA, 1954, p.09)

Apesar de reconhecer como legítimas todas essas divisões, Alceu, em seu trabalho, prefere tratar de mundo exterior e mundo interior. Prescindindo da noção de tempo, coloca o homem perante os dois mundos, que, segundo o autor, constituem sua natureza completa.

A completa natureza do homem é, portanto, composta pelos dois mundos, e o mundo interior não é uma opção, mas uma síntese. Nesse sentido, cabe perguntar: Quem é o homem completo na visão de Alceu? “O homem completo, isto é, o homem normal é aquele que vive interiormente a sua vida exterior e não sepulta em si, egoisticamente, a sua vida interior” (LIMA, 1954, p.10).

Dessa forma, observando o mundo exterior em que estamos inseridos hoje, podemos constatar o quanto nos afastamos do silêncio interior, desse processo de síntese, e cada vez mais o barulho exterior parece nos distanciar de nós mesmos. Se em 1954 Alceu inquietou-se com essa questão diante das mudanças de sua época, o que diria ele hoje?

Hoje, pode-se perguntar: Qual a possibilidade de cultivarmos o mundo interior diante de tanta pressão<sup>37</sup> do mundo exterior? Em que medida poderemos fazer a síntese necessária para nossa completa natureza humana, se a todo instante

---

<sup>37</sup> Refiro-me ao ritmo maluco em que vivemos, tudo é para ontem, *hoje* praticamente inexistente. Prazos, compromissos, cobranças, cada vez mais vão nos roubando esse tempo de *estar consigo mesmo*, um tempo de reflexão. As difíceis condições de vida nos obrigam a cada vez mais assumir responsabilidades maiores por conta da sobrevivência, mais de um emprego (quando muitos não têm nem emprego), porque um salário apenas não paga as contas, mais compromissos porque vamos criando outras necessidades, queremos o novo lançamento de qualquer novidade no mercado, e assim somos envolvidos pelo consumo material ou pela própria condição e, por conseqüência, nos consumimos, sem tempo. “Ser moderno passou a significar, como significa hoje, ser incapaz de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo ‘adiamento da satisfação’, como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação.” (BAUMAN, 2001, p.37)

somos lançados para fora de nós mesmos? Até que ponto a sala de aula poderia se transformar nesse espaço de síntese ou, ainda, cultivar essa síntese?

As inquietações relativas à marca do seu tempo levaram Alceu a meditar sobre o mundo interior. A primeira parte da obra de Alceu é destinada à revisão crítica do mundo exterior, como condição para se pensar a restauração dos direitos do mundo interior, pois o mundo interior, a vida interior, não é nem mesmo pensável pelo homem autômato, reduzido a coisa, afirma ele.

“Meditação Sobre O Mundo Interior” reúne textos publicados na Tribuna da Imprensa, durante o segundo semestre de 1953, sob o título de “Bilhetes do Mundo Interior”. São vinte e dois capítulos curtos, de aproximadamente três páginas cada um, reunindo inicialmente críticas pontuais ao que chamou de Liberalismo, Moralismo, Filosofismo, Politicismo e Economismo.

Liberalismo – inicia criticando o fato de o século XIX ter convertido liberdade em liberalismo, bem como o fato de o século XX ter confundido liberdade com licenciosidade. Ambos são corruptelas da verdadeira liberdade. O liberalismo, como posição filosófica, segundo Lima (1954), coloca a liberdade como valor supremo, mas não faz distinção entre liberdade de opção e liberdade de superação. Segue afirmando que é superando os valores negativos pelos positivos, ou seja, pela liberdade de superação que se encontra a natureza verdadeira desse conceito fundamental para o homem e para a sociedade.

Dessa forma, a liberdade é tratada não como escolha indistinta, mas “como escolha que nos integra na hierarquia intrínseca dos valores, colocando o Bem acima do mal, o Eterno acima do efêmero, Deus como a nossa finalidade suprema” (LIMA, 1954, p.16).

Considerando a liberdade como um dos bens supremos do nosso mundo interior, estendendo-se naturalmente ao mundo exterior, explica:

O mundo interior não se opõe ao mundo exterior e sim ao mundo superficial, ao mundo frívolo, ao mundo mundano, tão asperamente condenado pelo próprio Cristo. Se o mundo interior não é apenas o pólo oposto ao mundo exterior, e sim a síntese do efêmero, do ativista, do parcial, com o eterno, o contemplativo, o integral, é que constitui também uma superação. A vida interior compreende também a vida exterior, mas transfigurada, transcendentalizada, colocada no plano dos valores supremos, impregnada de eternidade. Cresce, pois, desmedidamente a nossa responsabilidade na apreciação dos acontecimentos ou das idéias, dos homens ou mesmo das

paisagens, quando tudo consideramos do ponto de vista do nosso mundo interior, que é de fato um mundo superior. É um ponto de elevação que se destaca dos pontos de visão unilaterais e puramente terrenos e temporais. O mundo interior é o da supratemporalidade. É o dos valores, de todos os valores, mas impregnados de um sentido de perenidade, de substancialidade e, enfim, de sobrenaturalidade. (LIMA, 1954, p.18)

Apreciar o mundo exterior a partir do mundo interior, explorar a riqueza do mundo interior, o mundo dos valores supremos para além da temporalidade porque perenes, é o que nos ensina o autor. O olhar de dentro e o olhar de fora, e nessa busca de nossa interioridade, no mais interior possível, trazer para o mundo exterior nossa síntese. Na verdade, como podemos observar, a oposição que se faz no texto é em relação ao mundo superficial, desprovido desses valores.

Moralismo – reflete sobre a substituição da Religião pela Moral, tomando-se uma inversão na hierarquia de valores, pois nossa vida exterior, nossa vida de ação, deve basear-se na vida interior. Lembrando o que nos ensina a filosofia perene, afirma que a operação segue o ente e destaca: “A operação é uma consequência do ser. Antes de atuar é preciso existir.” (LIMA, 1954, p.18)

O Logos, que é a nossa relação como ser deve preceder o Ethos, que é a nossa relação com o atuar e o dever ser. O atuar é uma operação do ser. Logo deve seguir-se a ele e não precedê-lo. Toda tendência dos séculos modernos tem sido no sentido contrário.

Primeiro a Moral, depois a Filosofia, depois a Política e finalmente a Economia embargaram o passo à Religião, o Ethos passou adiante do Logos, e com isso ficou perturbada completamente a hierarquia natural dos valores. (LIMA, 1954, p.19)

A relação com Deus vai dando lugar ao amor do próximo por si mesmo. O Positivismo, para Alceu, é a tentativa moderna dessa substituição, secularizando a religião. Faz da Moral a chave final da sua classificação das ciências, desprezando a Teologia. A vida interior, por falta de alimento – a Fé –, vai se depreciando até ser substituída pelo ativismo desordenado, marca dos nossos tempos (LIMA, 1954, p.22).

Filosofismo – Alceu atribui a decadência da vida interior à substituição da vida religiosa pela vida moral (século XVI e XVII) como atividade mais alta do nosso ser. O segundo passo para esta decadência, afirma ele, foi a substituição da moral pela filosofia (século XVIII).

Politicismo – No século XIX, o Estado substituiu a Igreja, ou seja, as instituições políticas assumiram as funções antes representadas pelas instituições religiosas. É o Estado quem organiza o social e o político. Aqui o autor descarrega suas críticas ao socialismo frente ao individualismo, ao naturalismo que sucede o romantismo e às lutas pelo domínio do mundo. O politicismo dominou o século.

Foi a formação dos impérios, o francês, o alemão, o russo, o inglês. Foi a luta externa dos imperialismos. Foi o surto das “internacionais”, a primeira, a segunda. Foi a eclosão da sociologia, como ciência. Foi o aparecimento dos grandes sistemas sociológicos, positivistas, socialistas ou evolucionistas, que, mesmo quando concluindo pelo primado do indivíduo em face do Estado, faziam-no subordinando o homem ao determinismo ou ao mecanicismo, que eram novas formas de esmagar o homem pela natureza física ou pelas instituições políticas. E Hegel concluía a sua imensa síntese pela apologia do Estado Prussiano, como Nietzsche concluía a sua anti-síntese pelo desafio contra o Estado, “o mais inumano dos monstros frios”, mas chegando a um novo culto do titanismo renascentista, pelo mito do super-homem, do Prometeu moderno. (LIMA, 1954, p.34)

Diante de todos esses fatos, destaca o prejuízo ao mundo interior e o seu esmagamento como uma luz que se apagava diante desses temporais, projetando o homem no dinamismo da mais implacável exteriorização. “Nenhum desses novos valores podia respeitar a delicadeza do silêncio e a doçura da solidão, a substância do indizível, a força da fragilidade” (LIMA, 1954, p.34)

Economismo – O século XX colheria os frutos dessas decomposições anteriores, restringindo ainda mais a hierarquia de valores. Agora era a Economia que absorvia a política sob duas modalidades iguais e contrárias, afirma Lima (1954): o comunismo e o capitalismo. Ambos apoiados numa base comum: a Técnica. A produtividade era a recomendação para a cura dos males do mundo.

O indivíduo se torna um autômato. O homem reduzido a coisa. O mundo interior é totalmente aniquilado. Os direitos, como os deveres, se anulam. A vida profunda se torna equivalente à vida animal. O homem se torna realmente um simples

instrumento de uma coletividade, que por sua vez, desconhece qualquer espécie de estabilidade. O mundo interior, a vida interior não são sequer pensáveis nessa nova espécie de escravos de um automatismo impessoal e genérico. (LIMA, 1954, p.40)

Se nos anos 50 Alceu já denunciava um automatismo aniquilando a vida interior, se tivesse ele vivido até aqui o que diria então? A desagregação das instituições sociais, o desmantelamento da família, a fragilidade do mundo globalizado, sem fronteiras, a mundialização da pobreza e o aprofundamento das desigualdades sociais, a violência e a banalização da vida, o controle social e a assimilação individual desse controle.

De quem somos mais escravos? Do mundo ou de nós mesmos? Por que temos de dar conta de tanto? Afastar-se da tradição, rompendo com o mundo espiritual, fez da vida um fardo? Para muitos, talvez. Observa-se nas tendências do século XXI uma explosão do esoterismo, das medicinas alternativas, das experiências no campo da neurociência, enfim, parece que estamos nos dando conta de que, apesar de todo o avanço científico-tecnológico, não se conseguiu preencher o vazio. Novamente a relação espaço/tempo nos persegue e o vazio que sentimos é o da ausência de quem não hospeda mais em si o encontro com Deus em nós.

Sentimos falta de nossa interioridade. É preciso fazer o caminho de volta a si mesmo, abrir as portas de nosso ser e resgatar o que ficou perdido no caminho. Alceu afirma que para ter vida interior é “preciso, antes e acima de tudo, ter vida, crer na vida e viver a vida do modo mais intenso possível”. (LIMA, 1954, p.43).

Quem de nós, na modernidade líquida em que vivemos, tem conseguido viver a vida intensamente? E o que pode significar viver a vida intensamente? O homem voltado à materialidade diria que significa ter alcançado muitos bens, inclusive muito dinheiro. O ser humano voltado para as questões espirituais diria que viver intensamente é manter viva a força que nos faz vibrar por pequenas e grandes coisas, pelo sol que nos aquece e ilumina, pela frescura do vento, pelo ar que respiramos, pelo nosso corpo saudável, pela paz interior, pelo conforto e tranqüilidade de quem consegue alimentar mais do que o corpo, a alma.

Concordo com Alceu ao afirmar:

Não há, pois, vida interior autêntica sem uma profunda vida religiosa. Deus em nós é a condição primeira e maior dessa reverência que devemos ter para com a nossa vida íntima, de modo a expurgá-la de todos os elementos de desagregação e mantê-la na limpidez e na limpeza com que nos preparamos sempre para receber um hóspede. E Deus é mais, muito mais do que um hóspede em nossa casa íntima. É o próprio dono da casa. E quanto mais nos tornarmos hóspedes do nosso Hóspede, tanto mais veremos crescer e florescer o nosso mundo interior. (LIMA, 1954, p.48)

Ressalto apenas que, em se tratando de vida interior, vida religiosa, não estou defendendo apenas a religiosidade cristã, mas a experiência em Deus. E em se tratando de experiência mística, hoje há estudos sobre a mística católica e o desafio inter-religioso.<sup>38</sup>

Para a vida interior Alceu ainda aponta a necessidade de um equilíbrio, de uma harmonia psicológica entre a sensibilidade, a inteligência e a vontade. As impressões do mundo exterior nos chegam pela sensibilidade; pela inteligência transformamos as formas toscas de nossa sensibilidade e desenvolvemos em nós as formas superiores com que iluminamos tanto a ação inicial da sensibilidade como a operação final da vontade (LIMA, 1954, p.49).

Outra condição essencial, destacada pelo referido autor, para a existência de uma vida interior sadia é o meio, as condições do meio. Ele entende que “as condições que cercam o nosso corpo, o nosso espírito, o alheio, o outro, o não-eu, são notas indispensáveis para o perfeito movimento interior do nosso eu” (LIMA, 1954, p.56). O problema está no fato de ser a sociedade o meio natural do homem, o que, ao invés de favorecer o aperfeiçoamento da natureza humana, pode tolher o seu desenvolvimento ou até degradá-la.

A vida interior não é uma mutilação, é uma plenitude. E como plenitude supõe um ser humano que alcançou o melhor e se possível o maior desenvolvimento de todas as suas faculdades. Não é um refúgio dos mutilados ou dos impotentes. É uma eclosão total dos que receberam da vida exterior, da vida psicológica e da vida social, tudo que estas lhe podiam dar. É um aperfeiçoamento, não é uma evasão ou uma mutilação. De

---

<sup>38</sup> Refiro-me aos estudos da Teóloga Maria Clara Lucchetti Bingemer, doutora em teologia dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, professora de teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Coordenadora do Centro Loyola de Fé e Cultura (RJ).

modo que a vida social – onde, pelo conhecimento e pela educação, pelo hábito de viver, o homem chega à sua plena humanidade – é uma condição sine qua non para a vida interior. Mas... há um momento em que o próprio dinamismo da vida social se pode voltar contra a vida pessoal. E a vida interior não é, em si, vida social (nem anti-social, naturalmente), mas vida pessoal. (LIMA, 1954, p.58)

Cabe pensar se o conhecimento, a educação e o hábito de viver no mundo de hoje estão nos levando à plena humanidade, se é possível dizer que temos alguma vida interior, ou ainda dizer do malabarismo que fazemos para tentar resguardá-la.

E quanto à educação, as práticas educativas estão contribuindo para o desenvolvimento de nossa plena humanidade? E os professores? Estão plenos de vida interior?

Alceu assegura que, desde que oferecidas as devidas condições para a expansão da vida interior, ela se realiza mediante os três grandes S.S.S: o silêncio, a solidão e a santidade. Ademais, o autor distingue dois silêncios que, segundo ele, se completam, mas não exigem reciprocidade: o silêncio exterior e o silêncio íntimo. O primeiro é o silêncio físico, a ausência de rumor. Sabemos das conseqüências do excesso de ruídos para nossa saúde, portanto ele é necessário para o equilíbrio da vida. O silêncio exterior, por sua vez, é indispensável para nossa vida interior, pois nosso espírito vai se acomodando a não reagir, a não pensar, quando vivemos continuamente solicitados pelo barulho de fora. O silêncio interior, o silêncio íntimo, se alimenta do vazio para deixar viver em nós o espírito.

À medida que nos retiramos ao centro de nós mesmos, à medida que cresce esse silêncio profundo da alma, vão-se delineando as formas do pensamento, o passado ressurge mais claro do esquecimento, a atenção se apura, cresce a agudeza dos juízos, os sentidos interiores ganham forma à medida que se tornam mais discretos os sentidos exteriores, a luz da inteligência se torna mais viva, o calor do espírito se torna mais ardente e a vontade mais firme. [...] O silêncio então se torna Canto. O silêncio desabrocha em palavras. (LIMA, 1954, p.64-65)

Estar consigo mesmo em silêncio íntimo permite ouvir a si, o próprio eu, possibilita a ampliação do olhar, na riqueza de detalhes daquele que olha com os

olhos da alma, mais do que com os olhos do corpo. Ao ouvir as vozes profundas do nosso próprio eu chegamos a ouvir a voz de Deus.

Se, como afirma Lima (1954), só o silêncio abre os nossos poros sensíveis e a nossa razão, tornando possível penetrar no segredo das coisas, pois elas guardam o segredo de suas origens e a marca invisível que nelas deixamos em nossa passagem, pensemos no professor em sala de aula. Quantos segredos escondidos, quantas leituras de silêncios eloqüentes ele poderá fazer se na sala de aula perceber o momento sagrado do desabrochar de cada aluno ou aluna, com sua palavra plena de silêncios...! Percebo o professor, um leitor de silêncios!

Os poetas e os místicos, mais que todos conhecem o valor do silêncio, porque só nele podem encontrar o que procuram. Mas não há privilegiados do silêncio. São todos os homens, é cada um de nós, é a própria vida humana, para ser bem vivida, que tem sede de silêncio, porque só nele encontra o caminho para a paz e para a sabedoria, para perdoar e para esquecer e, acima de tudo para amar.

Quando procuramos, pois, o silêncio e a solidão e neles encontramos o que nos nega o tumulto do mundo, é que a nossa alma precisa de silêncio, como nosso corpo precisa de alimento. E não há vida interior fecunda sem que, em torno de nós se possível e sempre dentro de nós, o Silêncio for a raiz da Solidão e da Santidade. (LIMA, 1954, p.71)

O autor entende solidão não como uma ausência, mas como uma presença, um encontro do homem consigo mesmo como condição para o encontro do homem com Deus. Diria que as pessoas que guardam essa riqueza interior são mestres da sociabilidade, e a solidão, nesse sentido, acaba nutrindo as relações sociais com a pureza da alma e a generosidade do coração.

Quanto à Santidade, os santos não falam sobre ela, vivem-na, afirma Alceu. Ele entende a santidade como condição da vida interior e a define como força da renúncia, da mortificação, da humildade, do espírito de sacrifício, que “se não é a essência da santidade, é a sua lição. Não é a renúncia da felicidade. É muito mais do que isso. É a alegria do sofrimento. É a riqueza do despojamento” (LIMA, 1954, p.83).

Para falar de santidade o autor lembra São Francisco de Assis, que chegava a proibir a comemoração das virtudes heróicas dos santos dizendo “pratique-na”. Demonstrava assim que a essência da santidade está numa vida em atos, e não em palavras.

Eis aí um exemplo da necessária coerência na síntese de nossa vida interior. Palavras e atos, mais atos que palavras. São as nossas atitudes reveladoras de nossa pessoa, do ser que mora em nós, o humano e o eterno.

## 2.3 MUNDO INTERIOR EM TERESA D'ÁVILA - A CAMINHO DA MÍSTICA

O silêncio é a maior perseguição. Nunca os santos se calaram.  
(PASCAL, apud. ROHDEN, 1981, p.218)

A busca incessante por uma volta ao mundo interior, ressaltando a importância de um retorno ao cultivo da interioridade como fundamento de uma educação mais humana, de uma formação que desenvolva a sensibilidade, a espiritualidade em seu sentido mais significativo, me levou ao encontro com Teresa D'Ávila, mulher de palavra, mulher de silêncios, mulher espiritual, mística, obreira da reforma de uma comunidade Carmelita.

É a partir dos escritos de Teresa que me insiro num território estrangeiro, a Teologia mística, um universo estranho para quem trilhou uma formação na Educação, mas de alguma maneira familiar para uma pessoa educada na fé cristã. É preciso destacar, no entanto, que não pretendo defender credos ou Igrejas. Estou aqui utilizando os “Escritos de Teresa D'Ávila” como referência, dada a sua reconhecida contribuição para a pesquisa em diversas áreas do conhecimento (Psicologia, Filosofia, Teologia, entre outras), além do valor indiscutível de suas palavras, que atravessaram os limites do tempo.

A partir de seus escritos, principalmente “Castelo Interior”, busco elementos que possam viabilizar essa volta a si mesmo como fonte necessária para a escuta de nossa interioridade, o encontro consigo mesmo. Todavia, para isso foi preciso deixar o lugar confortável onde se processava a construção da tese, o programa “Educação: Currículo” e o próprio GEPI, que um dia defini como capela-útero<sup>39</sup>, um lugar de revelações e parto de muitos trabalhos inovadores em educação, e ousar outros caminhos. Procurei o programa “Ciências da Religião” e conversei com o seu coordenador, explicando rapidamente o que pretendia perquirir, e este me indicou o professor Pondé.

---

<sup>39</sup> Entendo a sala de aula como lugar sagrado, onde ocorre o momento de encontros e revelações do mundo interior. No GEPI presenciei durante minha formação no programa de pós-graduação em Educação: Currículo (mestrado e doutorado) o despertar de muitos trabalhos inusitados; daí a metáfora *capela-útero*, o lugar sagrado do nascimento pela palavra travestida de silêncios.

Na disciplina Filosofia da Religião, especialmente nas discussões sobre Mística e Santidade, ouvindo as palavras do prof. Luiz Felipe Pondé e sua singular abordagem<sup>40</sup> dessas questões, iniciei-me na compreensão de Teresa mística. Um caminho complexo e ousado para quem tenta transitar por territórios estrangeiros, e por isso mesmo inconcluso. Trata-se, portanto, de uma reflexão de alguém que apenas “colocou o pé” nesse caminho e tenta dar os primeiros passos.

Como educadora apaixonada pela profissão, apaixonada pela literatura, principalmente pela poesia, atuando na formação de professores no curso de Pedagogia e, como assessora pedagógica, acompanhando e contribuindo na reorganização dos processos educativos nas escolas particulares, mas principalmente como alguém que se busca e se inquieta com a premência de uma educação voltada para o cultivo da interioridade, uma educação do mundo interior, proponho-me a atravessar o deserto de minhas ignorâncias nesse território.

Assim como escreveu Teresa, também preciso de paciência para escrever o que não sei, paciência para fazer a travessia, tal qual o poente caminheiro no deserto. Porém, não caminharei totalmente só. Seguirei, como escreveu o poeta, de mãos dadas<sup>41</sup> com tantos quantos comparecerem para ajudar no trajeto e, sem nos afastarmos muito, seguiremos em forma de palavra, silêncio e escritura.

### **2.3.1 Mulher de Palavra, mulher de Silêncio, mulher de Escrita**

A história de vida de Teresa D'Ávila, seus escritos, sua experiência mística, tem despertado o interesse, como já afirmei, de pesquisadores em diferentes áreas de estudo.

Meu primeiro contato com Teresa foi mediante um texto de Dany Kanaan, “A Santa e a Outra”, publicado nos Cadernos de Subjetividade, em 1993. Trata-se de uma publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa

---

<sup>40</sup> Densidade com bom humor, alegria de tornar o complexo acessível a quem tem sede de saber. Dá a palavra, “caça” a palavra, permite vãos ao mesmo tempo em que coloca o leme, a direção e assim vai dando ritmo à aula, instigando novas reflexões, numa intimidade com os autores ao mesmo tempo em que estabelece a intimidade com a classe. A princípio a estranheza da linguagem, a dificuldade para compor o texto da aula. Poderia dizer com Sara Pain que a função da ignorância é despertar o desejo de aprender. Quão ignorante me senti tantas vezes nas aulas de muitos mestres! Quão importante foi perceber as minhas ignorâncias para que o desejo despertado me levasse ao encontro com o conhecimento, compreendido como inacabado, por isso mesmo constituído de caminhos, caminhos intermináveis, porque eterna é a busca.

<sup>41</sup> Refiro-me ao poema de Drummond “Mãos Dadas”.

de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Nesse trabalho o autor faz uma aproximação entre os escritos de Teresa e os escritos de Clarice Lispector, aproximação esta que chamou de Diálogo de Carmelitas:

C.L.: Penso e sei que vou ao encontro do que existe dentro de mim, vou a esse encontro nua e descalça e com as mãos vazias, à mercê de mim mesma.

S.T.: Há dentro de nós alguma coisa incomparavelmente mais preciosa que o que vemos fora pelos sentidos

C.L.: Deve-se ter contacto com o Desconhecido sem uma palavra, nem sequer palavra apenas mental, assim como um mudo “fala” com a intensidade do olhar.

S.T.: Recolhida dentro de si mesma, pode-se meditar na paixão, reproduzir mentalmente a imagem do Filho de Deus e oferecê-lo ao Pai celeste...

C.L.: Quando eu fico sem nenhuma palavra no pensamento e sem imagem visual interna – eu chamo isso de meditar. O silêncio é tal que nem o pensamento pensa.

S.T.: O corpo fica despedaçado, incapaz de mover os pés e os braços [...] Nem o peito pode respirar à vontade. (KANAAN, 1993, p-110-111)

O autor, dessa forma, resgata o mundo interior de ambas mediante suas falas, muito semelhantes. Na introdução do trabalho, Kanaan, além disso, aproxima momentos da vida de ambas apontando semelhanças também entre suas histórias de vida e seus estilos de escrita. As obras de Clarice têm marcas que permitem incluí-las no gênero autobiográfico. A autora escreve em forma de relato e, ao mesmo tempo, mescla-o ao confessional, como na obra “A mulher que matou os peixes”. Já os escritos de Teresa, como “Livro da Vida”, apresentam uma autobiografia em forma de relato e com pedidos de perdão; neles ela ainda se defende contra as acusações de bruxaria. Assim segue o autor a comparar as duas: a santa e a outra.

A partir daí, fui seguindo as trilhas de Teresa, tentando compreender sua escritura, seus silêncios. Mergulhar nesse universo é deixar-se levar por suas palavras, embriagar-se delas, adentrando um universo místico e muitas vezes poético. Fui, assim, conduzida pela força da palavra na escritura de Teresa.

Seu texto foi me desejando e me envolvendo, despertando em mim a necessidade de compreender essa linguagem espiritual. A força da palavra no texto é capaz de despertar o desejo e o prazer da leitura, tentando desvelar suas dobras, seu universo interior. Um texto que provoque a admiração, o espanto, precisa “dar prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu kama-sutra (desta ciência, só há um tratado: a própria escritura)” (BARTHES, 2002, p.11).

Durante os estudos sobre Mística e Santidade no Monaquismo<sup>42</sup> Cristão, Prof. Pondé fez a seguinte observação: “Quando se estuda mística você não está discutindo a experiência, você discute a narrativa. É preciso se ater ao vocabulário, à tradição.” Estuda-se, portanto, a escritura. São os relatos de Teresa D’Ávila, sua escritura, marcados pela beleza de algumas metáforas empregadas, compondo uma linguagem permeada de silêncio e palavra, diante da dificuldade em expressar sua experiência por meio de uma linguagem espiritual.<sup>43</sup>

Terei de recorrer a alguma comparação, embora, por ser mulher, preferisse evitá-las e escrever simplesmente o que me mandam. Mas é tanta a dificuldade da linguagem espiritual para os que, como eu, não têm instrução que terei de buscar algum meio, correndo o risco de nem sempre acertar nessa comparação; divertirá vossa mercê ver tanta ignorância. (Livro da Vida, p.76, In: ÁVILA, 2001)

Teresa mais do que superou os entraves do caminho. Mística, doutora da Igreja, uma mulher admirável para o seu tempo – Espanha do século XVI –, deixou-nos um verdadeiro tratado sobre o mundo interior.

---

<sup>42</sup> Monaquismo - de monacato, instituição monástica. “Existem no Oriente (cristão) as riquezas daquelas tradições espirituais que encontraram sua expressão principalmente no monaquismo. Pois ali, desde os tempos gloriosos dos santos Padres, floresceu aquela espiritualidade monástica, que se estendeu depois até o Ocidente e da qual procede, como de sua fonte, a instituição religiosa dos latinos; e que mais tarde, recebeu também do Oriente um novo vigor. Pelo que se recomenda a todos os católicos que se aproximem dessas riquezas espirituais dos Padres Orientais que elevam o homem à contemplação do divino.” (MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE SÃO PAULO, s/d).

<sup>43</sup> Explica-se no rodapé do texto de Teresa que a expressão “linguagem espiritual” tem na realidade caráter técnico. Santa Teresa a aprendeu nos livros espirituais de sua época. Um biógrafo de Teresa registra que ela leu as Confissões de santo Agostinho e identifica-se com ele em sua angústia no desejo de conversão protelado. Ela mesma também registra em seu Livro da Vida (cap.9, p.68). Já atingira os 40 anos quando diante de uma estátua de Cristo em chagas, inundado de sangue, diante da representação do sofrimento, banhada em lágrimas a contemplar a cena, sentiu a indignidade de sua existência no convento mundanizado e sua piedade mediocre. O surpreendente encontro com Cristo mudou radicalmente sua existência, foi o primeiro passo para uma evolução extraordinária. (NIGG, 1995, p.40)

Os livros de Teresa são obras-primas que, depois de quase 500 anos, cantam a grandeza não só da teologia, mas da mulher que os escreveu. Poucas mulheres na história cooperaram tanto para a promoção da mulher na sociedade como a primeira carmelita descalça. (SCIADINI, 2001, p.12)

Os biógrafos ou comentadores da obra de Teresa expressam com facilidade seu encanto por esta mulher de santa rebeldia obediente. Para fugir das condenações dos padres inquisidores, ela cumpriu a exigência de registrar em livro sua experiência mística.

Não podemos esquecer que no tempo de Teresa eram os homens que estavam no comando; às mulheres, incultas e sem participação ou influência na vida social, cabia a geração de filhos. “A teologia era um campo exclusivo, uma propriedade absoluta dos homens”, afirma Sciadini (2001, p.26).

Em “Livro da Vida”, o tempo todo ela se coloca numa posição menor, como se não devesse tratar de coisas espirituais, segundo explica, por não ter instrução para isso. Pede desculpas muitas vezes, caracterizando seus defeitos e se dizendo não merecedora das graças alcançadas. Vai, assim, envolvendo o leitor com suas palavras, seus encantos, e convencendo-o da veracidade do vivido, como se estivesse, naquele momento da leitura, ao nosso lado, conversando conosco sobre sua Vida, sua experiência, levando-nos a outros níveis de realidade, a que chamou de sobrenatural e espiritual.

Para o que vou falar, não dou igual licença, nem desejo que, caso o mostrem a alguém, digam quem o escreveu, quem é nem a quem sucedeu; por isso, não direi o meu nome, nem o de ninguém, tentando escrever o melhor que puder para não ser reconhecida, e assim o peço pelo amor de Deus. Bastam pessoas tão instruídas e sérias para aprovar alguma coisa boa se o Senhor me der graça de dizê-la; se houver algo assim, será Dele, e não meu, porque não sou instruída, não tenho boa vida, nem fui educada por mestres nem por ninguém (porque só os que me mandaram escrever sabem que eu o faço, e no presente não está aqui), e quase furtando o tempo, e com pesar, porque me impede de fiar e porque, estando em casa pobre, há muitas ocupações...

[...] E por pensar que vossa mercê e os outros que o virem haverão de fazer o que peço, pelo amor de Deus, escrevo com liberdade; se assim não fosse, eu teria grandes escrúpulos, não para falar dos meus pecados, que nesse aspecto não tenho nenhum. Quanto ao mais, basta-me ser mulher para estar restrita, ainda mais sendo mulher e ruim. Assim, o que ultrapassar a simples narrativa da minha vida, tome-o vossa

mercê para si – já que tanto me importunou para que eu indicasse as graças que Deus me faz na oração -, caso esteja em conformidade com as verdades da nossa santa fé católica; se não o estiver, que vossa mercê o queime logo, que a isso me sujeito. (Livro da Vila, p.73, In: ÁVILA, 2001)

Depois do primeiro escrito, ainda produziu “Caminho de Perfeição” e “Castelo Interior”, consideradas as suas obras mais importantes por se dedicarem à formação espiritual das monjas. Escreveu também “Fundações”, obra na qual registra a história da fundação dos vários conventos em que atuou ao dar início à reforma do Carmelo.

Escreveu também poesias e duas outras pequenas obras, “Constituições” e “Modo de visitar os conventos”, enviadas ao prelado (Padre Gracián), pensando na visita canônica dos Carmelos.<sup>44</sup> É interessante observar que Teresa D’Ávila também advertia as autoridades da época, orientando-as a como visitar os conventos, acreditando que tais visitas eram momentos de revisão da vida, já que ela implantara um novo estilo de vida religiosa – com mais suavidade, oração, amor, experiência de Deus. Vale lembrar que em sua época a Igreja pregava o temor a um Deus punitivo e vingativo, enquanto ela revelava um Deus de amor.

#### Buscando a Deus

Alma, buscar-te-ás em Mim.  
E a Mim buscar-me-ás em ti.

De tal sorte pôde o amor,  
Alma, em mim te retratar,  
Que nenhum sábio pintor  
Soubera com tal primor  
Tua imagem estampar.

Foste por amor criada,  
Bonita e formosa, e assim  
Em meu coração pintada,  
Se te perderes, amada,  
Alma, buscar-te-ás em Mim.

Porque sei que te acharás  
Em meu peito retratada,  
Tão ao vivo debuxada,  
Que, em te olhando, folgarás  
Vendo-te tão bem pintada.

---

<sup>44</sup> Cf. Introdução geral da obra “Escritos de Teresa de Ávila”, Ed. Loyola, 2001.

E se acaso não souberes  
 Em que lugar me escondi,  
 Não busques aqui e ali,  
 Mas, se me encontrar quiseres,  
 A Mim, buscar-me-ás em ti.

Sim, porque és meu aposento,  
 És minha casa e morada;  
 E assim chamo, no momento  
 Em que de teu pensamento  
 Encontro a porta cerrada.

Busca-me em ti, não por fora...  
 Para me aches ali,  
 Chama-me, que, a qualquer hora,  
 A ti virei sem demora,  
 E a Mim buscar-me-ás em ti.  
 (ÁVILA, 2001, p.979)

O caminho para esta proximidade com Deus está expresso em sua mistagogia. Revela uma grande preocupação com a formação das monjas e a reorganização dos mosteiros que, na época, pareciam pombal.

A direção e administração do mosteiro eram inteiramente falhas. Monjas ricas mantinham sua própria empregada. Em tais circunstâncias se tornava simplesmente impossível uma vida monástica. Clausura não existia; as monjas podiam sair e entrar livremente. Por esta razão, o mosteiro parecia-se antes com um pombal – tal era o movimento das idas e vindas [...] combinavam encontros nos locutórios<sup>45</sup> – em número de quatro – que as monjas escolhiam para sala de estar [...] o mosteiro era um verdadeiro ninho de “focacas”. Em certa ocasião Teresa o chamou de “Babilônia de Ávila”. (NIGG, 1995, p.34)

Em seus escritos encontramos críticas aos mosteiros. Teresa dizia que neles “existiam dois caminhos igualmente trilhados: o da virtude e da religião, e o da falta de religião” (Livro da Vida, p.54, In: ÁVILA, 2001). Um breve retorno ao significado histórico da vida monástica poderá nos ajudar a compreender as inquietações de Teresa em seu tempo.

Spidlík, Tenace e Cemus (2004), em seu estudo sobre o monacato no Oriente cristão, explicam que tratar do monacato antigo e oriental faz-se importante, uma vez que foram os monges autores de escritos espirituais de relevância reconhecida através dos séculos. É na literatura monástica que se encontram os

---

<sup>45</sup> Separadas por grades, as monjas falavam com seus visitantes; esse lugar onde acontece o encontro chama-se locutório.

autores mais importantes sobre a espiritualidade cristã, e Carmelita é uma espiritualidade monástica. É também nos textos monásticos que se encontra o melhor da psicologia, no sentido que se entende hoje. Eles estão falando de espiritualidade, mas nós modernos entendemos como psicologia.<sup>46</sup>

Embora atualmente as comunidades se esforcem para adaptar a vida religiosa aos tempos modernos, Spidlík, Tenace e Cemus (2004) defendem que os estudos do monacato, tal como aparecem na tradição, contribuem para colocar em evidência os elementos que devem permanecer como essenciais e outros variáveis conforme o tempo e a circunstância. Trata-se de um amplo estudo que retoma historicamente o monaquismo desde a vida monástica hindu, budista, tradição grega, o antigo testamento, os essênios, o judaísmo e o islamismo até identificar Orígenes como um precursor dos monges cristãos.

Em sua obra, ao abordar as questões referentes à vida ascética<sup>47</sup>, recuperam princípios e práticas. Reconhecem como práticas ascéticas fundamentais: o jejum, as vigílias noturnas, o silêncio e a ascese do trabalho.

La etimología de las palabras griegas askeo, askesis, asketes, permanece oscura. Homero la empela para expresar la idea de un trabajo artificio o técnico. La palabra tuvo éxito en su aplicación: 1) al ejercicio del cuerpo en su sentido físico (los ejercicios de los atletas y de los soldados); 2) al ejercicio de la inteligencia y de la voluntad, del sentido moral (la vemos alteranar con su sinónimo meleté que señala una aplicación particularmente atenta y progresiva); 3) al culto y a la vida religiosa (Isócrates llama askeseis a unas “prácticas de piedad” instituidas en Egipto). (SPIDLÍK, TENACE E CEMUS, 2004, p.143)

No vocabulário monástico a prática ascética significa toda ação em direção à salvação. No sentido cristão trata-se de um exercício da vontade, uma busca da vida com Deus. O monge está buscando experimentar no cotidiano a relação com Deus. Entre as práticas ascéticas destacamos o exercício do silêncio.

Na Antigüidade, foi Pitágoras, afirmam Spidlík, Tenace e Cemus (2004, p.159), quem melhor compreendeu o valor do silêncio. Uma de suas mais famosas máximas é: “Me he arrependido a menudo por haber hablado, jamás por haberme

<sup>46</sup> Conforme Pondé, “é uma teologia existencial. Os monges estão discutindo como ‘funciona’ a natureza humana”. (anotações de sala de aula, maio de 2007)

<sup>47</sup> Ascese, na Idade Média, significou renúncia e mortificação da carne e purgação dos vínculos com o corpo. (ABBAGNANO, 2007, p.94)

callado.” Tão distante e tão presente essa reflexão! Quantos de nós, algum dia na vida, nos deparamos com situações em que calar é sinal de sabedoria?

Alguns monges escolheram guardar silêncio durante anos. Spidlík, Tenace e Cemus (2004) citam Agatón, abade que vendia coisas no mercado oriental sem pronunciar uma palavra e que durante três anos levou uma pedra na boca para aprender a calar-se.

Como “fenômeno humano”, el silencio tiene en si tanto valor como la palabra. En la vida personal, favorece la concentración o el descanso del espíritu. En la vida de realciones, el silencio traduce tanto la decisión de no hablar para preservar su juicio, como el rechazo a formular un juicio (“sin comentarios!” dicen los ingleses). El silencio vale entonces lo que valen los motivos que lo inspiran. Sólo se entenderá su valor relacionándolo con su contrario, la palabra. (SPIDLÍK, TENACE E CEMUS, 2004, p.160)

Para compreender o valor das palavras, os referidos autores nos remetem a alguns silêncios: ao silêncio enquanto escuta, ao silêncio ascético, ao silêncio interior, ao silêncio místico. Calar-se não significa mutismo, censura, mas assombro de quem percebe a presença de Deus, quando Ele se mostra. Nesse sentido, a atitude do monge é a preparação para este encontro. Deus sai do silêncio e aborda o ser humano, revela-se.

A ascese cristã não significa um mero exercício, explicam Spidlík, Tenace e Cemus; está unida ao sacrifício de Cristo. O silêncio, nesse caso, é um sinal de morte, final da vida. Cita Gregorio Nacianceno<sup>48</sup>, que durante a quaresma decidiu guardar silêncio até a ressurreição de Cristo, oferecendo um sacrifício para ofertar palavras purificadas.

Sobre o silêncio interior, Spidlík, Tenace e Cemus (2004, p.165) lembram os hesicastas<sup>49</sup>, cultivadores deste silêncio, buscando evitar a comunhão com os maus pensamentos. O método desenvolvido pelos hesicastas conduz à eliminação dos pensamentos, que, quando alcançada, representa o mais alto grau a que se pode

<sup>48</sup> Gregório Nacianceno, "ilustre teólogo, orador e defensor da fé cristã no século IV, célebre por sua eloquência, quem teve também como poeta, uma alma fina e sensível". Cf.: ACIPRENSA, 2007.

<sup>49</sup> Monges que buscavam a paz interior pela oração. Deram à oração do coração toda a sua importância, fazendo-a unida aos dois ritmos fundamentais da vida: a respiração e o coração. Alguns entre eles sublinharam a dimensão corporal da oração do coração, visando a harmonizar o sopro humano ao sopro divino. Mais radicalmente os hesicastas lembraram que a oração está ligada ao mistério do nome de Deus (respiração do espírito). Cf.: SHALOM, s/d.

chegar, o silêncio místico. Mais do que buscar a paz, busca-se atender ao chamado de Deus.

A concepção de silêncio místico foi desenvolvida numa linha neoplatônica<sup>50</sup> por Pseudo-Dionísio, que viveu entre os séculos V e VI, mas pouco se sabe sobre sua pessoa. Assumiu o nome de Dionísio Areopagita, aquele Dionísio convertido ao cristianismo por São Paulo, por efeito de seu discurso no Areópago<sup>51</sup> de Atenas.

A causa boa de todas as coisas pode ser expressa com muitas e com poucas palavras, mas também com a ausência absoluta de palavras. Com efeito, não há palavra nem inteligência para expressá-la, porque ela está colocada supra-substancialmente além de todas as coisas e só se revela verdadeiramente e sem qualquer véu para os que transcendem todas as coisas impuras e puras, superam toda a subida de todos os cumes sagrados, abandonam todas as luzes divinas e os sons e discursos celestes e penetram na escuridão onde verdadeiramente reside, como dizia a Escritura, aquele que está além de tudo. (PSEUDO-DIONÍSIO, apud REALE, 1990, p.421)

Nesse sentido, já estamos entrando no território da Teologia Negativa, ou Teologia Mística. Trata-se da renúncia aos sentidos, às operações intelectuais e a todo o sensível e inteligível. A experiência da presença de Deus se dá para além do sensível e do inteligível. É essa operação que a tradição chama de metanóia.<sup>52</sup>

Teologia mística é o título de um tratado de Dionísio o Pseudo-Areopagita, que descreve o encadeamento regulado dos

---

<sup>50</sup> Neoplatonismo é o nome da escola filosófica fundada em Alexandria por Amônio Saccas no século II d.C., cujos maiores representantes são Plotino, Jâmblico e Proclo. O Neoplatonismo é uma escolástica, ou seja, a utilização da filosofia platônica (filtrada através do neopitagorismo, do platonismo médio e de Filon) para a defesa de verdades religiosas e reveladas ao homem *ab antiquo* e que podiam ser redescobertas na intimidade da consciência. Os fundamentos do Neoplatonismo são os seguintes:

1º caráter de revelação da verdade, que, portanto, é de natureza religiosa e se manifesta nas instituições religiosas existentes e na reflexão do homem sobre si mesmo;

2º caráter absoluto da transcendência divina: Deus, visto como o Bem, está além de qualquer determinação cognoscível e é julgado inefável;

3º teoria da emanção, ou seja, todas as coisas existentes derivam necessariamente de Deus e vão se tornando cada vez menos perfeitas à medida que se afastam d'Ele; conseqüentemente o mundo inteligível (Deus, Intelecto e Alma do mundo) é distinto do mundo sensível (ou material), que é uma imagem ou manifestação do outro;

4º retorno do mundo a Deus através do homem e de sua progressiva interiorização, até o ponto do êxtase, que é a união com Deus. (ABBAGNANO, 2007. p.826)

<sup>51</sup> Cf. Ferreira (1975), Areópago era o tribunal ateniense, assembléia de magistrado, sábios, literatos, etc.

<sup>52</sup> Cf. Pondé (2004, p.177), Metanóia é o processo de transformação ontológica que se abate sobre o místico.

métodos que conduzem a Deus: travessia da linguagem, mas também do pensamento que, por superações sucessivas da afirmação e da negação, e mais profundamente por despojamento de todas as imagens, conduz a uma certa extenuação do pensável e do dizível na qual se cumpre uma união com aquele que está além de toda essência e de todo conhecimento. (LIBERA, 1999, p.289)

Segundo Pseudo-Dionísio, o monge busca a vida na unidade. Viver perto de Deus é buscar a ordem, a santificação, a saúde. Religião é um discurso de como ter saúde, busca de sentido. (PONDÉ, 2007) No sentido monástico, a compreensão da natureza profunda do ser humano é a busca dessa ordem; ele é alguém que está unificado. Encontrar a ordem é um atravessamento da sua própria desordem. É mediante esse movimento que se dá o esvaziamento (esmagamento significa autoconhecimento).

O conhecimento próprio, o conhecimento de si mesmo para sair de si, é uma preocupação de Teresa na educação das monjas. Afirma ela: “A questão de nos conhecer é tão importante que eu gostaria que não houvesse nisso nenhuma negligência, por mais elevadas que estejais nos céus” (Castelo Interior, p.448, In: ÁVILA, 2001).

Nos relatos de Teresa D'Ávila encontramos os registros de sua experiência mística. De toda sua obra talvez “Castelo Interior” se traduza na mais bela metáfora para o mundo interior. Ela afirma que a porta de entrada é a reflexão e a oração; esse é o caminho para o autoconhecimento. Em todos os seus escritos há uma preocupação em ensinar a orar, a meditar e a entrar em si para chegar ao centro do castelo e encontrar sua Majestade.

Na raiz grega do termo “mística” (mystikós) encontra-se o verbo meyein, que significa “fechar os lábios e os olhos”. O místico é alguém familiarizado com a visão interior, que ultrapassa a consciência ordinária, ele vive a radicalidade da presença de algo absolutamente novo e gratuito; vive uma experiência que toca a dimensão profunda e escondida da realidade. (TEIXEIRA, 2004, p.29)

Assim viveu Teresa, tão familiarizada com a visão interior, com o matrimônio esponsal, unida a Jesus. Passou a adotar o nome Teresa de Jesus. Uma nova identidade a partir de sua conversão (o encontro com Jesus), não mais Teresa de Ahumada, mas Teresa de Jesus. “Este título será sua força, o projeto de sua vida

com que iniciará uma santa rebeldia na Igreja” (SCIADINI, 2001, p.27), a reforma e fundação de novos conventos e a inauguração de uma nova ordem religiosa, as Carmelitas Descalças. Desse encontro se desencadearia toda a sua experiência mística.

Estudos sobre os fundamentos do misticismo podem nos ajudar a compreender esse matrimônio espiritual. McGinn (1998) escreveu obra intitulada “A Presença de Deus: a história do misticismo ocidental”, em quatro volumes. No primeiro volume, trata da Virada Monástica e do Misticismo. Nele encontramos a seção I, “Aproximações Teológicas do Misticismo”, em que explica a dificuldade de se definir tal palavra, pois o emprego de “mística” ou “misticismo” de forma generalizada tende a mascarar diferenças de opinião e uso. Afirma que uma maneira de não corrermos riscos é nos ampararmos na teologia, na filosofia e nas abordagens comparativas e psicológicas.

Na referida abordagem teológica do misticismo, McGinn apresenta várias obras significativas, entre as quais os estudos de Evelyn Underhill (1875-1941). Segundo McGinn (1998, p.274), trata-se de um trabalho mais histórico do que uma obra teológica ou filosófica, que resgata muitos místicos importantes que haviam sido esquecidos ou pouco estudados. Sua visão teológica foi profundamente influenciada por seu mentor espiritual Baron Friedrich von Hügel, de uma alta ordem Anglo-Católica.

Underhill, explica McGinn, entendeu misticismo como a expressão da inata tendência do espírito humano sobre a completa harmonia com a ordem transcendental, qualquer que seja a fórmula teológica sob a qual esta ordem é entendida. Ela se interessa pelo processo de vida do místico.

Segue explicando que a autora identifica três modos simbólicos segundo os quais os místicos têm tentado comunicar suas experiências com o inefável: a peregrinação ou busca contínua da alma, o casamento da alma e o modo alquímico de transformação. Ela também analisa dois caminhos básicos que se interpenetram para a expressão da vida unitiva, que é a meta: a deificação (a expressão da metafísica transcendental) e o casamento espiritual (a expressão da intimidade pessoal).

McGinn ainda ressalta que a autora, como estudiosa dos clássicos místicos cristãos, defende que os elevados caminhos da mística combinam ambos, a ação e o estado passivo, numa alta síntese, o topo da evolução humana.

“É com santa Teresa que a mística sponsal se faz forte e o ideal do matrimônio espiritual, já lançado pelos Padres da Igreja, nela se faz, não doutrina, mas experiência pessoal de vida” (SCIADINI, 2001, p.31). É o que poderemos constatar no caminho para alcançar o interior do castelo, o mundo interior.

### **2.3.2 Castelo interior**

Considerada a obra de maior amadurecimento de Teresa D'Ávila, “Castelo Interior” reflete sua evolução espiritual. Como observa o apresentador da obra, sua produção confirmaria o que Teresa afirmava nas sétimas moradas: “Que a suprema experiência mística não faz o cristão se abstrair, mas o mantém com os pés em terra, em diálogo com os irmãos.” (Castelo Interior, p.433, In: ÁVILA, 2001)

#### **Primeiras Moradas**

Teresa D'Ávila começa descrevendo a alma como um castelo de diamante ou de cristal muito claro com vários aposentos, os quais chama de várias moradas. Refere-se ao castelo interior como criatura, pois somos criados à semelhança de Deus, Criador.

Chama a atenção para a importância de sabermos quem somos nós e, neste exercício, critica o fato de atentarmos apenas ao corpo, e não à nossa alma. Não buscamos compreender suas riquezas, seu grande valor, quem nela habita, e não nos preocupamos em conservar sua beleza.

Quanto às moradas, Teresa descreve que umas ficam no alto, outras embaixo, outras nos lados e no centro, sendo que no meio de todas está a principal, “onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e alma” (Castelo Interior, p.442, In: ÁVILA, 2001). Destaca que essas moradas não estão alinhadas umas às outras e que devemos imaginá-las como camadas semelhantes às do palmito, que tem várias coberturas.

Pode parecer disparate; porque, se esse castelo é a alma, claro está que não se trata de entrar, pois, se é ele mesmo, pareceria desatino dizer a alguém que entrasse num aposento estando já dentro. Mas deveis saber que há grande diferença entre os modos de estar, existem muitas almas que ficam à volta do castelo, onde estão os que o guardam, e que não têm

interesse em entrar, não sabendo o que há nesse precioso lugar, nem quem está dentro, nem sequer que aposentos possui. Certamente já vistes alguns livros de oração aconselharem a alma a entrar em si mesma; pois é assim que penso. (Castelo Interior, p.443, In: ÁVILA, 2001)

Contudo, a porta de entrada para o Castelo é a oração e a reflexão, afirma Teresa. Ela não considera oração as palavras repetidas, como quem as decorou, sem a devida reflexão. Enfatiza ainda o quão importante é nos conhecermos e ressalta: “É muito bom, extremamente bom, entrar primeiro no aposento do conhecimento próprio antes de voar aos outros, porque esse é o caminho.” (Castelo Interior, p.448, In: ÁVILA, 2001)

Assim, são de fundamental importância nesse caminho a humildade e o conhecimento próprio. Compreende a autora que “jamais chegaremos a nos conhecer totalmente se não procuramos conhecer a Deus” (Castelo Interior, p.449, In: ÁVILA, 2001).

No se trata aqui de un conocimiento de si que se desemboca em el narcisismo. Es todo lo contrario: un conocimiento de si que se abre al infinito del misterio de un Dios que es el único capaz de desvelar el inquietante misterio del hombre, que ha tenido siempre intrigada la mente del pensador, filósofo o no, que busca un sentido o razón de ser a la existencia del hombre. (FERMÍN, 2002, mimeo)

Abrir-se para o mistério exige desapego, humildade e resistência para enfrentar as pedras no caminho. Importante é não desistir e desejar avançar.

Acabe-se já esta guerra. Pelo sangue que Ele derramou por nós, eu o peço aos que não começaram a entrar em si; e os que já começaram, que nada seja bastante para fazê-los voltar atrás. Olhai que é pior a recaída do que a queda. Quanto tempo perdido! (Castelo Interior, p.458, In: ÁVILA, 2001)

## **Segundas moradas**

O caminho para o conhecimento próprio se traduz numa busca existencial e espiritual, e para avançar nessa direção é preciso ir deixando pelo caminho nossas imperfeições, pois nesta morada nossas virtudes ainda não sabem andar. As segundas moradas, explica Teresa, são os aposentos de quem já começou a

entender a importância de continuar no caminho, não permanecendo na primeira morada, mas ainda falta determinação para seguir adiante, corre-se o risco de voltar atrás.

Assim ocorre com as almas que estão nas segundas moradas: entendem os chamados que lhes faz o Senhor, porque vão se aproximando mais de onde se encontra Sua Majestade, que é muito bom vizinho e tem tanta misericórdia e bondade que uma vez ou outra não nos deixa de chamar, pois tem em grande conta que O queiramos e procuremos a Sua companhia. (Castelo Interior, p.454, In: ÁVILA, 2001)

Inicia-se assim o suave recolhimento, que não deve ser feito à força, para que seja duradouro e contínuo.

### **Terceiras Moradas**

Teresa D'Ávila continua falando da importância do despojamento e desapego de tudo para avançar no caminho para a interioridade, mas avançar com humildade.

Também sei que não se trata de castigar o corpo, isso é o de menos. Quando falo em caminhar, refiro-me a fazê-lo com grande humildade. Se bem o entendestes, sabeis que aqui está o problema das que não conseguem avançar. (Castelo Interior, p.467, In: ÁVILA, 2001)

Para Teresa, a perfeição se encontra em quem mais ama e em quem melhor age com justiça e verdade.

### **Quartas moradas**

Começa dizendo que tratará de questões sobrenaturais, difícilimas de explicar<sup>53</sup>, e lembra ao leitor que procurará complementar o que já escreveu há catorze anos, quando produziu o “Livro da Vida”.

---

<sup>53</sup> Diria também difícilimas de estudar para quem, tal qual Teresa, não foi instruída nessa dimensão, mas sente-se atraída e ousa adentrar esse território.

Como estas moradas já se encontram mais perto de onde está o Rei, é grande a sua formosura, havendo coisas tão delicadas para ver e entender que o intelecto não consegue fazê-lo de modo adequado, resultando tudo bastante obscuro para os que não têm experiência. (Castelo Interior, p.471, In: ÁVILA, 2001)

Ressalta que para continuar no caminho da subida às próximas moradas e alcançar o que desejamos, o importante não é pensar muito, mas amar muito. Começa a tratar da experiência mística e reconhece o sofrimento por falta de instrução para compreender o que se passa.

Há pouco mais de quatro anos vim a entender, por experiência, que o pensamento (ou imaginação, para que melhor se compreenda) não é a mesma coisa que o intelecto. Perguntei-o a um erudito, que me confirmou essa verdade, o que não foi para mim motivo de pouco contentamento. [...] Isso porque, sendo o intelecto uma das faculdades da alma, causava-me tristeza vê-lo às vezes tão volúvel. A imaginação, por sua vez, voa tão depressa que só Deus a pode deter, fixando-a a tal ponto que a alma parece, de certo modo, estar desligada do corpo. (Castelo Interior, p.473-474, In: ÁVILA, 2001)

### **Oração de quietude ou “gostos de Deus”**

Para explicar como esses gostos de Deus podem ser alcançados, Teresa D'Ávila utiliza como exemplo dois reservatórios ou piscinas que se enchem de maneiras diferentes, a partir de duas fontes. Antes explica a necessidade de recorrer a esses exemplos para explicar coisas do espírito.

Em todas as coisas criadas por Deus tão grande e sábio deve haver imensos segredos de que não podemos nos beneficiar. É o que fazem os eruditos. Mas creio que, em cada coisinha que Deus criou, há elementos que transcendem o entendimento, ainda que se trate de uma simples formiguinha. (Castelo Interior, p.477, In: ÁVILA, 2001)

A água que enche um reservatório vem de longe através de muitos aquedutos e artifícios. Já o outro reservatório, por ter sido construído na própria nascente, vai enchendo sem ruídos, transborda e se constitui num grande arroio; sem necessidade de artifícios, está sempre com água.

A partir desses exemplos, Teresa explica a diferença entre contentamento e gostos (oração da quietude). A diferença é que o contentamento é resultado da meditação. Tal qual a água que chega através de artifícios, os contentamentos são trazidos pelo intelecto, fazendo ruído ao encher a alma de proveitos.

Na outra fonte, a água vem de sua própria nascente, que é Deus. Assim, quando Sua Majestade deseja e é servido de conceder alguma graça sobrenatural, produz esta água com grandíssima paz, quietude e suavidade no mais íntimo de nós mesmos. Não sei até que ponto nem como. Não sentimos esses contentamentos e deleites no coração, como os da terra – falo do princípio, porque depois todo o ser é preenchido. Essa água vai correndo por todas as moradas e faculdades até chegar ao corpo. Por isso, eu disse que ela começa em Deus e termina em nós. O certo é que, como o constatará quem o tiver provado, todo o ser exterior usufrui desse gosto e suavidade. (Castelo Interior, p.477, In: ÁVILA, 2001)

A autora defende a idéia de que esse deleite não se origine no coração, mas num lugar ainda mais interior, num lugar ainda mais profundo, pois vê segredos em nós mesmos que muitas vezes a espantam.

Teresa adverte com a afirmação “humildade, humildade! Por ela, o Senhor se deixa render a tudo quanto Dele queremos” (Castelo Interior, p.479, In: ÁVILA, 2001). Alcança essas graças quem não as procura. “Essa graça só é concedida a quem Deus quer e na maioria das vezes, isso ocorre quando a alma mais está despreocupada” (Castelo Interior, p.480, In: ÁVILA, 2001).

Ao tratar das questões sobrenaturais, Teresa, em vários momentos de seus escritos, faz referência à Teologia mística e afirma só saber explicar o que acontece na sua experiência, ou seja, o tempo todo ela trata do que viveu, trata do seu processo de vida.

Dizem que a alma entre em si; outras vezes, que “se eleva acima de si”. Com essa linguagem não saberei esclarecer nada, pois tenho este defeito: pensar que dizendo as coisas como sei, me dou a entender, quando talvez elas só estejam claras para mim. (Castelo Interior, p.481, In: ÁVILA, 2001)

No “Livro da Vida”, Teresa inicia seu relato comentando o que lhe aconteceu logo que começou a sentir fortemente a presença de Deus em sua vida: uma representação interior de estar ao lado de Cristo, um sentimento tão forte que não

podia duvidar de que o Senhor estivesse dentro dela, como se estivesse, conforme descreve, toda mergulhada nele. Ao tentar explicar o ocorrido, afirma não se tratar de uma visão, mas de teologia mística:

A alma fica suspensa de tal modo que parece estar fora de si; a vontade ama, a memória parece estar quase perdida, o intelecto não discorre, mas a meu parecer, não se perde; entretanto repito, também não age, ficando como que espantado com o muito que alcança. (Livro da Vida, p.70, In: ÁVILA, 2001)

A escritura de Teresa – com sua simplicidade, seu estilo de dizer o que parece impossível de ser traduzido em palavras, recorrendo então a imagens, metáforas e, muitas vezes, dizendo mesmo sua dificuldade em expressar a experiência mística – consegue transpor as fronteiras da palavra. Ela parece escrever de suas entranhas, falar do interior de sua alma. Seu texto ganha força e preenche o leitor. Impossível não ser envolvido por ela, a escritura de Teresa.

### **Oração de recolhimento**

Recolher-se significa buscar Deus no interior da alma. Questiona-se: Onde mais poderíamos encontrá-Lo? Lembra Santo Agostinho quando escreve que ele o encontrou dentro de si mesmo depois de tê-lo procurado em muitos lugares. (Castelo Interior, p.481, In: ÁVILA, 2001)

A alma recolhe todas as faculdades e entra em si mesma com seu Deus, seu divino Mestre vem ensiná-la com mais brevidade e lhe dá a oração e quietude, de uma maneira que nenhum outro modo de oração propicia, explica Teresa. (Caminho de Perfeição, p.381, In: ÁVILA, 2001)

### **Quintas moradas**

Teresa relata como a alma se une a Deus na oração, não esquecendo que Ele está em nós e não fora, como já comentou em outros pontos de sua obra.

A experiência da união é intensa, de modo que a alma não vê, nem ouve, nem percebe o tempo em que está assim. Trata-se de um tempo breve, mas para quem vive a experiência parece muito mais breve do que realmente é, explica

Teresa. “Deus se fixa a Si mesmo no interior da alma de modo que, quando esta volta a si, de nenhuma maneira pode duvidar que esteve em Deus e Deus nela” (Castelo Interior, p.491, In: ÁVILA, 2001).

### **Metáfora do bicho da seda**

Com o calor, quando começa a haver folhas nas amoreiras, essa semente – que até então estivera como morta – começa a viver. E esses grãos pequeninos se criam com folhas de amoreira; quando crescem, cada verme, com a boquinha, vai fiando a seda, que tira de si mesmo. Tece um pequeno casulo muito apertado, onde se encerra; então desaparece o verme, que é muito feio, e sai do mesmo casulo uma borboletinha branca, muito graciosa [...] a lagarta começa a fabricar a seda e a edificar a casa onde há de morrer. (Castelo Interior, p.493, In: ÁVILA, 2001)

Teresa utiliza a metáfora do bicho da seda para dizer que Deus é a nossa morada e que mediante a oração de união com Deus podemos edificá-la. Tecer o casulo tal como fazem as lagartinhas; aconselha as monjas a despojarem-se do amor-próprio, da vontade, do apego a coisinhas da terra, fazendo penitência, oração, mortificação, obediência e o que mais souberem.

Adverte que nessa morada a comunicação com Deus não passou apenas de um breve encontro.

Se pensarmos na metáfora do bicho da seda para tentar explicar a escritura, poderíamos dizer que quem escreve, depois de retirar seus entulhos, tece o fio da palavra no mais profundo do ser. Vai construindo sua casa, a escritura, onde se desfaz, desapega-se até que, estando edificada a casa, se esvaece para dar a palavra ao leitor e suas interpretações, porque o autor desfez-se no texto, não para morrer, mas para transformar-se tal qual a lagarta na mais bela borboleta. Mais do que palavras, ficam no texto os silêncios do indizível; dele se aproximam aqueles capazes de fazer a leitura de silêncios que persistem em forma de palavra. Escrever, portanto, é também a expressão de um silêncio divino.

Nos escritos de Teresa, é possível observar que seu processo de escritura, mais do que divino, é místico.

O pouco tempo de que disponho não me favorece, sendo preciso que Sua Majestade trabalhe por mim; pois tenho de

estar com a comunidade e cuidar de muita coisa, por estar em casa recém-fundada, como depois se verá. Por isso, escrevo com muitas interrupções, pouco a pouco, e não como gostaria. Contudo quando o Senhor dá ânimo, tudo é feito melhor e com mais facilidade, como quem tem um modelo diante de si e o copia; quando falta o ânimo, não se acham mais as palavras certas, mesmo que o exercício da oração venha de muitos anos, como se, por assim dizer, se falasse grego. Por isso, parece-me grande vantagem, quando escrevo, o estar concentrada, porque vejo com clareza que não sou eu quem o diz, nem forma os conceitos com a mente, nem sei depois como consegui dizer. Isso me acontece muitas vezes. (Livro da Vida, p.95, In: ÁVILA, 2001)

### **Sextas moradas**

Nestas moradas, falando numa linguagem mística, ocorre o despedaçamento, o esvaziamento da alma para que Deus possa nela habitar. Teresa descreve o caminho para chegar à união com Deus. Fala sobre a maneira como Sua Majestade desperta a alma, compara a um cometa que passa depressa, ou um trovão, porém não há ruído. Entregar-se ao esposo provoca doce e saborosa dor. Apesar de encontrá-lo somente nas sétimas moradas, a alma já sente o chamado dEle.

Explica nesta morada como acontece o arrebatamento do espírito:

Passam-se as coisas de tal maneira que este parece de fato sair do corpo, por outro lado, é claro que essa pessoa não morre. Mas, pelo menos por alguns instantes, ela não pode dizer se está no corpo ou não. Parece-lhe ter estado por inteiro numa região muito diferente desta em que vivemos, região na qual vê uma luz muito distinta da luz da terra, bem como muitas outras coisas que jamais imaginaria, ainda que ocupasse toda a sua vida nessa tarefa.

E ocorre que, num instante, lhe ensinam tantas coisas juntas que, mesmo que trabalhasse em ordená-las com a imaginação e o pensamento durante muitos anos, não poderia conceber nem a milésima parte. Isso não é visão intelectual, mas imaginária; nela se vê com os olhos da alma muito melhor do que vemos aqui com os do corpo e dão-se a entender algumas coisas à alma sem o uso de palavras. Digo, por exemplo, que vendo alguns santos, a alma os reconhece como se tivesse convivido com eles. (Castelo Interior, p.533, In: ÁVILA, 2001)

Os êxtases de Teresa também eram um mistério para ela. Chegava a levitar, pairava livremente no ar, o que causava admiração nas monjas. Um dos êxtases

mais famosos é o da transverberação, no qual ela percebe a presença de um anjo em chamas. Com algo parecido com um dardo de ouro ele transpassa seu coração algumas vezes até o mais profundo de seu ser.

Caro (2007), psiquiatra clínico, refere-se à Teresa como pioneira da intimidade. Interpreta estes arroubos como expressão de sua sensualidade erótica.

Y en esta experiencia, de claro simbolismo erótico (dardo, perforación, quejido), parece claro que se integran la afectividad humana y la vida espiritual, lo corporal y lo espiritual (algo que, por otra parte, también parece ocurrir cuando expresa la experiencia mística en términos amorosos y nupciales). (CARO, 2007, p.61)

O referido autor, ao abordar a mística teresiana como desejo de união a Deus, aproxima Santo Agostinho:

Siguiendo la teoría Del conocimiento expuesta por San Agustín, el proceso de encuentro y de unión del hombre con Dios parece revestir como un doble movimiento del hombre hacia Dios y de Dios al hombre. Y es precisamente en Teresa de Jesús donde se expresa de forma más clara este doble movimiento de én-tasis, entrada dentro de si, dentro de lo más íntimo del ser buscando a Dios, y éx-tasis, salida de sí mismo encontrándose en Dios. (CARO, 2007, p.69)

Como podemos observar, Teresa atravessará o tempo e a história, suscitando ainda muitos estudos, como já disse anteriormente, em diferentes áreas do conhecimento.

Entrar em si buscando encontrar Deus no mais íntimo do ser e extasiar-se ao sair de si, elevando-se ao encontro dEle, unindo-se a Ele, é o que se experimenta na sétima morada.

### **Sétimas moradas**

Nestas moradas Teresa dedica-se a relatar enfim a união, o matrimônio espiritual. A alma sente-se unida a Deus.

No matrimônio espiritual, muito menos, porque essa secreta união se passa no centro mais íntimo da alma, que deve ser onde está o próprio Deus – lugar no qual, a meu ver, não é

preciso porta para entrar. Digo que não é necessária porta porque em todas as graças aqui mencionadas, os sentidos e as faculdades parecem servir de intermediários [...] Passa-se com tanta quietude e silêncio tudo o que o Senhor ensina e comunica à alma que me leva a pensar na edificação do templo de Salomão, durante a qual não se devia ouvir o mínimo ruído. Assim, neste templo de Deus, nesta Sua morada, só Ele e a alma se regozijam em grandíssimo silêncio. (Castelo Interior, p.578, In: ÁVILA, 2001)

Tendo atingido o centro do castelo, conhecendo os graus de oração mencionados, a alma aproxima-se de Ele. Adverte as monjas dizendo que “para isto serve o matrimônio espiritual: para fazer nascer obras, sempre obras!” (Castelo Interior, p.583, In: ÁVILA, 2001).

Palavras e obras, este parece ser o exemplo de Teresa. Sua escritura registra o caminho para a vida interior, um caminho místico, repleto muito mais de experiências do que de teorias. Em seus escritos é marcante a preocupação em ensinar como atingir o centro do castelo, como desenvolver a vida interior. Teresa mistagoga, mulher de palavra, mulher de escritura, mulher ousada, mulher de muitas obras<sup>54</sup>, sua experiência em Deus constituiu-se num processo de vida.

Processo de vida é o título do próximo capítulo, marcado por experiências profissionais e acadêmicas reveladoras da tentativa de compreender o mundo e as pessoas do interior, um olhar convertido para a interioridade.

Palavra, Silêncio e escritura revelam-se assim como uma questão do viver. Viver em harmonia com o mundo interior e exterior, realizando nossa síntese humana. Esse viver requer uma comunicação profunda com o divino, uma (re)ligação com a espiritualidade, e este é um aprendizado para a vida inteira. E pensar um aprendizado considerando a premência desta espiritualidade exige uma conversão do olhar para a educação, para o ser humano, para a vida exterior e interior, exige colocar-se a caminho da contemplação.

---

<sup>54</sup> Conventos fundados por Teresa: 1562 - São José de Ávila, 1567 - Medina Del Campo, 1568 - Malagón, 1568 - Valladolid, 1569 - Toledo, 1569 - Pastrana, 1570 - Salamanca, 1571 - Alba de Tormes, 1574 - Segovia, 1575 - Beas de Segura, 1575 - Sevilla, 1576 - Caravaca, 1580 - Villanueva de la Jara, 1580 - Valencia, 1581 - Soria, 1582 - Burgos, 1582 - Granada. (NIGG, 1995)

### **CAPÍTULO III – PALAVRA, SILÊNCIO, ESCRITURA: UM PROCESSO DE VIDA**

Neste capítulo abordo algumas das intervenções realizadas durante minha trajetória profissional, mediante a apresentação de relatos de situações de sala de aula e de vivências no grupo de pesquisa; momentos cuidadosamente registrados que possibilitam pensar a sala de aula como lugar de encontro com a palavra e o silêncio, um momento sagrado. Ao observar as práticas relatadas constato que Palavra, Silêncio e Escrita foram se constituindo no meu processo de vida, marcado pelo dar a palavra, exercer a escuta e promover a escrita, figurando o ser que se assume pela palavra, revelada de suas entranhas, pleno, de corpo e alma.

Tratar do silêncio pode parecer poético, estranho ou mesmo uma difícil ousadia acadêmica. No entanto, a raiz de minha formação possibilita certa familiaridade com o tema, uma vez que o viés de nossa percepção é a palavra, a leitura, a escrita.

Gosto do termo escrita, pois carrega em si a idéia de sagrado. Sagradas podem ser as palavras proferidas em sala de aula, aquelas que despertam o que está num silêncio adormecido, no âmago dos seres em busca de evolução intelectual e, quem sabe, espiritual. Neste estudo procuro tratar a espiritualidade como esta busca interior, este encontro consigo mesmo, um momento de equilíbrio e harmonia, às vezes difícil de se encontrar nos dias de hoje.

Quantos textos escrevemos em sala de aula, ao juntarmos às nossas palavras as palavras de nossos alunos? Quantos momentos sagrados acontecem em silêncio, quando a palavra proferida toca a sensibilidade de nossos alunos? São momentos, muitas vezes, não revelados que podem ou não se mostrar pouco a pouco ao professor, profissional da palavra.

Com Orlandi (1992, p.51-105) é possível aprender as diferentes noções de silêncio, quando o autor o apresenta como algo que não é interpretável, mas compreensível, pois compreender o silêncio é explicitar o modo pelo qual ele significa. Assim, traduzi-lo em palavras, segundo a autora, não é possível, porém compreender o seu sentido sim, a partir de métodos de observação discursivos.

A autora ainda considera pelo menos duas grandes divisões nas formas do silêncio: o silêncio fundador e a política do silêncio. O silêncio fundador é aquele que torna toda significação possível, e a política do silêncio dispõe as coisas entre o

dizer e o não-dizer. A política do silêncio compreende, outrossim, duas subdivisões: o *constitutivo* - todo dizer cala algum sentido necessariamente, e o *local* - a cesura.

Orlandi (1992, p.105) explica também que o silêncio não é a ausência de palavras e, discutindo a respeito de uma política de silêncio, afirma: “Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso”. Nesse sentido, adverte que falar para não dizer significa impedir que se diga aquilo que pode causar rupturas na relação de sentidos. No entanto, previne que o silêncio não deve ser confundido com o implícito, pois este é o não dito que se define na relação com o dizer, enquanto aquele, ao contrário, é o que é colocado de lado.

Poderíamos, assim, pensar que existe um universo de silêncios a serem desvendados na discussão sobre a formação de professores, universo este tão complexo que talvez um gesto especial fosse capaz de recortar certos silêncios e transformá-los em fala (PONTY, 1994, p.249), sussurros, pois *a fala é um gesto e sua significação um mundo*. E que gesto será necessário para romper certos silêncios dos profissionais da educação? Larrosa (2004, p.16) nos responde: um gesto filosófico capaz de problematizar o evidente, de converter em desconhecido o demasiadamente conhecido, e isto é filosofia – *abrir a distância entre o saber e o pensar, distância esta que só se abre quando o que já sabemos se nos dá como o que há de pensar*.

Talvez este gesto exija um aprendizado de desaprender, pois trazemos a alma vestida (PESSOA, 1987, p.106). Ou seja, faz-se necessário problematizar o conhecido, o óbvio, provocar o estranhamento necessário para abrir esta distância entre o saber e o pensar, entre o que se diz e o que se faz, entre o que dizem que somos e o que realmente somos.

Nessa perspectiva, vale estabelecer uma conversa entre Foucault e Larrosa sobre a aproximação entre palavra e discurso. Foucault (1996, p.5), no início de sua preleção, afirma que gostaria de ser envolvido pela palavra, ao invés de tomá-la. Iniciar um discurso é arriscar-se. E o que pode haver de tão arriscado em tomar a palavra? Que armadilhas esconde este gesto de assumir uma fala? Sua hipótese é de que em toda sociedade o discurso é controlado, organizado e redistribuído mediante um certo número de procedimentos, cujo objetivo é controlar seu acontecimento. (FOUCAULT, 1996, p.9)

Sobre a apropriação dos discursos, considera Foucault (1996, p.44) que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. O filósofo identifica ainda: rituais da palavra, sociedades do discurso, grupos doutrinários e apropriações sociais. Afirma ele que, apesar de ter feito as devidas distinções, na maior parte do tempo estes elementos estão interligados, como se fossem grandes edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discursos, bem como a apropriação dos discursos por diferentes tipos de sujeito.

Pensemos então no sujeito cujo ofício é a palavra, o discurso. Pensemos nos professores e nos escritores como profissionais da palavra, e pensemos, ainda, nos professores escritores. Neste ponto encontramos o discurso de Larrosa (2004, p.15), em seu ensaio pedagógico “Dar a ler... talvez”.

Nesse momento da escritura, vejo-me atordoada por uma paixão candente pela palavra de Larrosa, tão devastadora e, ao mesmo tempo, tão constituinte de meus sentidos na arte e no ofício de ensinar e aprender. Deixo-me envolver pela palavra do autor a ponto de embriagar-me dela, tornando-se difícil a racionalidade de um discurso acadêmico não ser tocada pela sensibilidade e pelo prazer das releituras, muitas releituras incapazes de consumir o ato da compreensão, a não ser pelo envolvimento amoroso com o texto.

Tentemos então realizar uma leitura desapegada mediante a qual possa nascer a palavra de Larrosa, nos limites de minha escritura, porém na infinitude de minha sensibilidade.

Nesse ensaio, “Dar a ler... talvez”, vejo a correspondência em nosso ofício com o dar a palavra, o permitir ao outro, nosso aluno, assumir a palavra, o fazer a leitura da palavra, constituinte da aula enquanto texto. A princípio, Larrosa trata do dar a ler do escritor, que, a partir do texto já escrito, dá-se ao leitor que o lê, abandonando o momento da escritura para iniciar o momento da comunicação com o leitor.

Na verdade, o autor vai tecendo a idéia de que a comunicação a que se refere diz respeito ao fato de o escritor, ao dar a ler as palavras, estar ausente, pois o que comunica aquilo que dizem ou querem dizer suas palavras é a escritura. “Então, não é o escritor aquele que dá a ler, mas é a escritura mesma que se dá a ler na desapareção do autor, na não presença de seu ‘querer dizer’ ou de seu querer

comunicar” (LARROSA, 2004, p.23-4). A partir dessa idéia, Larrosa situa os professores como leitores que dão a ler, assim como os críticos, os estudiosos, os eruditos ou os comentaristas em geral, pois dão a ler palavras que não escreveram, mas que lhes foram dadas.

Continuando seus ensaios pedagógicos, Larrosa nos apresenta María Zambrano, pensadora marginal nas instituições acadêmicas, e propõe-se a parafraseá-la ao tratar o *Aprender de Ouvido*. Dessa forma, o autor resgata a idéia de Zambrano sobre a aula como um “dos lugares da voz onde se vai aprender de ouvido” (ZAMBRAMO, apud LARROSA, 2004, p.33). Nesse sentido, considera a sala de aula como “um dos lugares da voz, um dos lugares onde a palavra se diz de viva voz, e se recebe de ouvido, escutando atentamente” (LARROSA, 2004, p.37).

Aprender de ouvido, tanto para o professor quanto para o aluno, requer a prática do diálogo, e este, por sua vez, exige a prática de uma escuta sensível (BARBIER, apud FAZENDA, 2006, p.61), à qual não estamos acostumados. O ouvido precisa, portanto, estar atento, aberto à escuta, disponível para a escuta cuja tensão “não está normatizada pelo que sabemos, pelo que queremos, pelo que buscamos ou pelo que necessitamos” (LARROSA, 2004, p.38). Destarte, a palavra em sala de aula é palavra viva, animada, fluida. Assim, o que está na voz, na alma da voz, não pode ser percebido pelo sistema da língua.

Continuando a decifrar Zambrano, Larrosa (2004, p.39), lembrando Aristóteles, assevera: “o que está na voz constitui o símbolo dos pathemas ou dos padecimentos da alma, e o que está escrito, o símbolo do que está na voz”. Atenta também para a dificuldade de trazermos para a escrita elementos que não se podem articular, como o gemido, o balbucio, o sussurro, valendo acrescentar ainda o silêncio.

A partir desse contexto, podemos inferir a importância da palavra em sala de aula, com seu tom e sua expressão, como também a importância da leitura de silêncios como gestos, olhares, sorrisos. É preciso, portanto, estar atento tanto à leitura do que dizem os alunos quanto à leitura deles a respeito da prática do professor. “Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de uma retirada da sala [...] o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente ‘lido’, interpretado, ‘escrito e reescrito’.” (FREIRE, 1997, p.109)

Dar-se à palavra, exercitar a escuta sensível e provocar a expressão talvez sejam movimentos capazes de, a partir da palavra situada em sala de aula, *desenterrar* (S. MATEUS, apud ÁVILA, 2001, p.114) talentos, ao permitirem essa evolução da linguagem, do discurso, na sala de aula. Entendo, ainda, o silêncio como uma linguagem e a palavra como constituinte de um discurso carregado de intencionalidades, desnudado por meio de práticas desenvolvidas no processo de formação.

Uma vez que nosso processo de formação se dá durante a vida inteira, podemos perguntar: Em que medida damos voz ou silenciemos<sup>55</sup> nossos alunos em sala de aula? Em que medida sabemos ouvir, no sentido de praticar uma escuta sensível, permitindo a manifestação de silêncios eloqüentes? Qual a importância do silêncio não apenas para o desenvolvimento profissional, mas também para o desenvolvimento pessoal? Qual a importância de tomar a palavra? Que silêncio? Que palavra?

No percurso de minhas inquietações sobre a questão do silêncio, encontro referências em áreas distintas, como na Lingüística, na Literatura, na Educação, na Filosofia e na Religião, que podem ajudar a adentrar esse território tão pantanoso e, ao mesmo tempo, tão fascinante. Entre os autores estudados nesse sentido estão Orlandi (1992), Teles (1989), Ponty (1994), Teresa de Ávila (2001), entre outros.

Na verdade, o primeiro texto a suscitar minha inquietação sobre o silêncio foi um fragmento adaptado da obra de Trystão de Athaíde, "A palavra e o Silêncio" (ATHAYDE, apud ANDRÉ, 1988, p.118), o que aconteceu há mais de vinte três anos. Assim, observando as ações de formação exercidas em vários momentos da profissão, percebo a presença do mesmo texto nos projetos desenvolvidos. Escolhi o texto e com ele desenvolvi atividades em vários momentos, seja na universidade, nas assessorias ou nas intervenções do GEPI.

#### A Palavra e o Silêncio

O silêncio não é a negação da palavra, como a palavra não é tampouco a negação do silêncio. Há silêncios eloqüentes, como palavras vãs. É precisamente, a continuidade entre um estado e outro que forma a trama completa de nossa vida, do espírito. É na riqueza do silêncio interior que se forma a qualidade de nossas manifestações verbais. Como é na

---

<sup>55</sup> Silenciar no sentido de impedi-los de sustentar outro discurso. Cf.: ORLANDI, 1992, p.105.

riqueza de sua repercussão no silêncio posterior que reside o sentido mais profundo no nosso privilégio verbal.

O homem é a única criatura que fala. Mas é também a única que sabe dar ao silêncio o seu sentido profundo. O silêncio dos seres humanos, das pedras, das florestas, dos animais só tem sentido para nós, seres verbais, que damos um significado positivo, poético, filosófico, religioso a este silêncio das coisas e dos seres infra-humanos. Como o rumor de nossas palavras só tem sentido porque nelas se reflete o mundo infinito que está para lá de sua sonoridade, o mundo dos sentidos, das idéias e das grandes realidades.

Naquela época, como professora de Língua e Literatura, encontrara nesse texto poético o instrumento para sensibilizar e motivar os alunos do curso Supletivo a produzirem seus textos, a acreditarem que poderiam fazê-lo. Vivíamos momentos de cultivo à sensibilidade, à vida interior, suprimindo-os com poesia, música e leituras dramatizadas, pois também acredito que *é na riqueza do silêncio interior que se forma a qualidade de nossas manifestações verbais*.

Era assim que trabalhava, buscando atingir esse mundo interior, tocando, sutilmente, a sensibilidade de meus alunos, de forma a seduzi-los pela arte da palavra. Nesse sentido, a cada encontro a confiança no trabalho aumentava. Eles iam se permitindo produzir textos poéticos, teatrais, contestadores, manifestando, dessa forma, sua palavra, seus silêncios, expressão maior.

A arte da palavra sempre me encantou, bem como a arte de ensinar. Ensinando o prazer de compartilhar o apreendido e compartilhando a alegria de dividir saberes, sobreviam novos desejos de aprender mais. Concebia, assim, a aula como um acontecimento, um encontro, cheio de novidades, novas provocações e novas buscas.

No percurso como professora de Língua e Literatura, dava-me conta de que não era a gramática pela gramática que gostaria de ensinar, tampouco a história da literatura, mas sim o prazer da leitura de textos literários. Desejava, ainda, nessa leitura ir desvelando intenções não ditas, de forma a encontrar pistas para interpretar as emoções mais escondidas no texto. Vivíamos os textos, sentíamos os textos e, ao revivê-los, os reescrevíamos, e a partir desta escrita fazíamos as correções e orientações sobre o uso da Língua.

Era década de 80 quando começava com Celso Cunha a discussão sobre a necessidade de se considerar o contexto social do aluno, sua realidade, e nessa perspectiva constituiriam-se, a partir de então, muitas críticas à gramática normativa.

Em 1993, afastei-me da sala de aula para dedicar-me à pós-graduação Lato Sensu em Educação, e posteriormente ao mestrado, que me levaria a diferentes caminhos. Hoje, como professora de Didática e orientadora de estágios e TCC's, sinto falta daqueles momentos marcantes do início da carreira.

Nas aulas de Didática costumo abrir o curso com poesias para sensibilizar meus alunos quanto à profissão docente. Desfilam pela sala de aula Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles e outros artífices. Contemplando poesias, vou compondo meu texto sobre a paixão pela educação, pela sala de aula, pela profissão. Vejo o brilho dos olhos, observo os sorrisos boquiabertos, o momento mágico do encantamento, do poroso sentimento que a poesia desperta. Quanto aos teóricos que compõem o repertório da disciplina, invisto na desconstrução dos discursos sobre a complexidade do texto. Procuro mostrar aos alunos como é importante estabelecer um diálogo com os autores, aproximando-se do texto, despindo-o para alcançar a compreensão e, posteriormente, expressá-la com as suas próprias palavras. Assim, vamos despindo idéias, intenções, revelando dobras das palavras, discutindo e trazendo à realidade de suas experiências.

Durante todo esse tempo em que estou em sala de aula meu desejo é promover a fala de meus alunos, mostrando-lhes a importância de sua própria voz, de sua própria produção; na verdade, percebo o quanto considero fundamental assumirem-se como Ser de palavra. Outra prática exercida em Didática são os relatos de experiência, quando estamos estudando o processo de ensino-aprendizagem, a “ensinagem” (ANASTASIOU, ALVES, 2003, p.15). Dessa forma, as alunas que já estão atuando na profissão trazem suas experiências mais significativas.

A prática dos relatos tem revelado os talentos de muitas alunas, porém recentemente vivi uma experiência inusitada. Nos últimos dois anos, enquanto cursava o doutorado, minha sensibilidade apurou-se de tal forma que um impulso guardado desde a adolescência aflorou em sala de aula sem pedir licença. Passei, então, a escrever poesias nas aulas da prof<sup>a</sup> Ivani e também nas aulas cujos relatos me emocionam. A seguir apresento duas destas poesias:

A arte de Ser Libânia <sup>56</sup>

Professora  
Olhar doce  
Voz pequena  
Lá vem Libânia mansamente contar a sua história  
Gestos curtos, fala meiga  
Vai pouco a pouco conquistando olhares curiosos

Relato de experiência era sua tarefa  
Como aluna do curso de Pedagogia  
Porém o que recebemos foi um presente  
Um presente chamado Libânia

Olhares atentos começa a narrativa.

Ao retornar ao passado molhado de emoções  
Lembra seu aluno, exemplo de resistência  
Não fala, não faz lições...  
Rasga o papel  
Não tem amigos, só palavras.  
Duras palavras...  
Cobrem-lhe a alma um véu difícil de desnudar

O coração de Libânia bate forte  
A emoção anuncia  
Que o pequeno acostumara-se à não-pedagogia

Este não serve para nada  
Não aprende não...  
Vai ser nada na vida.

No entanto, a doce Libânia, depois de muito imaginar  
Foi logo tratando do pequeno se aproximar  
Um gesto, um sorriso, um combinado  
Foi conquistando o danado

Seduzido por sua doçura  
Foi despindo a armadura  
Confiando na mão estendida  
No afago, na atenção

Pouco a pouco, para surpresa desta mestra  
Aquele menino tão só, tão tímido  
Foi se abrindo  
Tal qual uma flor em manhã  
Molhada pelo orvalho

Seu menino o que agora fazia  
Era entregar seu pequeno coração  
Ao desafio do aprendizado  
O aprendizado de ser Libânia

---

<sup>56</sup> Texto produzido ao término da aula. Libânia, minha tímida aluna com olhos grandes, curiosos e meigos, me emociona com sua experiência.

Nada mais de caderno rasgado  
 Seu peito agora abrigava  
 O carinho recebido  
 Os saberes conquistados

Tão doce mestra querida  
 Antes mesmo da lição  
 Resgatou foi a vida  
 Daquele menino danado

O que seu pequeno queria  
 Era um lugar no coração  
 De alguém mais humano e respeitoso  
 Ao ser que a vida tolheu  
 Por razões tão comuns e violentas  
 Numa sociedade onde só injustiça conheceu.

Agora digo, minhas alunas  
 O que aprendemos com Libânia  
 Foi acreditar que é possível  
 Uma educação mais humana

Mestres compondo histórias  
 Aprendendo e ensinando  
 Aos pequenos ou aos grandes  
 Seja qual for o tamanho da alma  
 Vale acreditar em nossa luta infinita  
 Que nos pedagógicos espaços  
 A lição mais importante  
 É a Pedagogia do abraço

Sejamos juntos.

Um jeito de ser professora<sup>57</sup>

Olhar maroto de menina moleque  
 Inquieta, observadora, esperta...  
 Desde os primeiros dias de aula  
 lá do fundo da sala registrava  
 todo o movimento, alerta!

O tempo passa, mas as experiências não  
 Gislene sempre tem para contar uma nova emoção  
 É projeto, projeto na escola, professora  
 o que mais tenho feito na vida...

Sua presença vibrante  
 revela a guerreira professora  
 na labuta de seu dia

---

<sup>57</sup> Outra emoção. Outro relato. Agora é Gislene, minha professora moleca, inquieta e atenta. Quem diria! Tanta sensibilidade para tratar seus meninos rebeldes, ao mesmo tempo em que o pulso firme vai organizando a sala.

Olhar cansado, mas a alma não  
Lá vai Gislene pilotando toda noite  
De Praia Grande a Santos  
fazendo a ponte entre  
experiência e conhecimento

Mas eis que chega o dia do relato de sua prática  
Lá vai Gislene organizar a apresentação  
Prepara-se a menina professora

Mas eis que logo naquele dia  
não encontra recursos audiovisuais à disposição  
Sente todo o seu esforço diluir-se em desesperança  
pois chamar a atenção de platéia tão seleta  
é desafio constante para quem se manifesta

Como vimos minhas alunas, Gislene nos trouxe mais um presente  
Trouxe vida, luz, brilho dos seus pequenos ausentes  
Sem as imagens projetadas, a professora venceu o desafio  
pois trazia nas entranhas a fala de seus alunos  
revelava seu projeto do Aluno Monitor  
como possível resposta ao *aluno agressor*

De atropelos e agressões, conseguiu de seus rebentos  
novos gestos, novo alento a tão difícil situação  
motivando-os à participação  
colaborando com a professora nas ações do dia-a-dia  
Foi envolvendo a turma, acalmado a rebeldia  
Meninos e meninas, pouco a pouco perceberam  
a possibilidade de serem reconhecidos  
Sentiram-se importantes  
Gostaram da situação.

Quem vestiria a camiseta de aluno monitor?  
Perguntava a professora durante toda semana.  
Passaram assim a disputar o melhor comportamento  
Monitor significava a responsabilidade de ser exemplo.

Com número tão grande de jovens  
em situação conflitante  
foi resgatando Gislene  
meninos e meninas errantes.  
Assumiram a parceria  
com aquela dura e doce professora  
mantendo a palavra nas cobranças  
sabendo dosar sua ternura

O projeto Aluno Monitor  
conquistou toda a escola,  
mas vejam só,  
de quem nossa professora sentiu falta?

Seus colegas de profissão  
para não falar em omissão  
ficaram à margem de todo o processo

Digo agora a vocês, minhas alunas  
 O próximo desafio de Gislene  
 é seduzir seus colegas, envolvê-los no projeto  
 quem sabe compartilhando novos momentos de construção  
 Despertando-os para a alegria  
 de acompanhar tamanha transformação

Fica o exemplo de mais uma experiência  
 Trazida de forma tão bela  
 do esforço e da esperança  
 na fala de nossa professora moleca.

### 3.1 RELATOS NO GEPI: DO SILÊNCIO À PALAVRA POÉTICA

Nesse processo em que me encontro embriagada pela palavra, também no GEPI, a professora Ivani, ao dar voz ao seu grupo, proporciona a experiência do relato e do registro. O relato constitui-se no momento de nossa fala, e o registro fica impregnado do conjunto de falas do grupo em forma de ata.

Logo após o relato de experiência de uma colega do grupo que tratava de uma professora cuja maneira de lidar com os alunos não era, digamos, pedagógica, inspirei-me a criar a poesia apresentada a seguir. Depois de algumas tentativas para mudar o jeito de ser professora da profissional em questão, a direção da escola optou por afastá-la da sala de aula, transferindo-a para outra função. No entanto, para surpresa de todos, as mães se manifestaram a favor da professora.

Olinda

Criatura com desejos de ensinar  
 Crianças tão difíceis, precisava trabalhar.  
 Oriundas da periferia, Olinda disse um dia:  
 - se não aprenderem, vão apanhar.

Apanhar aqui para não apanhar na vida?  
 Talvez o que Olinda queria era mesmo ajudar

Cuidado Olinda!  
 Um dia isto vai dar o que falar.  
 De tanto em tanto advertida,  
 Olinda se recusava a mudar.

Assumindo a direção, pessoa muito comprometida,  
 Cansou de chamar Olinda, atenção mais assistida  
 Pobre Olinda!  
 Não sabia de outro modo  
 Ajudar os seus rebentos  
 Sabia-os s a p e c a r

Basta Olinda!  
 Disse-lhe um dia a direção.  
 Serás re-enquadrada em tua função  
 Lá bem longe das crianças  
 Onde nem mesmo as lembranças  
 Tragam à tona tal prática  
 Onde o saber que não aprende  
 É motivo de agressão.

Mas chega então a verdade  
 De assustar qualquer reflexão.

Dirigem-se as mães à autoridade:  
 - Onde está Olinda?

Ó linda profissão...  
 Onde aprender se aprendia  
 Não importava o empurrão

Olinda tinha razão?  
 (FORONI, 2005)

Em outro encontro no GEPI<sup>58</sup>, a professora Ivani relatou sua viagem a Portugal, onde se encontrou com Nóvoa, que lhe apresentou o Instituto Superior de Educação João de Deus<sup>59</sup>, fundado há dois séculos. Transcrevo a seguir a fala da professora:

João de Deus (1830-1896) foi inspirador de Fernando Pessoa. Viveu no século XVIII, formado em Direito, mas nunca exerceu essa profissão. Tinha como hobby a poesia. Sua formação em Direito acaba levando para a poesia a retórica e dentro da retórica a métrica. Torna-se um autodidata nas questões da matemática. Suas poesias são simples, mas todas falam da vida e do sentido do humano. Seus poemas fluem nos livros de educação infantil. Na mesma época Portugal vivia na escola a situação da palmatória.

Além de poeta ele gostava de fazer caricaturas. Passava seus sentimentos através da imagem. Começa a criar um método de alfabetização que até hoje é usado nas escolas João de Deus. Ele viveu na mesma época que Montessori. Sua cartilha alfabetiza pela fonética, porém aproxima a pessoa da cultura que ela vive.

No século XVII já se pensava num método de alfabetização que seduzisse a criança ao letramento. Em geral em cinco

---

<sup>58</sup> Para recompor a aula utilizo, além do meu caderno de anotações, a ata da aula do dia 14/06/06, registrada por Mônica Ferreira de Araújo.

<sup>59</sup> Para conhecer mais sobre João de Deus, conferir: MOTA, João Gomes. *Sobre João de Deus*. Disponível em: <[http://www.gomes-mota.nome.pt/joao/cartilha/joao\\_deus.html](http://www.gomes-mota.nome.pt/joao/cartilha/joao_deus.html)>. ASSOCIAÇÃO DE JARDINS-ESCOLAS JOÃO DE DEUS. Disponível em: <[www.joaoedeus.com](http://www.joaoedeus.com)>.

meses as crianças estão alfabetizadas nas escolas João de Deus.

Durante a aula, a professora descreveu sua viagem, traçando o itinerário do passado, com João de Deus, ao futuro, com a visita à Casa da Música<sup>60</sup>, inaugurada em Portugal no final de 2005. A Casa da Música é um Centro Cultural onde as pessoas aprendem a ouvir, a ler e a gostar de música. Foi construído na colina mais alta da cidade do Porto e possui vidros em todas as paredes, de forma que a cidade parece estar dentro da casa. Nesse Centro Cultural, as crianças interagem com um software que, a cada nota musical, faz uma relação entre sons e cores, despertando assim o interesse das crianças na iniciação à composição musical.

Depois de seu relato, a professora propôs ao grupo uma vivência. Uma viagem ao shopping do futuro. Pediu licença a todos e apagou as luzes da sala. Solicitou que permanecêssemos sentados, com os braços e pernas relaxados, olhos fechados e ouvidos atentos para que o grupo registrasse e se transportasse para uma viagem no tempo (ontem) e no espaço (Portugal).

Com o término da experiência, alguns fizeram movimentos de despertar, outros, mais tímidos, só abriram os olhos e se acomodaram melhor nas cadeiras. A professora, continuando o exercício, lançou algumas perguntas para reflexão: O que posso fazer nesta viagem no tempo? O que é viver no passado? Que sentido há no paradoxo futuro e presente? O que é descrever o presente com vistas ao futuro e sem descartar o passado? Quem sou eu? O que quero com minha pesquisa? O que tocou cada um?

Em seguida, solicitou aos integrantes do grupo que manifestassem o que haviam pensado. Muitos depoimentos se seguiram. Cada colega foi relatando o que pensou, o que experimentou. Eu, no entanto, não consegui relatar; apenas expressei em versos minha emoção, que se fixou mais em João de Deus do que no futurismo da Casa da Música.

Assim, de todas as perguntas lançadas, respondi apenas a uma:

---

<sup>60</sup> Viaje até a Casa da Música, confira: ARCOWEB. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/arquitetura629.asp>>. CASA DA MÚSICA. Disponível em: <[www.casadamusica.com](http://www.casadamusica.com)>.

O que quero com minha pesquisa?

Uma sala de aula mais humana  
Tal qual o sorriso de uma criança  
Pintada com as cores do arco-íris  
Cravado na alma de cada Ser.

Uma sala aberta e porosa  
Onde o conhecimento de si transpirasse  
Onde tudo reluzisse somente  
a alegria de atingir a plenitude da vida

Recolhe-te nas profundezas  
de tua interioridade  
Desnuda tua essência mais humana  
Carrega nas tintas da esperança  
E leva a tua palavra mais completa.

Renova tuas forças encantadoras  
De tocar as pessoas e o mundo  
Arrancando toda a casca...

Toca tua sensibilidade todo aquele que te toca  
Sê o que desperta o brilho doce  
De uma felicidade tão secreta.

Segue as pistas de João de Deus  
Encontra-te na tua pureza d'alma  
Liberta-te e saboreia  
O gosto das tintas banhadas na tua forte vibração  
Salta para o infinito  
De temporalidades tão complexas.

Essas experiências referem-se a situações mais recentes no GEPI, as quais, porém, não poderiam ter acontecido sem um processo de construção que se iniciou ainda na época do mestrado. Voltemos então ao passado no grupo de pesquisa.

### 3.2 DO NORTE AO SUL: INTERVENÇÕES PELO GEPI

O GEPI, enquanto grupo de pesquisa, viveu momentos bem difíceis para sair da academia e intervir na realidade. O primeiro movimento aconteceu em 1995, quando cursava o mestrado e iniciara minha participação no grupo. Precisamos, naquela época, transgredir determinadas proibições e vencer boicotes para atender a um convite feito pela Secretaria Municipal de Resende, Rio de Janeiro.

Vencidas as barreiras que nos separavam da rede municipal, formamos um grupo de doze pessoas, de formações diversas, para realizar um evento que ficaria marcado na história da cidade e também na história do GEPI. O trabalho realizado com mais de mil professores movimentou a cidade e rendeu frutos. No ano seguinte, sob a batuta de Ivani Fazenda, publicamos “A Academia vai à Escola” e o município recebeu prêmio.

Tempos depois, em 1997, surgiu outro convite para realizarmos evento semelhante em Porto Velho, Rondônia. O fato de estar muito envolvida com outras atividades levou nossa mestra Ivani a solicitar ajuda para a coordenação dos trabalhos junto aos colegas que se dispuseram a viajar. Então, uma de minhas funções passou a ser realizar todo o trabalho de intermediação entre a equipe organizadora do evento e o grupo de pesquisadores do GEPI.

Quando estávamos com boa parte do trabalho organizado, um compromisso impediu nossa mestra de viajar; foi então que recebi a importante incumbência de representá-la. Tornei-me, dessa maneira, responsável pela coordenação dos trabalhos junto aos colegas e também junto à equipe de Porto Velho.

Entre as discussões sobre a palestra de abertura e as aulas nos períodos da manhã e da tarde, reunia-me com a equipe de Porto Velho para ajustar as atividades. Foi uma maratona de uma semana de muito trabalho e ricas experiências. E, ainda, todas as noites reunia-me no hotel com os colegas do GEPI.

O caminho para o Norte constituiu-se assim, num exercício de muita parceria, encontros, cumplicidade, descobertas, um movimento interdisciplinar. Nesse movimento vivemos a interdisciplinaridade nas trocas intersubjetivas, na aproximação de pessoas, no desvelamento de projetos de vida.

### **3.2.1 O Caminho para o Norte - a coordenação**

Tão logo iniciássemos os trabalhos, saberíamos que apenas os quilômetros de distância separavam as diferentes realidades, pois os problemas na área da educação estão em toda parte, mudando apenas de endereço. Bravos, verdadeiros bravos, são os profissionais da educação, mais ainda nessas regiões distantes, onde a escassez de recursos é bem maior. No entanto, observamos a *paixão* por ensinar e aprender, marcando a trajetória de muitos educadores deste nosso imenso país.

No primeiro contato telefônico com a região Norte, evidenciava-se o desejo de realizar um evento inovador, diferente dos anteriores. Podia-se perceber que os professores ansiavam por novas metodologias em cada disciplina em questão. Era uma voz meiga, doce, carregada de sotaque, amável e muitas vezes manhosa como criança. Fui imaginando como seria estar com aquelas pessoas, como seria o lugar e, principalmente, como venceríamos a distância durante toda a preparação do evento.

No primeiro momento, nada definido. Aquela voz manhosa me dizia: “Não temos recursos, não temos como, mas queremos realizar o projeto.” Estabelecia-se, assim, uma série de contatos telefônicos com aquela Delegacia Regional de Ensino. Às vezes a comunicação era difícil, já que a Delegacia contava apenas com um número de telefone/fax; outras vezes parecíamos muito próximos.

Porto Velho descobrira os trabalhos dos pesquisadores da Interdisciplinaridade mediante Ivani Fazenda, na entrega do prêmio concedido ao trabalho realizado em Resende, Rio de Janeiro, intitulado “A Academia vai à Escola”. O desejo de atender sua realidade fez com que a Delegada (era assim que se denominava o cargo) Bernadete e a professora Dayse levassem a academia a um lugar ainda mais distante, onde o verde das matas, a imensidão do Madeira e o clima seco fazem de Porto Velho um lugar especial, de pessoas singulares.

A princípio, ficou clara a impossibilidade de se realizar um evento nos moldes daquele de Resende, pois, segundo a comissão, não havia verba suficiente para levar o grupo todo à localidade, ou melhor, não havia verba nenhuma. Porém, depois de algumas conversas, acabamos negociando, e a confirmação aconteceria logo que enviássemos uma proposta de trabalho à Delegacia de Ensino de Porto Velho.

Em contato com Ivani e, em seguida, com o grupo, fui compartilhando com todos as condições para irmos até aquela região distante, assim como os entraves para o trabalho interdisciplinar, as dificuldades materiais, os poucos recursos e os riscos a assumir.

Fazenda (1979), numa época de muitos equívocos em torno da teoria da Interdisciplinaridade, pouco estudada no Brasil, publicou um estudo sobre a conceituação e os obstáculos para a efetivação de um trabalho interdisciplinar, analisando leis, pareceres e diversos documentos referentes ao ensino na década de 70.

A elaboração e adoção de uma metodologia de trabalho interdisciplinar, implica a prévia superação dos obstáculos institucionais, epistemológicos, psicossociológicos, culturais, de formação de pessoal capacitado e também a superação dos obstáculos materiais. Essa metodologia postularia, portanto, uma reformulação generalizada da estrutura de ensino das diferentes disciplinas em função do tipo de indivíduo que se pretende formar. (FAZENDA, 1979, p.55)

Entendendo a Interdisciplinaridade como atitude, ou melhor, como uma mudança de atitude frente ao problema do conhecimento e, portanto, como uma categoria de ação, ressaltava a autora:

Torna-se necessário que ao elaborar essa metodologia cada um esteja impregnado de um espírito epistemológico suficientemente amplo, para que possa observar as relações de sua disciplina com as demais, sem negligenciar o terreno de sua especificidade. (FAZENDA, 1979, p.55)

Desta publicação até o presente, as pesquisas sobre as questões da Interdisciplinaridade vêm avançando. Contudo, muitos dos obstáculos apontados persistem, tais como: o tempo e o espaço para trocas intersubjetivas, o encontro, o abandono do comodismo para colocar em questão suas próprias idéias, o desenvolvimento do sentido de partilhar, a “educação para a sensibilidade”, os entraves materiais e institucionais para a efetivação da interdisciplinaridade.

Entraves à parte, a equipe de organização, representada pela professora Daisy, mostrava-se bastante empenhada na concretização da I Jornada Pedagógica - Trânsito Livre Para Novas Idéias. Trabalhava-se muito, o que ficava claro nas conversas por telefone, nas quais o relato das dificuldades superadas a cada dia anunciava uma nova batalha vencida. Na impossibilidade de levar o grupo todo a Porto Velho, pensou-se em promover um evento que discutisse novas metodologias envolvendo as diferentes disciplinas.

Para nós do grupo iniciou-se um ir e vir de papéis. Por fax eram transmitidas as informações necessárias para formalizarmos o processo a ser encaminhado à Secretaria e aos patrocinadores do evento. Enviávamos o currículo do pessoal e propostas de trabalho. Ia papel, voltava papel. Mais contatos telefônicos. Ajeitava-se a proposta. Negociava-se. Um telefone, um micro, uma placa de fax-modem e pronto, o quartel general funcionava a todo vapor. Encontros, encontros e encontros; o grupo estava cada vez mais perto de Porto Velho.

Primeiro os documentos, os projetos de cada disciplina, depois a aprovação, o patrocínio das passagens, os contatos Santos - Rondônia, Santos - São Paulo e São Paulo - São Paulo. Uma verdadeira rede de articulações, até que, definida nossa presença, concluíssemos nossas discussões e finalizássemos a preparação do trabalho possível.

Tantos desafios... Coordenar os trabalhos, negociar com o Norte, depois com o Sul e novamente com o Norte. Ouvir as expectativas de Rondônia, sugerir, acatar sugestões, repassar informações para o grupo de trabalho e novamente retomar as negociações. Um verdadeiro trabalho articulador, exigindo percepção bastante aguçada o tempo todo e discurso bem colocado, de forma a conduzir as diferentes situações com sutileza, cautela e equilíbrio. Eis os desafios de quem coordena fazendo um exercício constante de permitir a desarticulação para mais adiante corrigir percursos.

Antes de iniciarmos a elaboração das atividades, solicitamos à Delegacia de Ensino que nos enviasse as expectativas dos professores. Para tanto, elaboramos juntamente com a professora Ivani algumas questões, tais como:

- 1) Quais as principais dificuldades que você encontra na sua disciplina?
- 2) O que significa para você a sua disciplina?
- 3) Como você vê o vínculo de sua disciplina com o conjunto do conhecimento?

Ao elaborarmos as questões iniciávamos um diálogo com os professores de Rondônia, pois “o trabalho interdisciplinar prima pelo exercício do diálogo, o ouvir as pessoas em suas diferenças mais interiores e as questões são os indicativos de uma parada de reflexão de cada um envolvido na proposta” (FAZENDA, 1991, p.61).

Analisadas as questões respondidas pelos professores de cada área, identificamos alguns aspectos que serviriam como ponto de partida para nossas discussões. Somamos aos nossos projetos as expectativas dos professores de Porto Velho. Viajamos. Partíamos para um encontro na tentativa de propagar alguns princípios da Interdisciplinaridade. Apesar de tudo o que já havíamos conseguido, o mais importante era estarmos lá, estabelecermos os primeiros contatos, plantarmos a semente.

Trabalhando a Interdisciplinaridade, não podemos prever exatamente qual será o resultado, pois envolver as pessoas e fazer aflorar seus projetos pessoais pode trazer muitas surpresas, até para os mais céticos na proposta. Contudo, logo no primeiro dia com o grupo de professores, o nó preso na garganta desatava-se. Fomos questionados sobre o objetivo da Jornada. Dizia-nos um professor: “Não é nada com vocês, mas entendemos que este é mais um projeto político. Queremos ser ouvidos e registrar nossas dificuldades.”

Ao final das atividades, nos reunimos para realizar a avaliação do primeiro dia e constatamos o mesmo comportamento na maioria dos grupos. Concluímos ser da maior importância dar voz àquelas pessoas.

Na condição de coordenadora, mais uma vez negocieei a reivindicação dos professores. Levei a questão à Delegada, apresentando as colocações feitas, o que gerou um encontro do nosso grupo com a equipe da Secretaria e, no dia seguinte, um outro encontro com o Secretário da Educação do Estado de Rondônia. Neste encontro com o Secretário cada ministrante levou o sentimento dos professores da região sobre a educação de Porto Velho. Em suma, os comentários, por área do conhecimento ou de atuação, foram:

→ Física - relatou que os professores apresentaram uma certa mágoa em relação a outros eventos. O professor ministrante frisou a necessidade de garantir um espaço para estudo, trocas. Há uma defasagem tanto na parte pedagógica quanto conceitual na área de Física.

→ Geografia - registrou a falta de espaço para reunião, para planejamento coletivo. Os professores deste grupo afirmaram que o planejamento não pode ser revisto, sendo seguido à risca até o final do ano letivo.

→ Matemática - observou que os professores deste grupo se colocam de forma bastante humilde, mostrando-se ávidos por investimentos em sua formação.

→ Língua Portuguesa - solicitou imediatamente uma produção argumentativa e observou a dificuldade dos professores para argumentar. O grupo reivindica investimentos em sua formação e a necessidade de uma biblioteca mínima de base.

→ Diretores - o ministrante sentiu neles uma disposição para mudança. Ressaltou como é importante aproximar diretores e professores.

→ Educação Ambiental - enfatizou a necessidade premente de revisão das estruturas de poder das Secretarias, de criação de outros canais de comunicação,

de relativização do poder central e de reformatação de conteúdos. Reconhece que são processos longos, densos, profundos.

→ Literatura - ao iniciar as discussões sobre interdisciplinaridade e tratando dos projetos pessoais dos professores ali presentes, registrou o posicionamento do grupo em relação a projetos elaborados pelos professores e engavetados: o grupo estava desestimulado para o trabalho. Era primordial para o andamento das atividades ouvir os professores em suas reivindicações.

→ Delegada - lembrou tratar-se de uma questão histórica o fato de a Delegacia não ser permanente enquanto órgão institucional, já que pode ser desativada ao final do mandato, retornando suas atribuições à SEDUC. Quando assumiu seu cargo também sentiu a mágoa dos professores; sentiu, ainda, que a ativação da Delegacia de Ensino gerou a percepção de que viria “mais alguém para atrapalhar”, quando na verdade todos deveriam estar voltados para os mesmos objetivos. Denunciou que os diretores são autoritários e que muitas vezes usam o nome da Delegada para o exercício de sua autoridade. Ressaltou também que o maior problema é a direção das escolas.

→ Equipe da SEDUC - afirmou que o grupo se reuniu, estudou, preparou uma equipe de currículo, organizou uma proposta com os professores (nas escolas, nos núcleos), bem como que todo esse diagnóstico apresentado ali pelo grupo não era um levantamento fiel da realidade, inferindo que os professores têm mania de reclamar.

No calor das discussões, desvelava-se o conflito existente entre as três instâncias: Professores, Delegacia de Ensino de Porto Velho e Secretaria de Estado de Educação. Os professores encontravam variadas dificuldades no exercício de sua atividade, a Delegacia buscava trabalhar sem recursos, suportando, ainda, o risco de ser fechada a cada mudança de mandato e a Secretaria defendia com unhas e dentes seus projetos, discutidos e elaborados nos gabinetes – e o Secretário apontava o que já fora possível realizar e o que ainda estava por se efetivar.

Deixávamos claro que não estava entre nossos objetivos resolver todos os problemas da educação de Rondônia. Nossa intenção, longe disso, era ouvir os professores, permitindo que desatassem os nós de suas gargantas, e criar mais um espaço para negociações.

Foram assim se definindo os rumos daquela jornada pedagógica: da escuta sensível no primeiro contato com os grupos, percebendo suas necessidades naquele momento, ouvindo também o sentimento dos colegas ministrantes, assim como o posicionamento da equipe organizadora do evento, à administração do conflito que emerge desta abertura criada. Desse modo, coordenar toma um outro sentido, ou seja, o de ordenar com, não apenas ordenar, mas estabelecer uma nova ordem e da forma mais democrática possível, porque se coloca uma nova ordem *com os outros* e não *para os outros*.

Igualmente importantes foram todos os que junto coordenaram, os amigos (Fábio, Berenice, Derly, Maria Elisa, Ruy e Ricardo) a cada dia fazendo suas avaliações, os professores permitindo-se desvelar, a equipe organizadora disposta a ouvir, a SEDUC incomodada com o diagnóstico apresentado, mas disposta a ouvir e discutir, o Secretário fazendo-se presente no momento do conflito.

Um movimento dessa natureza, como podemos constatar, mexe com a estrutura estabelecida em todos os níveis de ensino, e coordenar exige um caminhar entre, e o caminho do meio requer muito equilíbrio. Equilíbrio para estar entre o conflito e a tranquilidade de quem sabe aonde chegar, paciência para ouvir e filtrar, deixar fluir a fala e calar no tempo certo, e bom senso para administrar conflitos sem perder de vista a alegria, a esperança e a perseverança que nos move a cada dia de nossas vidas e nos leva a lugares tão distantes.

Ao final das atividades, cada grupo elaborou um documento com propostas para sua realidade, a partir das discussões realizadas, das trocas de experiências, do conhecimento da realidade do outro, do conhecimento de suas próprias limitações e das possibilidades de avanço.

Atuando como ministrante e acumulando a função de coordenadora do grupo, foi interessante observar as trocas, as parcerias alcançadas, transgredindo em muitos momentos a ordem estabelecida. Na verdade, o movimento interdisciplinar aconteceu além da política, além dos limites dos poderes nas relações entre Delegacia, Secretaria/Secretário e Professores.

Ao final dos trabalhos, o compromisso da Secretaria com os professores de Rondônia ficou selado, durante a noite de encerramento das atividades, quando os representantes dos professores de cada grupo fizeram um breve discurso, apresentando, também por escrito, ao secretário as expectativas e propostas de mudança para aquela região. Ficou evidente na fala dos professores de todos os

grupos a não-aceitação de eventos relâmpagos, ou seja, os participantes exigiram uma continuidade dos trabalhos ali iniciados.

Se pensarmos tais eventos como treinamento ou, como muitos preferem, “reciclagem”, a idéia seria apenas aprender uma nova técnica, uma nova metodologia, aplicá-la no cotidiano e então perceber os efeitos das novas experiências com os alunos. No entanto, quando pensamos em formação estamos nos referindo a um processo contínuo, envolvendo uma avaliação constante das práticas pedagógicas para encontrarmos “a essência de nossa ação”. No treinamento ficamos limitados a praticar habilidades motoras ou até mesmo intelectuais, padronizadas e incorporadas pelos treinandos; daí a visão tecnicista do trabalho, ou seja, a percepção de que aprendendo uma nova técnica poderei desempenhar melhor minha função em sala de aula.

Esta visão de ensino ainda se faz presente em muitas salas em que atuamos. Ainda é difícil para alguns educadores desvincularem-se desta perspectiva do imediato. No entanto, ao tratarmos de educação estamos nos referindo a uma esfera mais ampla, complexa, exigindo um trabalho contínuo de pesquisa, e não apenas mais uma técnica. Trabalhar nessa direção significa desenvolver o potencial dos profissionais e propiciar a descoberta de seus próprios caminhos.

Na verdade, o que ocorreu durante os trabalhos foi exatamente esta percepção de que é necessário um exercício constante de pesquisa, busca, formação continuada. Os momentos de reflexão durante a jornada permitiram constatar que diferentes realidades requerem projetos distintos. E, para a elaboração desses projetos, as relações de poder precisam ser reinventadas, pois relações democráticas permitem uma aproximação maior, um envolvimento do grupo, um compromisso com o projeto criado, o que significa exercitar uma administração participativa, dando oportunidade para os professores reelaborarem seu projeto de vida, considerando-se esses profissionais como sujeitos ativos do processo, e não apenas como elementos que cumprem o determinado sem questionar, sugerir, participar.

Vale, nesse sentido, refletir: Em que medida os projetos elaborados nos gabinetes permitem o entrecruzamento de projetos pessoais dos professores com os projetos das escolas? Em que medida a parceria fica estabelecida e até que ponto se pode afirmar que o efeito “pacote” foi totalmente banido da formação dos professores?

No encerramento das atividades, ouvindo o depoimento dos professores e observando a postura atenta do Secretário, usei fazer o seguinte comentário:

É Secretário... Agora é necessário que haja esta integração, esta união de esforços, também deste lado da mesa, ou seja, uma integração no âmbito de poder, em que todos os esforços sejam para somar, estando junto dos profissionais, aproximando o desejo de mudar a realidade com o poder de realizar a mudança.

### 3.2.2 O Caminho para o Norte: na sala de aula

Na sala de aula, o projeto de trabalho foi desenvolvido no campo da Leitura e Literatura.

Após a apresentação do grupo, demos início às atividades, retomando as expectativas sintetizadas a partir do levantamento de necessidades realizado pela Delegacia e da análise dos questionários respondidos pelos professores, os quais ressaltavam a importância das questões abordadas “*contemplem a tridimensionalidade das disciplinas: objetivo, campo e método*”.

O grupo apontava expectativas em relação ao como fazer:

- como incentivar o uso de livros paradidáticos;
- como trabalhar com vídeo em temas da disciplina Português;
- textos, produção e redação;
- como avaliar o aluno em Redação e Leitura.

Quanto aos questionários, pudemos agrupar as respostas da seguinte forma:

#### 1) Quais as dificuldades que você encontra na sua disciplina?

Dificuldades referentes aos alunos: falta de interesse, pré-requisito, indisciplina, imaturidade.

Dificuldades referentes ao professor: material didático, apoio pedagógico, aulas mais criativas.

## **2) O que significa para você a sua disciplina?**

Disciplina: importante escrever, falar bem. É a base de todas as outras disciplinas, meio de realização pessoal, possibilita ampliar os conhecimentos em outras áreas.

## **3) Como você vê o vínculo de sua disciplina com o conjunto do conhecimento?**

Fundamental para as outras disciplinas, ponte entre as demais disciplinas.

Como pudemos observar, havia um leque imenso de temas a serem tratados diante do pouco tempo disponível. Porém, ao planejar as atividades entendi que as discussões sobre leitura e literatura poderiam contemplar muitos pontos destacados pelos professores, se tratados numa perspectiva da interdisciplinaridade.

Nesse sentido, o tempo não seria muito nem pouco, mas o tempo vivido, e cada material selecionado para compor a programação seria tratado no tempo certo, com o grupo certo, no momento em que fizesse sentido para o grupo, porque “o tempo é o sentido da vida – o homem não está no tempo, é o tempo que está no homem” (MARTINS, s/d). Nessa relação com os grupos estaríamos determinando nosso tempo para concretizarmos o planejado; na verdade, a cada momento com o grupo o que nos conduzia era o tempo vivido, não o tempo cronológico.

O pressuposto para alcançarmos a interdisciplinaridade é permitir a troca de experiências entre os participantes do grupo, uma interdisciplinaridade dentro da própria disciplina. Coloquei para o grupo a dificuldade em abordar profundamente tantos tópicos e solicitei, na apresentação, que comentassem suas dificuldades no dia-a-dia, caracterizando suas práticas, expondo suas experiências. Foram aparecendo naturalmente os temas registrados nos levantamentos, assim como os professores foram percebendo a cada apresentação do colega que não estavam sozinhos. Partilhavam naquele momento suas angústias, inseguranças e frustrações diante das dificuldades em relação ao ensino da Língua e Literatura. Pouco a pouco, foi ficando evidente nas falas dos professores a importância da leitura e interpretação como base para o bom desempenho dos alunos também nas outras disciplinas.

Escolhi um texto de Paulo Freire, “Ensinar exige alegria e esperança”, para iniciarmos nossas reflexões, texto esse em que o autor destaca a relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança:

A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria [...]. É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser de desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser *da esperança* que, por “n” razões, se tornou desesperançado. Daí que uma das nossas brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza. Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofenda com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa. (FREIRE, 1997, p.80)

Refletimos, entre outras questões, sobre a luta dos profissionais da educação, sobre as “n” razões da desesperança e outras “n” razões para lutarmos contra as situações que podem nos levar ao imobilismo, ao conformismo, lembrando também do nosso compromisso com o educando na sala de aula.

Após as discussões, expus ao grupo tópicos relevantes sobre a teoria da interdisciplinaridade estudados até aquela data.

[...] o projeto interdisciplinar surge, às vezes, de um (o que já possui em si a atitude interdisciplinar) e se espalha para os outros e para o grupo.

[...] o que caracteriza a atitude interdisciplinar é a ousadia da busca, da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir.

[...] a sala de aula é o lugar onde a interdisciplinaridade habita.

[...] numa sala de aula interdisciplinar todos se percebem e se tornam parceiros.

[...] é necessário, num projeto interdisciplinar, compreender, e respeitar o modo de ser de cada um, o caminho que cada um empreende na busca de sua autonomia.

[...] um projeto interdisciplinar pressupõe a presença de projetos pessoais de vida.

[...] um processo de desvelamento de um projeto pessoal é lento, exige uma espera adequada. (FAZENDA, 1991, p.110-1)

No decorrer da exposição, discutindo a idéia de projeto pessoal, parceria, busca, os professores foram dando seus depoimentos. Começaram, então, a aparecer resistências em relação à Jornada Pedagógica, manifestando-se a desesperança do grupo em relação ao trabalho da SEDUC, o que levava os professores a não acreditarem na proposta. Surgiu, assim, a necessidade de levar o posicionamento dos professores ao conhecimento da Delegada, iniciando as negociações para garantir o andamento das atividades previstas.

Estabelecida a cumplicidade, a parceria e o compromisso de levar adiante as reivindicações dos professores, demos continuidade aos trabalhos. Tratava agora de provocar outra discussão em relação ao conceito de leitura, e para isso escolhi o seguinte texto:

Era uma vez dois trafelnos, Mirimi e Gissitar. Os dois trafelnos eporavam longe das perlogas. Um masto, porém um dos trafelnos, Mirimi, felnou que ramalia rizar e aror uma perloga. Gissitar regou muito. Ele rubia que Mirimi não rizaria mais da perloga. Gissitar felnou, regou, regou, mas nada. Mirimi estava leurado: ramalia rizar e aror uma perloga. No masto do fabeti, Mirimi rizou muito lonto. No meio do fabeti, proceu Gissitar e os dois rizariam ateli. Gissitar não ramalia elenar Mirimi.<sup>61</sup>

Após a leitura do texto, pedi ao grupo que respondesse às seguintes perguntas:

- 1- Quem eram os dois trafelnos?
- 2- Onde eporavam?
- 3- O que aconteceu, um masto?
- 4- No 5º período a que se refere o pronome ele?
- 5- Quem felnou?
- 6- Mirimi estava leruado para quê?
- 7- O que aconteceu no masto do fabeti?
- 8- Por que Gissitar rizou com Mirimi?

---

<sup>61</sup> Texto produzido pelo laboratório de pesquisa em produção de texto do Departamento Lingüístico, Paraná, sob orientação da Profª Drª Leonor Scliar. Foi em um mini-curso ministrado pela Profª Ms. Gisela Guidi, professora da UNISANTOS, que tive acesso ao material e passei a utilizá-lo nos processos de formação.

Determinei o tempo para a atividade e mantive uma postura bastante parecida com a daquele professor que acredita que os alunos entenderam tudo. Embora os professores não tivessem entendido nada do que estava escrito ali, as questões propostas foram respondidas.

Foi interessante observar a atitude de uma professora em uma das turmas em que apliquei o texto. Ela, assim como seus colegas, me olhava muito desconfiada, e percebi que sua folha estava em branco e ela visivelmente perturbada, indignada com a proposta. Sutilmente perguntei-lhe se havia alguma dificuldade, e ela respondeu que não faria a atividade. Não insisti, continuei dando atenção aos demais. Após responderem às questões, os professores, em grupo, recriaram o texto, atribuindo-lhe sentido.

O objetivo havia sido alcançado. Os professores, tal qual nossos alunos, perceberam o quanto é difícil trabalhar com um texto que para nós não tem o menor sentido, apesar das perguntas óbvias, fáceis de localizar no texto. E, como acontece muitas vezes em sala de aula, encontramos resistência em nossos alunos quando estes não encontram sentido no trabalho proposto. Eis o nosso desafio: despertar o sentido não só no conteúdo de Língua e Literatura, mas o sentido de todo o trabalho desenvolvido na escola.

No dia seguinte, pela manhã, a professora Maria de Fátima Lopes da Silva Faria apresentava ao grupo, com um imenso sorriso nos lábios, o texto produzido por seus alunos da 6ª série depois de solicitados a reescrever a história de Mirimi e Gissitar, que acabara de ser apresentado pela professora. Comentava a produção da turma e o entusiasmo na criação dos textos, um dos quais apresenta-se a seguir:

Uma tribo chamada Mirimi

Era uma vez dois índios, um tinha o nome da tribo: Mirimi e o outro Gissitar, ambos adolescentes. Os dois índios estavam brincando e quando perceberam estavam longe da aldeia. Mirimi que era aprendiz de cacique conhecia muitas aldeias. Gissitar chamou Mirimi para brincar de correr. Gissitar correu muito, ele correria mais que Mirimi, que não agüentava chegar a aldeia. Gissitar voltou atrás, correu, correu, mais nada, Mirimi estava muito longe da aldeia. Gissitar rezou e procurou em torno da aldeia. No centro da cidade Mirimi chorava e rezava para que seu amigo Gissitar o encontrasse. Gissitar o achou e os dois rezaram e agradeceram a Deus. Gissitar não parava de aplicar sermões em Mirimi. (Paulo Adriano da Silva e Candido Gomes da Silva. Escola de 1º e 2º graus Major Guapindaia, Porto Velho - RO)

Na verdade, ao selecionar o material a ser utilizado na Jornada Pedagógica, pensava nas possíveis discussões sobre leitura e literatura numa perspectiva da interdisciplinaridade. Cada texto teceria um novo ponto de uma grande rede, e ao final teríamos somado outros novos pontos, que se multiplicariam e comporiam novas redes, e assim por diante. A escolha deste caminho não permite prever exatamente até onde se pode chegar com as interações com o grupo e com o grupo entre si. Neste grupo, por exemplo, a resposta foi imediata, a professora sentiu-se motivada a utilizar o texto naquele mesmo dia com seus alunos.

Dando andamento aos trabalhos e aproveitando a discussão bastante aquecida, o grupo realizou a leitura do texto “Ampliando a noção de leitura”, do qual vale conferir o seguinte fragmento:

Dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens.

O papel do educador na intermediação do objeto lido com o leitor é cada vez mais repensado; se, da postura professoral lendo *para e/ou pelo* educando, ele passar a *ler com*, certamente ocorrerá o intercâmbio das leituras, favorecendo a ambos, trazendo novos elementos para um e outro.

Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 1993, p.23-35)

Utilizei ainda um fragmento do texto de Jean Foucambert (1989, p.15) para complementar as conclusões:

A leitura é atribuição voluntária de um significado à escrita  
Todos sabem que há diferença entre ver e olhar, ouvir e escutar... Ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, não é fazer a versão oral de um escrito. Quem ousaria dizer que sabe ler latim só porque é capaz de pronunciar frases escritas naquela língua?

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

Um poema ou uma receita, um jornal ou um romance, provocam questionamentos, exploração do texto e respostas de natureza diferente; mas o ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos.

Sobre o ensino de Língua e Literatura, também trabalhamos com texto de Antenor A. Gonçalves Filho. A cada texto apresentado, novas discussões, experiências relatadas, novas trocas. Percebia-se um grupo já bastante descontraído; cada pessoa tinha algo a acrescentar à exposição do colega e cada motivação do grupo selecionava o próximo texto a ser apresentado, o texto certo, no tempo certo, garantindo o envolvimento e a motivação de todos.

De “Todos nós... ninguém”, obra de Heidegger, mais um fragmento foi retirado e apresentado ao grupo.

O relacionar-se com alguém, com o outro numa maneira envolvente e significante, é o que Heidegger chama de "solicitude", que imbrica as características básicas do ter *consideração* para com o outro e de ter *paciência* com o outro. Ter consideração e paciência com os outros não são princípios morais, mas encarnam a maneira como se vive com os outros, através das experiências e expectativas. *Considero* alguém em vista de tudo o que foi vivenciado e experienciado. O *ter paciência* sempre pressupõe uma expectativa de algo que possa vir a acontecer.

Há duas maneiras extremas de solicitude ou de cuidar do outro, onde existem, obviamente, também inúmeras variações. Uma delas é o "Einspringende Fürsorge", que literalmente, em alemão quer dizer: cuidar do outro pulando em cima dele ou, em outras palavras, "pôr o outro no colo", "mimá-lo", fazer tudo pelo outro, dominá-lo, manipulá-lo ainda que de forma sutil. A outra maneira de cuidado com o outro é o "Vorspringende Fürsorge", em alemão - pular em frente ao outro; quer dizer, possibilitar ao outro assumir seus próprios caminhos, crescer, amadurecer, encontrar-se consigo mesmo. Todas as maneiras de indiferença, apatia, falta, competição – sintoma aliás, muito atualizados em nossa vida de grandes cidades – são maneiras deficientes da primordial característica fundamental – solicitude. (HEIDEGGER, 1981, p.19)

O texto estimulou uma nova discussão sobre a relação professor-aluno e o relato de experiências. Na relação teoria-prática, os professores ressaltaram a idéia de o texto “possibilitar ao outro assumir seus próprios caminhos, crescer, amadurecer, encontrar-se consigo mesmo, é também uma tarefa do professor em sala de aula”.

Ademais, um texto de Terezinha Rios serviu de base para que os professores, percebendo-se de maneira interdisciplinar, apresentassem um esboço de projeto para sua escola. Os grupos concretizaram esta proposta ao apresentarem, no encerramento oficial da semana, juntamente com os representantes de outros grupos, o registro das propostas ao Secretário de Educação do Estado de Rondônia.

Trabalhamos ainda em sala de aula com Clarice Lispector, “Declaração de Amor”, Tristão de Athayde, “A Palavra e o Silêncio”, e Lenda Grega, “O Talento e o Homem”. Fechamos nossas atividades no grupo da manhã com a música “Comida”, dos Titãs, e no grupo da tarde com a música “O bêbado e o equilibrista”, interpretada por Elis Regina.

Observo que o tempo vivido em Porto Velho, durante a I Jornada Pedagógica - Trânsito livre para novas idéias, foi de uma riqueza gratificante para nós e também para os participantes. Foi um tempo de trocas de conhecimento e mesmo de materiais utilizados pelos professores. Um tempo de buscas, de identificação e estranhamento, de reconhecimento de lacunas e de valores pessoais. Um momento também de aproximação entre outros grupos, quando juntamos as turmas para assistirem *Leolo*, filme exibido pela prof<sup>a</sup> Berenice, e, em outro momento, levamos nossos grupos para assistir à palestra do professor Fábio Cascino, promovendo uma integração entre os demais grupos.

O trabalho com a teoria mesclada aos textos poéticos permitiu um movimento entre a teoria e a sensibilidade, o sentir – expressar, deixar-se expressar, exercitando a virtude do ouvir, discutindo o dito, falado e voltando novamente a sentir o texto, o colega, as idéias, as emoções. Nesses múltiplos encontros constatamos que educação é poesia que tem na sua origem o sentido de “fazer”, “produzir”, e para os gregos o construir, o fazer, o habitar o que foi construído constitui a poíesis (MARTINS, 1992, p.88). Assim, posso dizer que habitamos (eu e o grupo) a sala de aula, uma sala de aula construída a cada dia, a cada discussão, a cada texto, a cada poesia e, porque não, a cada música. Habitamos uma sala única, que não se repetirá jamais.

Ao encerrar as atividades em Porto Velho, me dei conta do quanto nosso grupo de pesquisadores saiu daquele evento mais fortalecido e tatuado com as marcas deixadas pelos professores de cada grupo, assim como espero também termos deixado em cada participante as nossas marcas, talvez tão enriquecedoras

quanto aquelas que recebemos, pois “no exercício efetivo da Interdisciplinaridade a arte de entender e esperar o desenvolvimento das faculdades criadoras e imaginativas faz parte de uma educação para a sensibilidade” (FAZENDA, 1979, p.93).

Vale, por fim, registrar algumas avaliações do grupo:

O ouvir e o deixar-se ouvir foi a postura adotada pelo ministrante.

Pela primeira vez participo de uma oficina onde houve realmente troca de experiências. Houve integração do grupo como um todo.

Foi muito proveitoso, houve uma troca muito grande de idéias, o curso nos trouxe uma outra visão do que podemos aplicar em sala de aula. Não só o curso, o contato com o colega também foi excelente, já que todos pertencem à mesma área e, com o desenrolar das aulas, mostravam suas vivências em sala de aula, seus problemas e suas conquistas.

Precisamos nos unir e com certeza foi bem vivenciada a importância do “nós” e a necessidade de transformação. Percebi que no momento em que tenho “n” motivos para desencorajar, tenho “n” motivos para transformar as dificuldades.

Muitas coisas contribuíram para que, de imediato, houvesse uma não aceitação do curso. Entretanto, agora posso dizer: foi pouco o tempo para tantas experiências.

Tínhamos grande expectativa em relação à Jornada Pedagógica. No decorrer da jornada, fomos nos identificando, nossas falas ficando mais coesas, as colocações mais sérias. Cada profissional pôde rever seu papel, seu compromisso na arte de educar.

No decorrer dos dias de convivência aquela expectativa diluiu-se e os nossos semblantes de alegria, contentamento a cada dia aumentava em nós.

Poucas vezes tenho participado de encontros em que o coordenador deixa a turma à vontade para ouvir/falar com naturalidade e espontaneidade.

A interação, a reciprocidade que a orientadora conseguiu implantar dentro do grupo, é o que devemos buscar dentro da escola, no que se refere a interdisciplinaridade com os colegas de outras áreas, para que se abra esse leque, esse caminho tão árduo, mas ao mesmo tempo tão prazeroso que é o conhecimento, o saber.

Como o mais novo educador, trabalho em sala de aula há apenas dois meses, sinto-me, a partir de agora, mais fortalecido para trilhar por este caminho da educação como mais um agente transformador, não só formador, mas também ouvidor de opiniões. Partindo do princípio de que não existe o eu (professor) mas o nós (aprendizes inacabados).

As pessoas do Norte estão prontas para aprender e são estudiosas, pois lutam contra as diversidades que são impostas.

Educo pela proximidade, pela cumplicidade, pela parceria, pelo ouvir e pelo sentir o próximo como sinto a mim mesmo.

Como diz a “Scarlet”, amei o curso. Foi bom aprender com você. A Educação precisa de pessoas como você, “sutis”, pois você toca nas raízes dos problemas educacionais de uma forma simples, tão simples que o problema deixa de ser problema e se configura como objeto de observação.

### **3.2.3 Em Cachoeira do Sul (RS): UM ENCONTRO COM A PALAVRA**

Ler um texto, buscar o seu significado, identificar intenções do autor, estabelecer o diálogo possível, juntar razão, emoção e expressão, saborear o entendimento do que se está lendo, desvelando sua arte, sua estética, reconstruindo significados, são movimentos que nos fazem pensar quão incluídos estão nossos alunos no processo de leitura e expressão oral e escrita.

Talvez possa aqui parafrasear Fernando Pessoa (1987, p.56), quando escreveu que é necessário raspar a tinta com que nos pintaram os sentidos e desvelar nossas emoções verdadeiras. Este é provavelmente um exercício que a escola pouco vem fazendo com seus alunos, ou seja, desenvolver a sensibilidade, a percepção, desvelando não apenas emoções, mas talentos escondidos na sala de aula.

Observo muitas vezes o ensino de Literatura como um desencadear de informações fragmentadas constituídas de: contexto histórico, o texto e as questões a serem respondidas pelo aluno. Noto que pouco acontece o exercício da leitura e a análise do texto, o que permitiria desvelar as intenções e emoções do autor misturadas agora com as nossas, degustando o ler e o interpretar, compreendendo as possibilidades do texto e, por isso mesmo, descobrindo novos movimentos de leitura.

Nesse sentido, a palavra “encontro” é a melhor expressão do ato de ler, pois é no encontro com o texto e seu autor que o leitor, mediado pela estética da expressão, vai descobrindo intenções, emoções, segredos. *Os textos ganham alma, transformam-se em caleidoscópios multifacetados, polivalentes, graças às leituras plurais que o leitor constrói.* (GUIDI, 1997, p.17)

A literatura como arte da palavra poderá, na formação de nossos alunos, constituir-se em preciosa ferramenta para fazê-los *nascer pela palavra* (GUSDORF, 1970, p.12), assumirem-se pela palavra. Se vir ao mundo é tomar a palavra, quantos ainda não se inscreveram neste mundo?

E a palavra do professor? Quantos verdadeiramente assumem sua palavra no seu fazer diário, no seu compromisso com a educação, com a aprendizagem do aluno e a sua também? O que estaria impedindo o professor de assumir a palavra *educação* em sua vida profissional?

Nessa perspectiva, assumir a palavra significa honrar sua profissão, seu fazer diário, seus ideais. Assumir a palavra, no entanto, pode ainda significar sua inscrição no mundo da produção escrita, como profissionais da palavra, profissionais de idéias. Quantos de nós registramos, produzimos e socializamos nossas descobertas, no percurso e nos movimentos realizados em sala de aula? Quantos de nós assumimos a escritura? O escritor não é o que renova as palavras comuns e as escreve como pela primeira vez, fazendo-as soar de um modo inaudito, aquele que dá-las a ler (LARROSA, 2004, p.17) como nunca antes haviam sido lidas?

Como ser um professor de literatura se nossa experiência com a linguagem não passa da reprodução oral de conteúdos? O que escrevemos? E como escrevemos? É importante acreditar em nosso potencial e viver experiências de linguagem antes de exigir de nossos alunos algo parecido.

Um bom exercício é aquele que fazia junto com meus alunos quando iniciei no magistério, no ensino médio e fundamental. Toda proposta de redação solicitada aos alunos também eu as realizava em sala de aula, junto com eles. E ao final líamos os nossos textos. Naquela época, exercitava a parceria com o grupo, sem mesmo ter noção do sentido da interdisciplinaridade em sala de aula.

Pensar a sala de aula como espaço e movimento para uma prática comprometida com o despertar de talentos remete à interdisciplinaridade compreendida como atitude (FAZENDA, 2003, p.75) necessária para a busca do conhecer mais e melhor. Atitude de respeito aos saberes do aluno e aos saberes

ainda não desvelados, atitude de reciprocidade, diálogo, parceria, atitude de humildade, mas também de ousadia e compromisso em realizar o nosso melhor trabalho, compromisso com a alegria na sala de aula, pois entre saberes e fazeres estão nossas esperanças de construir o novo na (re)leitura do velho, esperança de reencontrar o sentido do humano nas práticas vividas em sala de aula.

Despertar o talento escondido, portanto, requer espera, humildade, coragem, respeito, comprometimento, responsabilidade, e tudo isso num tempo e espaço rigorosamente reorganizados em que ora respeitamos rotinas ora as transgredimos, fazendo da sala de aula um *lugar de encontro* (FAZENDA, 2003, p.71) no início, no meio e no fim. Um lugar também de desafios. “É importante estar enfrentando desafios continuamente, revelando-nos e surpreendendo-nos com nossas próprias potencialidades, da mesma forma que permitimos a descoberta das potencialidades do outro.” (SILVA, 1995, p.68)

Assim, ao trabalhar o tema Interdisciplinaridade, Literatura e Linguagem em Cachoeira do Sul, propus uma revisita aos princípios da interdisciplinaridade, pensando na sala de aula interdisciplinar como possibilidade de articular diferentes linguagens e desvelar uma didática da sensibilidade em que o encontro com o texto pudesse ser o despertar da palavra do aluno e do professor.

Uma *sala de aula interdisciplinar* (FAZENDA, 1991, p.70-1) é o lugar onde habita a interdisciplinaridade; onde a ordem e o rigor aparecem travestidos de uma nova ordem e um novo rigor; onde a autoridade é conquistada; a obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância substituída pela humildade; a solidão pela cooperação; o grupo homogêneo pelo heterogêneo; a reprodução pela produção do conhecimento. É lugar de encontro e parceria.

Parceria tem sido a palavra propulsora de quem pesquisa ensinando e ensina pesquisando. Parceria com os alunos, parceria com os teóricos, parceria com nossos colegas de profissão, parceria consigo mesmo, no respeito aos nossos limites, nossas fragilidades, mas principalmente na busca do reconhecimento de nossa profissão, a mais bela de todas, pois é a gênese das demais. Todos os profissionais passaram pelas mãos de um mestre.

Muitos foram os mestres que me marcaram nesse movimento de busca durante a trajetória profissional até chegar à pesquisa sobre formação de professores. Mergulhada nela, fui desvendando caminhos possíveis, estabelecendo conexões, encontrando respostas provisórias.

Foi assim meu encontro com os estudos de Larrosa (2004), ao propor nessa experiência de um encontro apenas, em Cachoeira, pensar o sentido da Literatura e o que tem sido sua prática de ensino. Seguindo as pistas do autor ao refletir sobre o *dar-se à palavra e dar a palavra*, discuti com o grupo a linguagem como *interação entre sujeitos e pensamento tornado ato* (FAZENDA, 2003, p.40), entendendo-se que a palavra é o próprio pensamento.

Dessa maneira, o professor interdisciplinar, na comunicação com seus alunos, entre a sua palavra e a dos alunos, *aprende a falar escutando, é cortado pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, e não silenciado, fala* (FREIRE, 1997, p.12). Nesse sentido, destaca-se a importância de os professores assumirem a sua palavra tendo a *linguagem* como mediadora do perceber-se interdisciplinar e, para tanto, defendo a idéia de uma didática da sensibilidade.

Ao pensar a *linguagem* como mediadora do perceber-se “inter”, compreendo-a como *lugar da constituição da subjetividade*. “Ela abre o espaço para as relações intersubjetivas e para o reconhecimento recíproco das consciências.” (BRANDÃO, 1997, p.284)

Seguindo as pistas de Brandão (1997, p.282), citando Chauí, chego à seguinte definição de consciência:

[...] atividade que reconhece ou que produz, a partir de si mesma o sentido do real, pela produção de idéias ou conceitos dos objetos e dos estados interiores; estas atividades epistemológicas e esse poder definem aquilo que a Filosofia denomina o **Sujeito**.

Foi pensando na possibilidade de promover a interação entre os sujeitos, seus saberes, suas percepções e suas práticas que preparei todo o material trabalhado no evento, sabendo que em apenas um encontro só poderia anunciar algumas idéias e práticas. Assim, os movimentos realizados com o grupo procuraram instigar a palavra dos professores a partir da sensibilização diante dos textos apresentados, da música sugerida, enfim, dos momentos de expressão e fala sobre a percepção da pessoa e do profissional da educação.

Procurava, ainda, considerar a questão de *conhecer-te a ti mesmo*, que me parece um elo essencial para quem se envolve com o processo de formação do outro e de si mesmo. *Conheces a tua expressão?*

Vale lembrar “A Lição do Rio”, de Henfil (s/d), uma bela contribuição para pensarmos nossa trajetória na vida pessoal e profissional, nosso caminho na educação. Contribui, ainda, para pensarmos a arte da escritura, a manifestação de nossa palavra, de nosso ser. A produção nos exige este momento de entrega, de aceitar o desafio e seguir adiante.

A Lição do Rio  
*Henfil*

E o RIO corre sozinho.  
Vai seguindo seu caminho.  
Não necessita ser empurrado.  
Pára um pouquinho no remanso.  
Apressa-se nas cachoeiras.  
Desliza de mansinho nas baixadas.  
Precipita-se nas cascatas.  
Mas, no meio de tudo isso vai seguindo seu caminho.  
Sabe que há um ponto de chegada.  
Sabe que seu destino é para a frente.  
O rio não sabe recuar.

Seu caminho é seguir em frente.  
É vitorioso, abraçando outros rios, vai chegando no mar.  
O mar é sua realização.  
É chegar ao ponto final.  
É ter feito a caminhada.  
É ter realizado totalmente seu destino.  
A vida da gente deve ser levada do jeito do rio.  
Deixar que corra como deve correr.  
Sem apressar e sem represar.  
Sem ter medo da calma e sem evitar as cachoeiras.  
Correr do jeito do rio, na liberdade do leito da vida, sabendo que há um ponto de chegada.

A vida é como o rio.  
Por que apressar?  
Por que correr se não há necessidade?  
Por que empurrar a vida?  
Por que chegar antes de se partir?  
Toda natureza não tem pressa.  
Vai seguindo seu caminho.  
Assim é a árvore, assim são os animais.  
Tudo o que é apressado perde o gosto e o sentido.  
A fruta forçada a amadurecer antes do tempo perde o gosto.  
Tudo tem seu ritmo.  
Tudo tem seu tempo.  
E então, por que apressar a vida da gente?  
Desejo ser um rio. Livre dos empurrões dos outros e dos meus próprios.  
Livre das poluições alheias e das minhas.  
Rio original, limpo e livre.  
Rio que escolheu seu próprio caminho.  
Rio que sabe que tem um ponto de chegada.

Sabe que o tempo não interessa.  
 Não interessa ter nascido a mil ou a um quilômetro do mar.  
 Importante é chegar ao mar.  
 Importante é dizer "cheguei".  
 E porque cheguei, estou realizado.  
 A gente deveria dizer: não apresse o rio, ele anda sozinho.  
 Assim deve-se dizer a si mesmo e aos outros: não apresse a vida, ela anda sozinha.  
 Deixe-a seguir seu caminho normal.  
 Interessa saber que há um ponto de chegada e saber que se vai chegar lá.  
 É bom viver do jeito do rio!

"Se não houver frutos, valeu a beleza das flores;  
 se não houver flores, valeu a sombra das folhas;  
 se não houver folhas, valeu a intenção da semente."

Henfil nos ensina que o Rio vai seguindo seu caminho, não precisa ser empurrado, apressa-se nas cachoeiras, desliza de mansinho nas baixadas, precipita-se nas cascatas, mas no meio de tudo isso vai seguindo seu caminho. Sabe que há um ponto de chegada. Sabe que seu destino é para frente. O rio não sabe recuar. Seu caminho é seguir em frente. É vitorioso, abraçando outros rios, vai chegando no mar. O mar é sua realização. É chegar ao ponto final. E ter feito a caminhada é ter realizado seu destino.

A vida da gente deve ser levada do jeito do rio, continua Henfil. Deixar que corra como dever correr. Sem apressar e sem represar. Sem medo da calmaria e sem evitar as cachoeiras. Correr do jeito do rio, na liberdade do leito da vida, sabendo que há um ponto de chegada. A vida é como o rio.

Em Cachoeira, tal qual o caminho do Rio, fui construindo o trabalho pensando cada movimento em sala de aula, no encontro com outros rios para, quem sabe, desaguar juntos enriquecidos pelas trocas intersubjetivas. Foram sete os movimentos realizados no curso oferecido aos professores. Num primeiro momento, a sensibilização dos cento e quarenta docentes ao propor o jogo "Escravos de Jó", num exercício em que as caixas de fósforos eram substituídas pelos próprios colegas. Uma roda de dentro e outra de fora a girar no ritmo da música. Na tentativa de um colega acompanhar o passo de outro, evidenciavam-se os diferentes ritmos, denunciando a importância do respeito ao ritmo de cada um. Ao mesmo tempo, todos percebiam que precisavam se articular para fazer a roda girar no ritmo da música. Inicialmente, muitos desencontros, até acertar novamente o passo, risos, muitos risos.

Num segundo momento nos dedicamos ao encontro com a teoria; num terceiro à reflexão sobre a prática educativa; num quarto momento novamente à sensibilização mediante a poesia, dessa vez considerando os versos de João Cabral, Cecília Meireles e Fernando Pessoa, no intuito de pensar algumas questões, entre as quais: Como se percebem os professores? Qual a sua palavra? Como a expressam a partir das discussões desenvolvidas no encontro?

Procuro despir-me do que aprendi,  
 Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,  
 E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,  
 Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,  
 Desembrulhar-me e ser eu...  
 (PESSOA, 1970, p.62)

Não façais de ti  
 Um sonho a realizar.  
 Vai.  
 Sem caminho marcado.  
 Tu és o de todos os caminhos.  
 Sê apenas uma presença.  
 Invisível presença silenciosa.  
 Todas as coisas esperam a luz,  
 Sem dizerem que a esperam.  
 Sem saberem que existe.  
 Todas as coisas esperarão por ti,  
 Sem te falarem.  
 Sem lhes falares.  
 (MEIRELES, 1982, cântico XXIII)

#### Fábula de um Arquiteto

A arquitetura como construir portas,  
 De abrir; ou como construir o aberto;  
 Construir, não como ilhar e prender,  
 Nem construir como fechar secretos;  
 Construir portas abertas, em portas;  
 Casas exclusivamente portas e teto.  
 O arquiteto: o que abre para o homem  
 (tudo se sanearia desde casas abertas)  
 portas por-onde, jamais portas-contra;  
 por onde, livres: ar luz razão certa.  
 (MELO NETO, 1975, p.18)

O essencial é saber ver,  
Saber ver sem estar a pensar,  
Saber ver quando se vê,  
E nem pensar quando se vê  
Nem ver quando se pensa.  
Mas isso  
(tristes de nós que trazemos a alma vestida!),  
Isso exige um estudo profundo,  
Uma aprendizagem de desaprender  
(PESSOA, 1987, p.106)

Considero fundamental iniciar um processo de trabalho com o grupo pelo despertar da essência humana, motivando a sensibilidade para olhar o mundo, a nós mesmos e, neste caso, o mundo da educação. A intenção é chamar atenção para o professor que é capaz de desaprender buscando a essencialidade da alma, o ser verdadeiro, pleno em sua profissão. Ser o de todos os caminhos, ser presença. Silenciosa presença na vida daqueles que passarem por nossa sala de aula.

O que nossos alunos, sem nos falarem, esperam de nós? Quanto precisamos ler a alma de cada um, sentir nossa turma, sem fazer disto um sonho a realizar, mas ir construindo portas de abrir, portas por onde, portas abertas. Junto com nossos alunos abrir passagem para a descoberta do talento de cada um, no exercício de uma profissão que exige um saber ver, saber ver desnudando a alma de cada camada que a vida foi nos vestindo, desaprendendo cada desesperança e acreditando.

No processo de formação, mais que um saber, minha busca vai na direção de um querer-redescobrir, com eles, a curiosidade encaixotada pelos anos de banco escolar. Muitos chegam sem se acreditarem como possíveis construtores de portas-por-onde e, se não *provocados*, correrão o risco de, ao invés de arquitetos, tornarem-se empacotadores de almas, de sentidos. Assim, traduzo este primeiro movimento como uma tentativa de vivenciar uma didática da sensibilidade na formação de professores.

O quinto momento da proposta de trabalho em grupo estava voltado para a expressão da palavra do professor. Os grupos envolveram-se com a atividade e, a partir dos textos trabalhados, da música e da poesia, puderam representar sua percepção sobre a profissão professor na arte de ensinar e de aprender. Desenharam, colaram, dramatizaram, escreveram poesia. Quanta criatividade! Vale, então, conferir dois dos textos produzidos pelos grupos:

### Texto I - Paródia

Se este rio, se este rio fosse meu  
eu mandava eu mandava completar  
com palavras, com palavras de coragem  
para o mundo, para o mundo melhorar!

### Texto II - Reflexão

Professores, somos  
Somos rio, somos palavras que margeiam os desejos  
Somos o tronco, a madeira comandada  
pelo rio dos sonhos, somos caminho.

Caminhantes, sempre no seguir da correnteza  
Estaremos perdidos no rio? Não!  
As palavras nos conduzem  
Nós conduzimos o rio no constante movimento  
de aprender e ensinar.

No sexto movimento propusemos a avaliação da atividade a que chamei de *encontro*, fazendo as seguintes perguntas sugeridas pela prof<sup>a</sup> Ivani: Como cheguei? Como me encontrei comigo mesmo e com os outros? Como saio daqui? Mediante a análise das respostas dos professores pude constatar a dinâmica da aula como um acontecimento, desde o ponto de partida até o final do percurso, como se pode verificar nas falas dos professores apresentadas a seguir.

→ Como cheguei?

Cheguei: alegre, curiosa, com vontade de aprender, com muitas expectativas, em busca de algo novo para contribuir para minha prática pedagógica, interessada, esperançosa, sedenta de sabedoria, a chegada é sempre uma dúvida, cheguei com anseios e esperança, cheguei sem palavras, cheguei em busca de mais conhecimento, com uma visão limitada, com questionamentos, com curiosidade, alegre, receptiva, interessada, cheguei cheio de esperanças e feliz por participar deste encontro, porque estou passando por um momento de “reforma”, “reconstrução” da casa - que sou.

→ Como me encontrei comigo mesmo e com os outros?

Já na primeira atividade houve o encontro, Integrada (brincadeira), confusa, encontrei vários colegas, entusiasmada, estou começando, vivenciei nova experiência advinda do velho num encontro, vivenciei palavras, encontrei comigo mesma e com os outros em paz e harmonia, alerta ao novo e ao acréscimo, em harmonia, buscando caminhos, me senti à

vontade brincando de “Escravos de Jó”, perplexa, confusa, integrada com os colegas, integração tanto pessoal como profissional, no primeiro momento apreensão e timidez, depois descontração e o momento de partilhar o trabalho em grupo.

→ Como saio daqui?

Com a mala cheia de conhecimentos e levo a vontade de melhorar minhas aulas e o ambiente escolar, revigorada, perplexa, desconfiada, com várias sugestões, renovada, perplexa esperava muito mais, com muitas perguntas e a palavra busca, apaixonada, minha porta não foi em nenhum momento fechada, compromisso sem angústias e sem medos, saio com F. Pessoa e Maurina a me sensibilizar e a incentivar o encontro comigo mesmo para promover o encontro com o outro, levando palavras, mais confiante, disposta a inovar, fortalecida, seguirei o rio. A palavra escolhida por mim é “rio”, pois ele traz tantas ramificações com seus afluentes levando vida, com trinta e sete anos de magistério sinto-me jovem diante de qualquer classe, idade e curso. Se vim esperando receitas, saio com possibilidades.

Terminei o encontro com a música de Almir Sater “Tocando em Frente”. Canto, palavra e silêncio foram reveladores da harmonia e comunhão de subjetividades e espíritos.

Tocando em frente  
*Almir Sater/ Renato Teixeira*

Ando devagar  
Porque já tive pressa  
Levo esse sorriso  
Porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte  
Mais feliz quem sabe  
Só levo a certeza  
De que muito pouco eu sei  
Eu nada sei

Conhecer as manhas e as manhãs  
O sabor das massas e das maçãs  
É preciso amor pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida  
Seja simplesmente  
Compreender a marcha  
Ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro  
 Levando a boiada  
 Eu vou tocando os dias  
 Pela longa estrada  
 Eu vou  
 Estrada eu sou

Conhecer as manhas e as manhãs  
 O sabor das massas e das maçãs  
 É preciso amor pra poder pulsar  
 É preciso paz pra poder sorrir  
 É preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia, todo mundo chora  
 Um dia a gente chega, no outro vai embora  
 Cada um de nós compõe a sua história  
 E cada ser em si carrega o dom de ser capaz  
 De ser feliz

Conhecer as manhas e as manhãs  
 O sabor das massas e das maçãs  
 É preciso amor pra poder pulsar  
 É preciso paz pra poder sorrir  
 É preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia  
 Todo mundo chora um dia  
 A gente chega  
 E o outro vai embora  
 Cada um de nós  
 Compõe a sua história  
 Cada ser em si carrega o dom de ser capaz  
 De ser feliz

Tal qual o Rio de Henfil, o destino do professor é seguir em frente. É melhor seguir em frente abraçando outros rios até chegar no mar... Mas quantos podemos abraçar nesta caminhada?

Aqueles que cumprem a vida, compreendendo a marcha. Aqueles que pela nossa estrada passam como o poente caminheiro... Aqueles que partilham suas histórias, sabendo que a maior de todas elas é a nossa trajetória na vida. Segue, pois, o teu destino, professor(a), rio silencioso persevera no caminho, leva a tua palavra...

Da familiarização com a palavra à revisão da prática educativa, buscando sua ressignificação, ainda há desafios a serem vencidos. A cada intervenção junto aos professores das redes públicas observa-se quanto o professor, das mais

longínquas regiões, precisa de espaços para troca de experiências, para dar voz aos seus saberes, e de apoio para investimentos em sua formação contínua.

O reconhecimento público das discussões sobre Interdisciplinaridade como contribuição para as práticas daquela região ficou registrado nos depoimentos, tanto dos participantes quanto dos organizadores do evento, o que me faz acreditar e desejar que a palavra do educador seja plena, sempre significativa de uma presença.

Os movimentos vividos em Cachoeira do Sul<sup>62</sup> foram de grande aprendizado. Aprendizado de nós mesmos, aprendizado de cada um, aprendizado de todos nós, vibrantes e desejosos de novos e velhos saberes. Momentos de grande comunhão de afetos, sensibilidade, expectativas, ansiedades, enfim, momento do reconhecimento de saberes revelados e ainda por revelar. Saberes escondidos em Cachoeira, desaguando fortemente desde o primeiro olhar para a bela cidade. Calma, simples, silenciosa, tímida e com tamanha beleza. Lembrar Cachoeira nos aproxima de nossa vida interior, o olhar de dentro e para dentro de nós mesmos... um encontro. Quanta vida interior! Quanta beleza em cada monumento, em cada rua de pedra desenhando história.

### **Uma imagem no espelho**

Das imagens refletidas no espelho o que fica é a paixão pela profissão, a sala de aula enquanto espaço pedagógico como um espaço sagrado, um templo onde os segredos e mistérios podem ser revelados. Um momento profícuo para perguntas existenciais, promotoras do movimento para dentro de si mesmo, num exercício permanente e instigante na provocação da palavra, do silêncio e da escritura. No entanto, se esse espaço pedagógico é sagrado, qual a importância de despertar os alunos para o reconhecimento do silêncio formador, o silêncio que mora em cada um de nós, o silêncio interior que toca Deus?

---

<sup>62</sup> Em Cachoeira do Sul o GEPI participou do X Seminário Internacional de Educação (SIEduca) promovido pela ULBRA - Universidade Luterana do Brasil e teve como temática "Interdisciplinaridade como forma de Inclusão Mundial" sob a liderança da prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>Ivani C.Arantes Fazenda, com a coordenação da prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>Silva Maria Barreto dos Santos, coordenadora do curso de Pedagogia. Na finalização dos trabalhos não pude deixar de escrever esse parágrafo onde sintetizo a experiência. Escrevi, mais uma vez embriagada em palavras inspiradas por Cachoeira e deixei como um bilhete de agradecimento à coordenação do evento que, mais tarde, generosamente registrou na coletânea de textos produzidos pelos participantes do GEPI e publicados em obra intitulada "Interdisciplinaridade na Formação de Professores: da Teoria à prática", pela editora da ULBRA, em 2006.

## CAPÍTULO IV - A CAMINHO DA CONTEMPLAÇÃO

O momento de reflexão diante de um espelho é sempre muito peculiar, porque nele podemos tomar consciência do que, sobre nós mesmos, não é possível ver de nenhuma outra maneira: como quando revelamos o ponto cego, que nos mostra a nossa própria estrutura, e como quando suprimimos a cegueira que ela ocasiona, preenchendo o vazio. A reflexão é um processo de conhecer como conhecemos, um ato de voltar a nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão aflitivos e tão tênues quanto os nossos. (MATURANA, VARELA, 2001, p.29-30)

As experiências vividas na sala de aula, durante toda a trajetória profissional, em diferentes contextos, me permitiram compreendê-la como um lugar sagrado.

Até bem pouco tempo, tratar desta questão no campo educacional, principalmente na pesquisa, era (e talvez ainda seja) algo considerado fora do contexto. Santo (1998) defendeu o retorno do sagrado na educação em sua tese de doutoramento, posteriormente publicada sob o título “O Renascimento do Sagrado na Educação”. E de lá para cá o autor vem publicando trabalhos reafirmando que a inserção da espiritualidade na educação é essencial. Talvez sua sensibilidade poética possa dizer melhor o que com ele partilhamos.

### Tangenciar o sagrado

O sagrado permeia toda a realidade humana.  
Até as Academias, mergulhadas na razão, o sentem.  
Vivemos tempos fantásticos:  
da psicologia transpessoal aos campos morfogenéticos.

A humanidade vem crescendo e se “consciencializando”.  
da fé primitiva, que se nota nas antigas tradições,  
chegando à busca cartesiana da verdade científica,  
e se abrindo, no século XX, ao conhecimento.

Esse conhecimento tem sido chamado de “holístico”,  
de visão “integrada do universo”,  
de “perspectiva gaia”, de “nova era”, pelo senso mais comum...

Não importa a denominação.  
As palavras são sempre frágeis para conter as verdades.  
Importa, isto sim, que se considere este momento,  
Sem nos escondermos nos exclusivos limites da razão...

Diria que “acordar” para este momento  
é imperativo para todos nós buscadores do sentido.  
O que proponho é busca,  
andaimes para a construção que vai se fazendo...

Tangenciar o Sagrado é descobrir a magia do ser humano,  
sua significação e sua grandeza.  
É tirar do “mais dentro”,  
o que até agora procurávamos nas estrelas...  
(SANTO, 1998, p.11)

Na sala de aula o professor ou a professora tenta tirar do “mais dentro” do educando o seu talento, sua expressão maior. Assim, a conversão do olhar exterior para o olhar do interior poderá nos colocar a caminho da contemplação. Talvez essa conversão esteja se fazendo silenciosamente na educação, resistindo às dificuldades impostas pela razão, pela formatação, pelo olhar que não vê. Um olhar cristalizado na superfície, ou enquadrado na racionalidade, incapaz de mergulhar no mais profundo do ser humano, terá dificuldade de compreender o que não está fora, mas em nós mesmos, em nossa intimidade.

Etimologicamente, la palabra intimidad procede del término griego *éntos*, que significa “dentro”, siendo su raíz latina el adverbio de igual significado *intus*, y de ahí el comparativo *interior* (más dentro que) y el superlativo *intimus* (lo más dentro). Se reconoce a San Agustín como el primer teórico de la intimidad propiamente dicha, utilizando *intimus* en el sentido de interioridad, siendo uno de los rasgos más característicos de su filosofía y uno de los términos agustinianos más conocidos. (LONDOÑO, FERMÍN, 2007, p.52)

Como vimos, Teresa D’Ávila, também influenciada por Santo Agostinho, em sua magnífica metáfora do *castelo interior*, revela um caminho para atingir essa intimidade. É preciso voltar-se a si mesmo, no mais profundo do ser, para elevar-se a Ele, e o caminho é a oração e a reflexão, acompanhada da humildade, do desapego, da quietude.

Numa outra perspectiva, Gabriela Bal (2007) buscou estudar o silêncio e encontrou Plotino<sup>63</sup>, como ela mesma afirma. Desta busca resultou a publicação “Silêncio e Contemplação: uma introdução a Plotino”, na qual apresenta cuidadoso

<sup>63</sup> Nos estudos sobre a biografia de Plotino, a autora destaca que o que se sabe a respeito de sua biografia é mediante o relato de seu discípulo Porfírio. Consta que nasceu em Licópolis, no Egito, no ano de 205 d.C. Pessoa reservada, nunca revelou nada a respeito de sua vida pessoal ou sua origem. A obra de Plotino é resultado dos mais de 20 anos de estudo e ensino de filosofia. (Cf. BAL, 2007, p.18)

estudo sobre o pensamento deste filósofo do silêncio. Em seus escritos – as Enéades – o filósofo descreve as realidades inteligível e sensível, tendo como tarefa a condução em direção ao Princípio que, segundo a autora, ele mesmo denomina, entre outros nomes, de “Um”, sendo a sua meta a unificação da Alma a este Princípio.<sup>64</sup> Logo no primeiro capítulo da publicação de Bal, “A Contemplação Silenciosa”, identifico o entrecruzamento de nossos caminhos, nossas buscas, o silêncio.

Na leitura de Plotino, Bal (2007, p.34) nos chama atenção destacando que “é ao voltar o seu olhar ao seu princípio que as realidades se tornam plenas e então engendram a realidade subsequente”. Para destacar a importância de se compreender essa idéia-chave no pensamento do filósofo, traduz da seguinte maneira o conceito de contemplação:

A contemplação, mais que um conceito, ou uma idéia, corresponde a uma conversão do olhar. A conversão do olhar remete-nos tanto ao Princípio que nos engendrou, como a nós mesmos e a tudo aquilo que criamos. Entender a contemplação exige de nós um esforço no sentido de penetrar numa “forma de pensar”, que ultrapassa os limites do próprio pensamento discursivo e linear, pois a contemplação corresponde a um ato reflexivo, a uma “interiorização” independente do nível de realidade em que nos encontramos. A contemplação é sempre um retorno à unidade e, portanto, corresponde a um processo de unificação. No ato de contemplar, o que é contemplado está presente na contemplação e, nesse sentido, a contemplação é sempre a contemplação de si mesmo. (BAL, 2007, p.34)

É da importância deste retorno à unidade, desta interiorização, que estamos tentando tratar, nos caminhos percorridos até aqui, na construção deste trabalho. Para percorrer tais caminhos é preciso sensibilidade. Para Plotino é mediante a sensibilidade que conhecemos tanto a realidade sensível como a Inteligível e a nós mesmos (BAL, 2007, p.61).

Pensando na educação, na formação de professores, nas questões de sala de aula, no currículo a partir destes caminhos, nas inúmeras indagações instigadas em cada um dos percursos empreendidos, percebo a premência de uma educação para a contemplação.

---

<sup>64</sup> Cf. Apresentação da Dissertação de mestrado defendida pela autora da obra em 2003, na PUC-SP, intitulada “O Silêncio em Plotino”, sob a orientação do Prof.Dr. Luiz Felipe Ponde.

A humanidade necessita de exemplos e conhecimento sobre o mundo espiritual, que, embora disponíveis, o homem ainda não ousa viver. O ser humano, quando apegado ao plano material, fica escravo do mundo exterior e dos sentidos, dos elementos do seu conforto, como casa, comida, vestuário ou dinheiro, e termina não possuindo aquilo que procura. Aqueles elementos terminam por possuí-lo. Por temer comprometer sua segurança, vive mais conforme seus conhecimentos para sobrevivência do que seus conhecimentos para transcendência, mesmo que esses últimos estejam sempre tão presentes, embora imperceptíveis a partir do olhar materialista, mas possíveis de serem percebidos, aproveitados e disseminados. (HOYOS GUEVARA, DIB, 2007, p.53).

Nesse sentido, ainda me indago: Uma educação para a contemplação poderia ensinar a tirar o véu materialista e desenvolver o movimento entre o mundo exterior e o mundo interior, trazendo a beleza desta interioridade, sem tratar de uma reabilitação do divino, esquecido em nós? Sem uma conversão desse olhar?

Que concepção de educação e de conhecimento?

Como vimos no segundo capítulo deste trabalho, as rupturas empreendidas pela modernidade trouxeram outras possibilidades de organizar a sociedade e pensar o mundo exterior, mas não deram conta de nossas necessidades interiores.

Foi a partir da Idade Moderna que ocorreram as rupturas epistemológicas, tão bem traduzidas por Sommerman (2006), as quais modificariam as concepções de educação e de ensino.

É a partir do século XVII, com o nascimento da ciência moderna, que se inicia a ausência de diálogo entre os saberes, devido às metodologias científicas propostas pelas epistemologias racionalistas e empiristas. Porém, o aprofundamento dessa disciplinarização ocorre no século XIX quando Comte estabelece uma nova estrutura hierárquica das ciências com o intuito de reorganizar os saberes, depois dos movimentos sociais e intelectuais gerados pela Revolução Francesa e o Iluminismo.

Assim, as ciências são organizadas em: ciências fundamentais (matemáticas, astronomia, física, química, biologia e sociologia), em ciências descritivas (zoologia, botânica, mineralogia, psicologia) e ciências aplicadas (engenharia, agricultura e educação). Estabelece-se, no entanto, na metade do século XX a hiperespecialização disciplinar em decorrência de todo esse histórico do pensar o mundo, o homem e o conhecimento e pelo crescimento cada vez maior do volume e da complexidade dos conhecimentos produzidos, e ainda pela multiplicação e sofisticação das tecnologias. (SILVA, 2006b)

Da ausência de diálogo entre os saberes à hiperespecialização disciplinar, chegamos, em meados do século XX, ao movimento pela religação dos conhecimentos, à Interdisciplinaridade e à Transdisciplinaridade na educação.

No Brasil quem se dedicou aos estudos sobre “Inter” e resiste há mais de trinta anos realizando pesquisa sobre esse tema é Ivani Fazenda. Antenada com as discussões mundiais e os estudos nesta área, mantém comunicação com renomados pesquisadores internacionais comprometidos com o avanço dessas pesquisas na educação. Mais recentemente, estabeleceu diálogo entre a sua produção e os estudos de Lenoir<sup>65</sup> (pesquisador da AMCE - Associação Mundial da Ciência da Educação).

Fazenda (2003), em sua mais recente produção, sintetiza suas indagações e seus caminhos percorridos na pesquisa, a começar pelo próprio título da obra, apresentado em forma de pergunta – “Interdisciplinaridade qual o sentido?”. Discorre sobre interdisciplinaridade e educação, mapeando os movimentos ocorridos nas décadas de 60, 70, 80 e 90. Ressalta que em determinado momento de sua pesquisa considerou fundamental compreender o sentido da palavra, no seu valor, no cuidado do dizer e do ouvir numa época em que surgem teólogos e fenomenólogos buscando um sentido mais humano para a educação (FAZENDA, 2003, p.5).

Passando pela década de 80, destaca a transição de uma antropologia filosófica para uma antropologia cultural. Surgem estudos de identidade pessoal, social e cultural, no Brasil e no mundo. No entanto, revela Fazenda (2003, p.6) que, diante de todo o movimento cultural da década, “a interdisciplinaridade continuou fiel ao gosto pelo estudo da palavra”. Na pesquisa sobre interdisciplinaridade, seguiram-se os estudos sobre as diferenças de ordem e nível entre integração, interação, as diferentes modalidades de disciplina científica e escolar. Tais discussões acabaram questionando o conceito de currículo<sup>66</sup>.

---

<sup>65</sup> Lenoir apresenta três interpretações sobre interdisciplinaridade na educação, de acordo com três culturas distintas: a americana, a francófona e a brasileira. Na cultura americana os estudos sobre interdisciplinaridade relacionam-se a questões de ordem prática, um saber-fazer. Situa-se na busca de um saber diretamente útil, funcional e utilizável para responder a questões e a problemas sociais contemporâneos; relaciona-se a expectativas da sociedade em termos da formação profissional. Na cultura francófona prioriza-se o saber-saber como relação primordial porque garante a tradição cultural; trata-se, assim, de problematizar o saber, questionar-lhe o sentido antes de agir. Cf. LENOIR, 2004.

<sup>66</sup> No âmbito da Interdisciplinaridade, em Fazenda, entre os muitos conceitos de currículo, trabalha-se na perspectiva do currículo em ação, pois é a prática do professor-pesquisador o objeto de estudo e pesquisa.

Nos anos 90, “a releitura de Vigotsky, Freud e Jung conduz a uma antropologia do sujeito. Há necessidade de uma interiorização que propicie uma exteriorização” (FAZENDA, 2003, p.7). Nesse sentido, “a palavra é soberana”. A interdisciplinaridade coloca a palavra entre parênteses na tentativa de compreendê-la naquilo que diz e naquilo que cala, na tentativa de ouvir o silêncio. Fazenda afirma ter estudado os fundamentos de uma teoria do falar, a partir de teóricos como Gusdorf, Delanglade, Merleau-Pony, Bugtendijk, Paul Ricoeur e De Waelhens, Freire e Buber, no intuito de chegar a uma teoria do educar tendo como base a palavra (FAZENDA, 2003, p.28).

Educar nesta perspectiva requer a escuta sensível do “si mesmo”, do silêncio, para tomar a palavra, agora não mais soberana, mas *poderosa*, capaz de um gesto filosófico, rompendo o silêncio. Tomar a palavra significa expressá-la, assumir a fala enquanto gesto, como destaca Merleau-Ponty (1994, p.250):

Nossa visão sobre o homem continuará a ser superficial enquanto não remontarmos a essa origem, enquanto não reencontrarmos, sob o ruído das falas, o silêncio primordial, enquanto não descrevemos o gesto que rompe esse silêncio. A fala é um gesto e sua significação um mundo.

Talvez ouse aqui responder à pergunta: Interdisciplinaridade qual o sentido? Diria que o sentido está onde Fazenda mesmo deu as pistas; está entre a palavra e o silêncio, nas entrelinhas da busca incessante de sentidos.

“Inter - [do lat.- *inter*.] Pref.= posição intermediária, equivale a *entre*. Inter, interação, reciprocidade.” (FERREIRA, 1975, p.774) O caminho da Interdisciplinaridade é o caminho inter, intra, entre. Entre a palavra e o silêncio, entre o dizer e o não dizer, entre o ouvir e o falar, o calar e o expressar, quando, por exemplo, desvela na pesquisa a alma do pesquisador.

No entanto, permanecer no entre é atravessá-lo, e fazendo a travessia busca-se o que já não é mais inter, mas trans. Como explica Sommerman (2006, p.63), a Interdisciplinaridade na abordagem de Fazenda muito se aproxima de uma Interdisciplinaridade Forte, ou seja, quando predomina não a transferência de métodos, mas de conceitos, ocorrendo um verdadeiro diálogo, o que exige trocas intersubjetivas dos diferentes especialistas, bem como que nesse diálogo se reconheçam os saberes teóricos, práticos e existenciais, em si e nos outros.

Entendo que a interdisciplinaridade de Fazenda, articulada às dimensões do saber-saber, do saber-fazer e do saber-ser, está fortemente aliada à sensibilidade, à leitura do silêncio interior, para fazer nascer do “mais dentro” o sentido da atitude, da prática e da pesquisa interdisciplinar; investe-se, portanto, na percepção do profissional e da pessoa.

Assim, na abordagem de Ivani o ser que pesquisa é protagonista do saber-fazer, reconhece-se pesquisador do seu saber e por isso mesmo é na ação que as dobras da “inter” se relevam. Habitando inteiramente sua pesquisa, o processo vai se desvelando, resgata-se o professor-pesquisador, o caçador de si mesmo. Por isso, talvez fique mais diluída na abordagem de Ivani a idéia de uma lógica, de uma racionalidade, porque, diferentemente dos caminhos exclusivamente da razão, segue-se também a intuição, utilizando-se neste processo a metáfora como referência, o sagrado momento do encontro com o espelho revelador da identidade. Resgata-se a pessoa e o profissional na pesquisa.

Recuperando-se o Ser, também o profissional na pesquisa – tal qual as ondas espriadas que a cada batida são lançadas pelas águas profundas e chegam à superfície com a força e toda a beleza que somente naquele momento é possível apreciar –, ao final do processo de escritura, devolve ao leitor de sua obra toda beleza antes escondida, a beleza de um saber da profissão, um saber da ação agora reconhecido. Desvela-se um ser com toda leveza e alegria de estar na pesquisa, estar *em* pesquisa, um ser que se percebe interdisciplinar na ação, na vida.

Fazenda entende a sala de aula como lugar de encontro, diria um lugar de reencontro, pois os movimentos realizados na pesquisa oferecem essa possibilidade do reencontro consigo mesmo. Considero esse momento do reencontro algo que se aproxima do mistério que ronda o ser humano, um mistério com seus segredos sagrados da criação. Nesse sentido, não há como não nos aproximarmos da mística, pois o saber só nos é revelado quando nos elevamos a um outro nível de realidade. Trata-se, portanto, de um momento sublime, espiritual, no qual se tangencia o sagrado, o inefável, o que não se pode exprimir por palavras.

Esse modo de fazer pesquisa nos leva ao centro de nós mesmos, aproxima-se do modo metafísico de pensar quando remete o pesquisador a perguntas

existenciais<sup>67</sup>, perguntas capazes de calar sua alma (no sentido de colocar uma direção). Talvez possa dizer que neste modo *metafísico de pesquisar* caminha-se entre o sagrado e o divino.

Zambrano distingue claramente entre lo sagrado y lo divino. Lo sagrado es ese “fondo último de la realidad” en que todo se sustenta y cobra sentido, del que todo arranca y al que todo retorna. Lo divino es la manifestación de esa realidad, la forma en que el hombre capta o define esa realidad que está ahí incuestionable y absolutamente presente [...] Lo sagrado y lo profano son las dos especies de realidad: una es la incierta, contradictoria, múltiple realidad inmediata, la otra es ese orbe profundo, la placenta de donde todo arranca, el orbe sagrado. (MUÑOZ, 1994, p.30)

Divina é a escritura nascida das entranhas do ser que pesquisa e se pesquisa, no pleno exercício do enraizar e desenraizar-se, num movimento de entrada e saída de si mesmo, extasiando-se nas releituras do silêncio e da palavra plena de significados, porque o Verbo se fez presente. Sem essa percepção, sem essa humildade para compreender que o homem não está só, saltaria para o papel apenas um saber arrogante. “Muito antes de atingirmos qualquer conhecimento sobre a essência divina, temos a intuição de uma *presença* divina” (HESCHEL, 1974, p.73).

Diante da racionalidade e da materialidade, não há como justificar a presença divina.

A sensibilidade a Deus é alcançada por um coração quebrantado, por uma mente que se eleve por sobre sua própria sabedoria. É uma sensibilidade que rompe com todas as abstrações. Não é um mero jogo, com uma noção. Não há nenhuma convicção sem contrição; nenhuma afirmação sem autocompromisso. Consciência de Deus é uma resposta, e Deus é mais um desafio do que uma noção. Não o concebemos, somos incitados por ele. Nunca conseguimos descrevê-lo, podemos apenas voltar para ele. Podemos dirigir-nos a ele; só não podemos compreendê-lo. Podemos sentir sua presença; não podemos apreender sua essência.

Há maneiras e maneiras de se compreender essa percepção do inefável, do indizível, em cada uma das tradições religiosas. No entanto, o que pretendo afirmar

---

<sup>67</sup> As perguntas existenciais exigem respostas interdisciplinares, transcendem os limites conceituais. Cf. FAZENDA, 2001, p.17.

é que, independente do segmento religioso, o mistério que ronda o ser humano precisa ser abordado a partir do entrelaçamento de diferentes formas de ver o mundo, o que significa uma aproximação também entre ciência, filosofia e religião e, além disso, um diálogo entre as religiões.

Heschel<sup>68</sup> (1975), em sua obra intitulada “Deus em Busca do Homem”, preocupa-se em discernir o conceito de religião:

Religião não é o mesmo que espiritualismo, o que o homem faz em sua existência concreta, física é objetivamente relevante para a divindade. A espiritualidade é a meta, não o caminho do homem. [...] Mas o homem é corpo e alma e sua meta é, pois, viver para que seu coração e sua alma louvem ao Deus vivo. (HESCHEL, 1975, p.374)

Um Deus vivo, em proximidade do homem, em busca do homem, porém o homem moderno, negando a transcendência, afastou-se dEle. Viver mais próximo à divindade exige um caminhar entre palavras e obras<sup>69</sup>.

Como as estrelas são fontes de luz, o ser humano é fonte de significado. Não há, portanto, como ser humano e não fazer sentido. Esse sentido é encontrado e atualizado na trajetória de vida da pessoa. Se o sentido dos atos do homem se liga a uma saudade da animalidade, então a animalidade será buscada. Se, por outro lado, o sentido dos atos do homem é a espiritualidade, então o homem se reconhece como necessidade Divina, como parceiro de Deus na construção de si. A humanização precisa ser buscada e cultivada. (LEONE, 2002, p.174)

Nesse sentido, a literatura judaica pode nos ajudar a compreender o sentido de ressignificar a vida, o ser humano, ao afirmar que “cada ato do homem depende e se apóia na intenção e nos sentimentos ocultos do coração” (HESCHEL, 1975, p.387).

Teresa D’Ávila, em sua obra “Caminho de Perfeição”, dirigida à formação espiritual das monjas, adverte que o mestre nunca fica longe de seu discípulo, ele fica sim bem perto. “Pensais que Ele está calado? Mesmo que não O ouçamos, Ele

---

<sup>68</sup> Heschel denominava a sua obra uma filosofia da Religião, mais particularmente uma filosofia do judaísmo. Falecido em 1972, aos 65 anos, já era considerado não só pelos seus, mas por muitos cristãos, um profundo teólogo, verdadeiro místico. Cf. apresentação da obra, escrita por D. Joaquim de Arruda Zamith.

<sup>69</sup> Teresa D’Ávila observa que não adianta ser perfeito em palavras, é preciso confirmar suas palavras por obras. (Livro da Vida, p.138, In: ÁVILA, 2001)

nos fala ao coração quando de coração lhe pedimos” (Caminho de Perfeição, p.372, In: ÁVILA, 2001).

Guardada as devidas diferenças, o que Teresa busca na formação das monjas indicando o caminho de perfeição Heschel (1975, p.52-3) chama de caminho para a consciência de Deus. Para se colocar neste caminho é preciso olhar o mundo e atentar para três aspectos da natureza: sua força, sua beleza e sua grandeza. O autor destaca ainda que, na história da civilização, diferentes aspectos da natureza têm influenciado o talento do homem. Ora a força, ora a beleza e ocasionalmente a grandeza. Adverte que em nossa época se valoriza mais a utilidade como o maior mérito da natureza. Assim, o homem se tornou um fabricante de ferramentas, reduzindo o mundo a uma gigante caixa de ferramentas para satisfazer suas necessidades.

Ao homem moderno tudo parece calculável, tudo reduzido a uma figura. Ele tem uma fé suprema nas estatísticas e abomina a idéia de mistério. Obstinadamente, ele ignora o fato de que nós somos todos envolvidos pelas coisas que apreendemos, mas não somos capazes de compreender; que mesmo a razão é um mistério em si mesma. (HESCHEL, 1975, p.53)

Parece ser este o desafio a enfrentarmos na travessia a ser percorrida no século XXI. Recuperar valores esquecidos no passado, reaproximar o mistério da vida à sua força e beleza, recuperar a consciência da grandeza e do sublime.

Nossos sistemas de educação dão ênfase à importância de habilitar o estudante em explorar o aspecto de força da realidade. Em algum sentido, eles tentam desenvolver sua habilidade para apreciar o belo. Mas não há nenhuma educação para o sublime. Nós ensinamos as crianças como medir, como pensar. Nós deixamos de ensinar-lhes como honrar, como sentir o maravilhoso e o temor. O sentimento do sublime, a marca da grandeza interior da alma humana e algo do que é, potencialmente, dado a todo homem, agora se tornam um dom raro. Contudo, sem isso, o mundo se torna insípido e a alma se torna um vácuo. Aqui é onde o aspecto bíblico a respeito da realidade pode servir-nos como um guia. Significativamente, o tema do lirismo bíblico não é o encanto ou a beleza da natureza, é a grandeza e o aspecto *sublime* da natureza que a poesia bíblica tenta celebrar. (HESCHEL, 1975, p.57)

Vale lembrar aqui mais uma vez<sup>70</sup> os estudos de Spidlík, Tenace e Cemus (2004, p.189), quando afirmam que para os contemplativos “la Bíblia es el médio por excelência para la elevación del espíritu hacia Dios”. Não se tratava de uma mera leitura, mas um método espiritual de oração, de certa forma uma ascese.

Se Heschel adverte sobre a importância de a educação ensinar o sublime, tomando como guia a poesia bíblica, Bessa-Luis sai em defesa de uma educação para a fé. No entanto, pergunta-se:

Sendo a fé um dom, como pode ser motivo de educação? Não pode realmente ser ensinada, mas sim irradiada. Os que possuem pode significar a estrela-guia, a perseverança num encontro difícil de suceder, mas cuja esperança comove todo o nosso ser. (BESSA-LUIS, 2000, p.344)

Nesse sentido, a educação pelo exemplo continua sendo alicerce para a formação humana. É o professor apaixonado pelo que faz quem seduz em sala de aula, irradiando sua fé na profissão.

Assim, o aprendizado desta *andarilha* alimenta a crença de que é possível pensar na mística da revelação do conhecimento interior como momento sagrado, remetendo a uma educação para a contemplação, uma educação do espírito, mais do que uma educação do intelecto. Como *andarilha* nestes variados percursos e apaixonada pela profissão, sigo em forma de palavra, silêncio e escritura, assumindo o desafio de irradiar a fé na profissão, tentando ensinar meus alunos a acreditarem em si, a acreditarem na vida, na beleza e na grandeza de um ser maior, seja ele Um, Jesus ou uma consciência de Deus.

---

<sup>70</sup> Como vimos no capítulo 3, Spidlík, Tenace e Cemus apresentam estudo sobre o monacato no Oriente cristão. Ressalta que os monges foram autores espirituais reconhecidos através dos séculos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CAMINHOS PERENES

Como iniciar as considerações finais de um trabalho sem fim, de uma pesquisa que se alimenta de buscas infinitas, de uma pesquisa para a vida toda? Somente voltando ao começo, ao princípio do sentido de pesquisar. Entendo o sentido da pesquisa em Fazenda, conforme já afirmei, como um modo metafísico de pesquisar que parte de perguntas existenciais.

Fazenda, em suas orientações, costuma dizer que só existe uma pesquisa em nossa trajetória. Desde que a ouvi falar assim, seu discurso acompanhou-me dia após dia, tentando responder a mim mesma qual seria a minha única pesquisa. Voltando aos trabalhos realizados na formação de professores, na disciplina de Didática, lá encontrei meus registros apontando como início o meu discurso.

Trabalho com poesias, como mostrei aqui, no capítulo em que apresento todo o processo de vida profissional. Tento sensibilizar meu aluno(a) para a busca de sua identidade profissional ao mesmo tempo em que se tenta unir razão e emoção.

Continuando a observar minha caminhada, noto que o refrão estabelecido é: O que é Ser Professor? Na verdade, não somente as práticas como professora de Didática, mas durante os trabalhos de intervenção, em algumas oportunidades, a mesma indagação me acompanha, vejo-me trazendo à discussão o que é ser professor neste país chamado Brasil. Ser professor, pessoa, profissional do ensino, aquele que forma para o enfrentamento da realidade, mas principalmente aquele que encaminha seus alunos para o reencontro consigo mesmo, buscando no âmago de sua existência o alimento e a coragem para ousar e transgredir.

*Tomar a palavra* foi a expressão que me levou à pesquisa e tentar *encontrar a raiz histórica de nossas angústias na educação* o desafio a que inicialmente me propus. Tomar a palavra significou, no princípio das buscas engendradas, sair do silêncio, assumir a profissão.

Nesse passeio entre significantes, retomo a palavra para pensá-la enquanto gesto, palavra com sentido nascido no espaço – *entre* – do silêncio. É preciso ouvir o silêncio, o que ele me diz. Há reciprocidade entre silêncio e palavra, assim como entre disciplina e interdisciplina, e reciprocidade implica uma relação de confiança, troca, dar e receber.

Recorro ainda aos estudos de Fazenda (2003) para pensar a palavra em sala de aula, pois a forma como se usa a palavra provoca abertura ou fechamento. A abertura só existe no diálogo entre as disciplinas, ou melhor, entre as pessoas que constroem o conhecimento das disciplinas (FAZENDA, 2003, p.41).

Na sala de aula, a palavra do professor será a palavra que provoca perguntas existenciais. A palavra que promove a aproximação entre as pessoas, a busca de si e do outro, de quem leu o silêncio, de quem compreendeu o olhar, a expressão, o gesto de seu aluno ou a ausência desse gesto.

O professor ouvinte e falante, o que acolhe, puxa a orelha, põe no colo, estimula o seguir em frente. O que constrói o saber ser professor, aliado ao saber-ser pessoa, o que promove o saber-fazer associado ao saber-saber. Que acompanha os alunos na travessia com sensibilidade, ao mesmo tempo em que desperta o educando para a sensibilidade esquecida na sala de aula, o que vai compondo histórias.

Fazer a travessia significa um retorno à nossa interioridade. No processo de pesquisa confirmou-se o entendimento de que se colocar nesse caminho exige desapego e humildade, pois sem esse despojamento fica difícil entrar em si para sair de si, e elevar-se, do si-mesmo, transcender e ir ao encontro dEle.

Nesse sentido, a prática docente aproxima-se do mistério, do inexplicável, da mística, no sentido da percepção do professor como alguém capaz de desvelar talentos, retirando-o do “mais dentro” de seu aluno, e este é um momento sagrado que toca Deus. Para chegar a essa compreensão foi preciso uma abordagem interdisciplinar que permitiu a aproximação e o cruzamento de muitos outros caminhos avizinhando educação, filosofia, ciência e religião.

Uma tese se faz de caminhos que se cruzam, se aproximam, que nos levam cada vez mais a buscar. No entanto, o que dizer de uma tese que se faz de caminhos para a interioridade? Que se faz de uma interioridade que não cabe no texto porque o texto está semeado de palavras e as palavras não dizem, não traduzem as descobertas acontecidas nos caminhos de dentro.

Seria mesmo admitir que o produto final, o concreto, o escrito, não revela o caminho da escritura, porque este caminho é sagrado, é místico, portanto, é revelado àqueles capazes de admiração muito mais ou até antes da dúvida. Como escreveu Heschel (1975), é a admiração que nos leva ao conhecimento, então nos maravilhamos.

O desafio é alcançar uma educação escolar que nos leve a esse caminho e nos faça admirar mais do que repetir verdades alheias, uma educação que permita a cada um se perguntar o que sabe sua alma. Buscar os saberes da alma é admitir o encontro com nossa interioridade, com Deus. Se o caminho se fez, não se fez sozinho. Ele foi construído a partir da sensibilidade, da curiosidade, do intelecto, mas sobretudo da humildade, pois sem ela não nos aproximamos de nossa essência.

O que dizer de um mundo cuja racionalidade renegou a oportunidade do encontro, do conhecimento de si, da elevação da alma? Podemos olhar ao redor, olhar o presente e dizer: temos um mundo saudoso de Deus.

O que podem então os educadores e a escola se permanecermos no campo da repetição de conteúdos? Não estou querendo aqui desprezar todo e qualquer conhecimento. Na verdade, acredito na possibilidade de uma educação do espírito, uma educação em que a espiritualidade seja desenvolvida e considerada no processo do conhecimento, sabendo-se que se não conhecermos a nós mesmos, não conhecemos, e conhecer-se a si é elevar-se ao encontro com Deus.

Há de se cuidar para que não se entenda essa educação como auto-ajuda, mas uma educação da dimensão humana em sua totalidade, pois o ser humano é físico, mental, intelectual e espiritual.

Assim, ensinar a percorrer os caminhos para nossa interioridade poderá se constituir numa educação que minimize um dos tantos problemas educacionais do presente. É preciso talvez lembrar que não é apenas o social e o político, como bem demarcou a modernidade em sua abordagem dos problemas humanos, mas é sobretudo o espiritual e o divino, os caminhos aos quais a humanidade, esquecida de suas raízes, ainda não retornou.

Reafirmo a sala de aula como lugar sagrado onde o sentido de religiosidade se aplica. O professor apaixonado por sua profissão é capaz de amar seus alunos, acreditar sem ver em cada talento escondido e, tal qual o sementeiro, trabalhar a escuta e a espera para que a revelação seja possível. A palavra, o silêncio, um gesto, um olhar, um sorriso ou mesmo a repreensão são partes deste processo.

A aula é o lugar de profissão de fé, fé nas pessoas, na possibilidade de alcançar o conhecimento, mas principalmente um lugar de aproximar as pessoas de seu mundo interior que toca Deus. Ao nos afastarmos de Deus, acreditando sermos auto-suficientes, empobrecemos.

Pobre é o mundo rico em aparatos tecnológicos e carente de amor, de humanidade. Pobre é o mundo povoado de corações secos. Pobre é o mundo que se descobre cada vez mais impotente diante das profundas desigualdades.

Buscamos fora de nós o progresso econômico, material, desprezamos a moral e a ética, a fé, a religiosidade. O mundo exterior e seu aparato todo não foram capazes de respostas, de alimentar nossa alma, nosso mundo interior. Penso hoje ser premente a tentativa de buscar a síntese capaz de, como disse Alceu, atingir a natureza completa do homem. A vida não pode ser uma ordem, mas uma oportunidade de, por palavras e obras, servirmos, na profissão docente, colocando nosso conhecimento a favor da revelação de nossa interioridade.

Apreendo de Eriúgena (BAUCHWITZ, 2003, p.66) o sentido do caminho, “a paradoxal e incessante procura nomeia o modo do ser humano, buscar o que não pode encontrar”. E porque não posso encontrar apenas uma resposta para tantas perguntas feitas no caminho, e porque no caminho encontrei o que não procurava, penso que a poesia ainda é a melhor expressão para continuarmos a conversa sobre as indagações aqui desencadeadas. O caminho será sempre eterno, e, portanto, eternas serão as buscas, porque é na superação de si mesmo que nos unimos à sabedoria divina. Assim, permaneceremos sempre a caminho de... silêncio, palavra, escritura.

Nossa escrita é sempre re-escrita. Nossa fala está impregnada de outras falas. A diferença está em sabermos escrever na alma de quem nos lê, em falarmos ao coração de quem nos ouve. Estar escrito na alma é estar inscrito no coração, para sempre, a exemplo deste poeta místico, Rumi.

RUMI<sup>71</sup>

Vem.

Conversemos através da alma.

Revelemos o que é secreto aos olhos e ouvidos.

Sem exhibir os dentes, sorri comigo, como um botão de rosa.

Entendamos-nos pelos pensamentos, sem língua, sem lábios.

Sem abrir a boca, contemo-nos todos os segredos do mundo, como faria o intelecto divino.

Fujamos dos incrédulos que só são capazes de entender se escutam palavras e vêem rostos.

Ninguém fala para si mesmo em voz alta.

Já que todos somos um, falemos desse outro modo.

Como podes dizer à tua mão: "toca", se todas as mãos são uma?

Vem, conversemos assim.

Os pés e as mãos conhecem o desejo da alma.

Fechemos, pois a boca e conversemos através da alma.

Só a alma conhece o destino de tudo, passo a passo.

Vem, se te interessas, posso mostrar-te.

(POESIA SUFI, s/d)

---

<sup>71</sup> Jalal ud-Din Rumi (1207-1273) o maior dos místicos islâmicos e extraordinário poeta do amor. Nasceu no Afeganistão, passou pelo Irã e viveu e morreu em Konia, na Turquia. Era um erudito professor de teologia, zeloso nos exercícios espirituais. Tudo mudou quando se encontrou com a figura misteriosa e fascinante do monge errante Shams de Tabriz. Como se diz na tradição sufi, foi "um encontro entre dois oceanos". Esse mestre misterioso iniciou Rumi na experiência mística do amor. Seu reconhecimento foi tão grande que lhe dedicou todo um livro com 3.230 versos, o Divan de Shams de Tabriz. Divan significa coleção de poemas.

Próprio da experiência místico-amorosa é a embriaguez do amor que faz do místico um "louco de Deus", como eram São Francisco de Assis, Santa Tereza d'Ávila, Santa Xênia da Rússia e também Rumi. Num poema do Rubai'yat diz: "hoje eu não estou ébrio, sou os milhares de ébrios da terra. Eu estou louco e amo todos os loucos, hoje". (POESIA SUFI, s/d)

**FONTES E BIBLIOGRAFIA**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Biografia Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=69&sid=359>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2007.

ACIPRENSA. Lo que todo católico necesita saber. *Papa afirma que a teologia deve derivar da vida de oração e de santidade*. 2007. Disponível em: <<http://www.acidigital.com/noticia.php?id=10796>>. Acesso em: 12 de março de 2008.

ANASTASIOU, L, C.; ALVES, P. (Orgs.). *Processos de Ensino na universidade: Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. Joinville, SC: Univille, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. 7ªed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Curso de Redação*. São Paulo: Moderna, 1988.

ARCOWEB. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/arquitetura629.asp>>. Acesso em: 20 de junho de 2006.

ASSOCIAÇÃO DE JARDINS-ESCOLAS JOÃO DE DEUS. Disponível em: <[www.joaodeus.com](http://www.joaodeus.com)>. Acesso em: 20 de junho de 2006.

ÁVILA, Teresa de. *Escritos de Teresa de Ávila*. São Paulo: Loyola, 2001.

AZEVEDO, F. F. dos Santos. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: Idéias afins*. Brasília: Thesaurus, 1983.

BAL, Gabriela. *Silêncio e Contemplação: Uma introdução a Plotino*. São Paulo: Paulus, 2007

BARBIER, René. *Pesquisa-ação*. Brasília: Líber Livro, 2004.

BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. 3ªed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BAUCHWITZ, Oscar Federico. *A Caminho do Silêncio: A filosofia de Escoto Eriúgena*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERMAN, Marshall. *Tudo Que é Sólido se Desmancha no Ar: A aventura da modernidade*. 17ªreimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BESSA-LUÍS, Augustina. *Contemplanção Carinhosa da Angústia*. 2ªed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. "Escrita, Leitura, Dialogicidade". In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, Dialogismo e Construção de Sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p.281-8.

CARO, J. Sánchez. "En Nosotros Mismos Están Grandes Secretos. Teresa de Jesús, pioneira de la intimidad". In: LONDOÑO, Rómulo H. Cuartas; FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *La Interioridad: a la conquista del "sexto continente"*. Colección Estudios Teresiano-Sanjuanistas. n.6. CiTeS: Ávila, 2007.

CASA DA MÚSICA. Disponível em: <[www.casadamusica.com](http://www.casadamusica.com)>. Acesso em: 20 de junho de 2006.

CEREJA, William Roberto. *Literatura Brasileira*. São Paulo: Atual, 1995.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 7ªed. São Paulo: Ática, 1996.

CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: Meias confissões de Aninha*. 2ªed. Goiânia: Ed.da Universidade Federal de Goiás, 1984.

D'ALBUQUERQUE, A. Tenório. *Dicionário Espanhol-Português*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2001.

FAZENDA, Ivani. *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou ideologia?* São Paulo: Loyola, 1979.

\_\_\_\_\_. *Educação no Brasil - Anos 60: O pacto do silêncio*. São Paulo: Loyola, 1988.

\_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria*. São Paulo: Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. São Paulo, Campinas, 1994.

\_\_\_\_\_. *Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_; SEVERINO, Antonio Joaquim (Orgs.). *Formação Docente: Rupturas e possibilidades*. São Paulo: Papirus, 2002.

\_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade: Qual o sentido?* São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade na Formação de Professores: Da teoria à prática*. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 2006.

\_\_\_\_\_ (GEPI - Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinares - PUC-SP). Comunicação pessoal, maio de 2006.

FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *El Conocimiento de Si en La Meditación Teresiana. Del libro: La Meditacione Teresiana*. CITEs, Avila, 2002. mimeo. Disponível em: <<http://www.citesavila.org/web/docftp/ConocimientodeS%C3%AD%20en%20la%20medit.%20teresiana.pdf>>.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FORONI, Yvone Mello D'Alessio. *Inter-intencionalidades compartilhadas no processo inclusivo da sala de aula no ensino superior*. Tese (Doutorado em Educação - Currículo), PUC-SP, São Paulo, 2005.

FOUCAMBERT, Jean. *A Leitura em Questão*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1989.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GIAMATEI, Crícia. "O deleite da leitura". *Jornal da USP*. Ano XVIII. n.658. São Paulo, 15 a 21 de setembro de 2003. Disponível em: <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp658/pag17.htm>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2008.

GUERREIRO BRITO LOSSO, Eduardo. *Teologia negativa e Theodor Adorno. A secularização da mística na arte moderna*. Tese (Doutorado em Teoria Literária), UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

GUIDI, Gisela da Rocha e Silva (Coord.). *Em Busca da Autonomia do Leitor: A leitura de universitários*. Santos, SP: Unisantos, 1997.

\_\_\_\_\_. *História e Memória*. Tradução de Irene Ferreira e Bernardo Leitão. 5ªed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. *Professores Para Qué? Para uma Pedagogia da Peagogia*. Tradução de João Bernard da Costa e António Ramos Rosa. 2ªed. São Paulo: Moraes Editores, 1975.

GUSDORF, Georges. *A Fala*. Paris: Edições Despertar, 1970.

HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade: Doze lições*. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *Todos nós... ninguém: Um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes, 1981.

\_\_\_\_\_. *A Caminho da Linguagem*. 2ªed. São Paulo: Vozes, 2003.

HENFIL. *A lição do rio*. s/d. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/pop/yccaro/icaodorio.html>>. Acesso em: 06 de maio de 2005.

HESCHEL, Abraham. *O Homem Não Está Só*. São Paulo: Edições Paulinas, 1974.

\_\_\_\_\_. *Deus em Busca do Homem*. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.

HOLANDA, Lourival. *Sob o Signo do Silêncio*. São Paulo: Edusp, 1992.

HOYOS GUEVARA, Arnaldo José de; DIB, Vitória Catarina. *Da Sociedade do Conhecimento à Sociedade da Consciência*. São Paulo: Saraiva, 2007.

JOSAPHAT, Carlos. *As Santas Doutoras: Espiritualidade e emancipação da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1999.

KANAAN, Dany Al-Behy. "A Santa e a Outra: Teresa de Ávila e Clarice Lispector". *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. v.1. n.1. São Paulo, mar./ago. 1993.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão (et. al.). 5ªed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LENOIR, Yves. *Três interpretações da perspectiva interdisciplinar em educação em função de três tradições culturais distintas*. Mimeo. 2004.

LEONE, Alexandre G. *A Imagem Divina e o Pó da Terra: Humanismo sagrado e crítica da modernidade em A. J. Heschel*. São Paulo: Humanitas, 2002.

LIBERA, Alain de. *Pensar na Idade Média*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Alceu Amoroso. *Meditação sobre o Mundo Interior*. Rio de Janeiro: Agir editora, 1954.

LONDOÑO, Rómulo H. Cuartas; FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *La Interioridad: a la conquista del "sexto continente"*. Colección Estudios Teresiano-Sanjuanistas. n.6. CiTeS: Ávila, 2007.

MARTINI, Antonio. "O Provisório e o Transcendente". In: MARTINI, Antonio. et al. *O Humano, Lugar do Sagrado*. São Paulo: Olho d'água, 1995.

MARTINS, Joel. *Um Enfoque Fenomenológico do Currículo: Educação como póiesis*. São Paulo: Cortez, 1992.

\_\_\_\_\_. *Não somos chronos, somos Kairós*. Mimeo, s/d.

MARTINS, Maria Helena. *O Que é Leitura*. 15ªed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A Árvore do Conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana*. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MCGINN, Bernard. "The Foundations of Mysticism". In: *The Presence of God: A History of Western Christian Mysticism*. v.1. New York: The Crossroad Publishing Company, 1998.

MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. Coleção Veredas. 2ª ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1982.

MELLO, Thiago de. *Silêncio e Palavra*. 4ªed. Manaus: Ed. Valer/ Gov.do Estado do Amazonas, 2001.

MELO NETO, João Cabral de. *Antologia Poética*. 3ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE SÃO PAULO. *O Monaquismo: fonte de verdadeira espiritualidade cristã. Textos selecionados da Encíclica Orientale Lumen, João Paulo II*. São Paulo, s/d. Disponível em: <[http://www.mosteiro.org.br/Textos/Vbeneditina/VB\\_02.htm](http://www.mosteiro.org.br/Textos/Vbeneditina/VB_02.htm)>. Acesso em: 15 de janeiro de 2008.

MOTA, João Gomes. *Sobre João de Deus*. s/d. Disponível em: <[http://www.gomes-mota.nome.pt/joao/cartilha/joao\\_deus.html](http://www.gomes-mota.nome.pt/joao/cartilha/joao_deus.html)>. Acesso em: 20 de junho de 2006.

MUÑOZ, J. F. O. *Introducción Al Pensamiento de María Zambrano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

NIGG, Walter. *Teresa de Ávila, Teresa de Jesus*. Tradução de Silvino Arnhold. Fotógrafo Epílogo Juan Bosco de Jesús. 2ªed. Mosteiro La Santa de Ávila, out. de 1995.

NÓVOA, António. *Formação de Professores e Trabalho Pedagógico*. Lisboa: Ed. Educa, 2002.

ORLANDI, E. P. *As Formas do Silêncio: No movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

PESSOA, Fernando. *Poesia*. Coleção Nossos Clássicos. São Paulo: Livraria Agir Editora, 1970.

\_\_\_\_\_. *O Guardador de Rebanhos e Outros Poemas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

PINEAU, Gaston. "O Sentido do Sentido". In: NICOLUESCU, Basarab. et. al. *Educação e Transdisciplinaridade*. Tradução de Judite Vero, Maria F. de Mello e Américo Sommerman. Brasília: UNESCO, 2000.

POESIA SUFI. *Rumi*. s/d. Disponível em : <<http://www.sertaodoperi.com.br/poesiasufi/poesia/rumi3.htm>>. Acesso em: 20 de novembro de 2007.

PONDÉ, Luiz Felipe. "O Método de Deus". In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *No Limiar do Mistério: Mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_ (PUC-SP). Comunicação pessoal, 15 de junho de 2007

PONTY, M. M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PORTAL PHILOSOPHIA PERENNIS. Disponível em: <<http://www.sophia.bem-vindo.net/tiki-index.php?page=Escoto+Eriugena>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2008.

PUC-SP. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. GEPI - Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade. São Paulo, s/d. Disponível em: <[www.pucsp.com.br/gepi](http://www.pucsp.com.br/gepi)>. Acesso em: 15 de março de 2004.

REALE, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia: Antigüidade e Idade Média*. São Paulo: Paulus, 1990.

\_\_\_\_\_. *Paul Ricoeur: o único e o singular*. Tradução de Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo: Editora Unesp; Belém, PA: Editora da Universidade Estadual do Pará, 2002.

ROHDEN, Humberto. *Pascal*. 3ªed. São Paulo: Alvorada Ed. e Livraria, 1981.

SANTO, Ruy César do Espírito. *O Renascimento do Sagrado na Educação: O autoconhecimento na formação do educador*. 5ªed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. *Autoconhecimento na Formação do Educador*. São Paulo: Agora, 2007.

SANTOS NETO, Elydio. “Aspectos Humanos da Competência docente: problemas e desafios para a formação de professores”. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; SEVERINO, Antonio Joaquim (Org.). *Formação docente: Rupturas e possibilidades*. 1ªed. Campinas: Papirus, 2002.

SCIADINI, Frei Patrício. *Teresa de Ávila, mulher de palavra*. Fortaleza: Edições Shalom, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia*. São Paulo: Cortez, 1993.

SHALOM. Comunidade Católica. *A oração do coração*. s/d. Disponível em: <[http://www.comunidadeshalom.org.br/formacao/espiritualidade/a\\_oracao\\_do\\_coracao.html](http://www.comunidadeshalom.org.br/formacao/espiritualidade/a_oracao_do_coracao.html)>. Acesso em: 12 de março de 2008.

SILVA, Maurina Passos G. O. “A Interdisciplinaridade e o Ensino de Literatura: A academia vai à escola”. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). *A Academia vai à Escola*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. “Perceber-se Professor: Um caminho entre práticas e teorias e vice-versa”. In: VII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores: Teoria e Práticas Imagens e Projetos. Anais do Congresso. *Resumo*. Águas de Lindóia, agosto/setembro, 2003.

\_\_\_\_\_. “Interdisciplinaridade, Literatura e Linguagem: Um encontro com a palavra”. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Interdisciplinaridade na Formação de Professores: Da teoria à prática*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

\_\_\_\_\_. Resenha do livro de SOMMERMAN, Américo. Inter ou Transdisciplinaridade? Da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes. Coleção Questões Fundamentais da Educação. *Revista E-Curriculum*. v.1. n.2. São Paulo: Paulus, junho de 2006.

SILVINO, Arnhold. *Teresa de Ávila, Teresa de Jesus*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

SOMMERMAN, Américo. *Inter ou Transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus, 2006.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *Um Discurso Sobre as Ciências*. 9ªed. Porto: Edições Afrontamento, 1997.

SPIDLÍK, Tomás; TENACE, Michelina, CEMUS, Richard. *El Monacato en el Oriente Cristiano*. Burgos: Monte Carmelo, 2004.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *No Limiar do Mistério: Mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Nas Teias da Delicadeza: itinerários místicos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

TELES, Antônio Xavier. *Introdução ao Estudo de Filosofia*. 14ªed. São Paulo: Ática, 1976.

TELES, G. M. *Retórica do Silêncio: Teoria e prática do texto literário*. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

VASCONCELOS, Celso. "Alguns (Di)lemas do Professor no contexto de complexidade". *Pátio: Revista pedagógica*. n.27. Agosto/ outubro 2003.

**ANEXOS****ANEXO I - GARIMPO PALAVRA E SILÊNCIO EM ALCEU AMOROSO LIMA**

**Data:** 11/04/2007 12:44

**Assunto:**Re: Contato com Senise

**Mensagem**

Prezada Maurina,

O e-mail do Mauro Senise é.....

Seria melhor entrar em contato com a irmã do Mauro, Maria Teresa, pois ela está mais a par das coisas relativas ao Dr. Alceu. O e-mail dela é....

Estou sempre as ordens para o que necessitar.

Atenciosamente

Gilson Peranzzetta

----- Original Message -----

Sent: Wednesday, April 11, 2007 12:33 PM

Subject: Contato com Senise

Prezado maestro Gilson Peranzzetta

Venho, mui respeitosamente solicitar a gentileza de repassar esse e-mail para Mauro Senise, na tentativa de buscar uma contribuição para meu trabalho de pesquisa.

Agradeço sua generosidade.

Maurina

Prezado Mauro Senise

Sou professora e estou escrevendo minha tese de doutorado sobre Palavra e Silêncio. Recorro a você para tentar localizar um texto atribuído a Tristão de Athayde: A Palavra e o Silêncio. Já procurei muito, mas não consigo localizar o material. Talvez você possa me ajudar.

Meu marido acompanha sua trajetória profissional e com ele aprendi a admirar a boa música. Partilhamos também o gosto pela poesia.

Deixo aqui um trecho para identificação do material:

"A Palavra e o Silêncio

O silêncio não é a negação da palavra, como a palavra não é tampouco a negação do silêncio. Há silêncios eloqüentes, como palavras vãs. É precisamente, a continuidade entre um estado e outro que forma a trama completa de nossa vida, do espírito. É na riqueza do silêncio interior que se forma a qualidade de nossas manifestações verbais..."

Agradeço sua valiosa atenção.

Um abraço

Maurina

10/4/2007

Prezada Maurina, lógico que queremos te ajudar. Estou remetendo seu email pro meu primo Xikito (Carlos Eduardo Affonso Ferreira) que sabe de tudo sobre nosso avô ! Pode contar conosco.

Um abraço,

Maria Teresa Senise

11.04.07

Estamos aqui !

MTeresa

-----*Mensagem original*-----

**Data:** 04/11/07 14:57:22

**Assunto:** Re:ALima

Querida Teresa

Você é uma graça, muitíssimo obrigada.

Um abraço

Maurina

Vc não faz refertência de que cidade é mas não sei se VC sabe que existe em Petrópolis (RJ) o CENTRO ALCEU AMOROSO LIMA PELA LIBERDADE, que foi criado pelo Professor Candido Mendes, DA Universidade que leva seu Nome . Lá está todo o acervo do meu avô. Se houver interesse posso te dar o telefone de lá e vc pode fazer contato com a Maria Helena Arrochellas que dirige o Centro. É uma idéia ! O que acha ?

Estou saindo agora, mas ficamos em contato.

Um abraço,

MTeresa

11.04.07

XXXXXXXX. Esse é o telefone do CFentro Alceu Amoroso Lima em Petrópolis mas se VC puder esperar só mais um pouco o meu primo Xikito, de Salvador, ESTÁ tentando obter mais informações para te passar. Certo ?

Imagino que sua pesquisa deve ser mesmo super interessante. Admiro muito quem se dedica a ensinar, principalmente num país como o nosso, sem nenhum estímulo. É mesmo uma vocação!

Um abraço,

MTeresa

Nem se preocupe em agradecer. Nós é que somos gratos a VC por se dedicar a descobrir as mensagens do nosso avô. Interessante esse livro do poeta Thiago de Mello !

Sra. Maurina,

Segue abaixo as informações do livro que a Madre Teresa recomendou.

Sr. Xikito pediu para que a Sra. informe aqui o seu nº de fax para que eu possa enviar-lhe os capítulos 09 e 10.

Obrigada,  
Normeide

**BOOK PROFILE**

**ISBN =>**

**NÚMERO DE ORDEM => 522**

**TÍTULO => Meditação sobre o mundo interior Ex. 3**

**AUTOR => Alceu Amoroso Lima**

**TEMA => Religião**

**EDITORA => Agir**

**NÚMERO DA EDIÇÃO => 1a ed.**

**ANO DE EDIÇÃO => 1954**

**TRADUTOR =>**

**LOCALIZAÇÃO => Prat. Xikito Ferreira No. 522**

**COMENTÁRIOS =>**

Maurina,

estamos pertinho de conseguir as infos que vc pediu. Minha tia Ir. Maria Teresa Amoroso Lima, Tuca, já respondeu mas deve ter sido por correio ECT. Então tenha + um pouco de paciência.

Abraço,

----- Forwarded by Xikito on 20/04/2007 12:02 -----

**AUTOR: XIKITO DATA REGISTRO: 16/-4/2007 14:07**

**DESCRIÇÃO RESUMIDA: CONSULTANDO TUCA**

**AÇÕES TOMADAS / COMENTÁRIOS...**

Olá, Tuca dearíssima,

para sua tese de mestrado a Maurina Passos tenta descobrir de que livro de Tristão consta esses parágrafos lindos. Vc poderia ajudar?

O silêncio não é a negação da palavra, como a palavra não é tampouco a negação do silêncio. Há silêncios eloqüentes, como palavras vãs. É precisamente, a continuidade entre um estado e outro que forma a trama completa de nossa vida, do espírito. É na riqueza do silêncio interior que se forma a qualidade de nossas manifestações verbais. Como é na riqueza de sua repercussão no silêncio posterior que reside o sentido mais profundo no nosso privilégio verbal.

O homem é a única criatura que fala. Mas é também a única que sabe dar ao silêncio o seu sentido profundo. O silêncio dos seres humanos, das pedras, das

florestas, dos animais só tem sentido para nós, seres verbais, que damos um significado positivo, poético, filosófico, religioso a este silêncio das coisas e dos seres infra-humanos. Como o rumor de nossas palavras só tem sentido porque nelas se reflete o mundo infinito que está para lá de sua sonoridade, o mundo dos sentidos, das idéias e das grandes realidades.

(Tristão de Athayde)

p.s. já soube que o batizado de Isabela esteve superlotado. No último weekend de abril participei de retiro no Sumaré, Rio, com Pe. Bernardo Bonowitz, chapa de Sta Maria.

Muita saudade!!

Prezada Mauri, Madre Maria Teresa é nossa tia, minha e de Xikito... Filha de nosso avô Alceu. O Nome dela de batismo é Lia e ela foi Abadessa do Mosteiro de São Bento, em São Paulo. Hoje continua lá nos ajudando bastante mas com a saúde um pouco debilitada. Ela sabe de tudo sobre nosso avô e, realmente, se correspondiam diariamente. Minha avó TBém se chamava Maria Thereza, com **thez**. Vovô e vovó tiveram 7 filhos. A mais velha, Maria Helena, minha mãe (falecida), em seguida Silvia (mãe de Xikito), depois Lia (a freira), Jorge Alceu (falecido), Alceu Filho, Paulo Alceu e Luis Alceu. Alguns moram no Rio outros em São Paulo.

Xikito, meu primo, é conhecedor profundo DA obra de vovô e faz pesquisas sistemáticas sobre ele. É uma pessoa fantástica que eu gosto muito. Mora em Salvador. Foi ele quem se interessou em te ajudar. Eu apenas abri OS caminhos. Nem se preocupe em nos dar crédito algum. É um prazer enorme conhecer pessoas como VC ! Só nos avise quando tudo estiver pronto e se precisar de mais alguma coisa.

Um bjo  
MTeresa

Maurina,  
eu também vibro com essas coincidências. Escrevo a biografia de meu avô Tristão e faz um par de semanas andei me lembrando de que ele várias vezes comentou em passant sobre a afinidade dos músicos com a matemática. Justamente neste ponto surge sua consulta tratando de silêncio.

A Teresa indicada no email de Normeide, minha secretária, é Maria Teresa Amoroso Lima, 78, abadessa de Santa Maria, um mosteiro beneditino em SP. Como vc sabe ela se correspondia com o pai diariamente, de quem recebia carta de até 10 páginas. Foi a ela que consultei quando Maria Teresa Senise, minha prima, irmã do Mauro, me passou teu email.

Com prazer mandarei xerox dos dois capítulos de Meditação sobre o mundo interior para o endereço que vc passar à Normeide.

Te sou grato por me provocar a releitura do livro e agora mais sensível ao tema. É por essas e outras que intuo o dedo do Espírito Santo por detrás de nossos trabalhos. Não deixe de me copiar no capítulo sobre Teresa D'Ávila a respeito da espiritualidade na educação, tanto por minha antiga curiosidade s/ a santa (embora

sem nunca ter lido nada dela) como porque interessará minha mulher que é professora de inglês.

Em qual faculdade vc estuda/leciona?

Abraço

Maurina,  
confirmando meu interesse receber o txt que liga as duas mulheres. Veja meu endereço:  
xxxxxxxxxxxx

Quanto a despesas de postagem, ficaremos empatados.  
Normeide despachará hoje pra vc cópia de Meditação sobre o Mundo Interior.  
Abraço

Fechou-se o ciclo !  
Obrigada Xikito, obrigada Maurina !

-----Mensagem original-----

**De**

**Data:** 2/5/2007 07:49:02

**Para:**

**Cc:**

**Assunto:** Re: generoso coração

Maurina,

o livro é teu (tenho outra cópia), gostei muito de sentir teu genuíno interesse por ele. Estou de saída pra uma viagem à Chapada Diamantina, daí a pressa.  
Abraço

30/04/2007 16:57

To: Xikito

Subject : generoso coração

Querido Xikito (permita-me)

Estive acamada, com uma terrível gripe que me atacou os brônquios, faringe e me levou ao hospital. Fui atendida no pronto-socorro e retornei para tratamento em casa.

Ontem, comecei a respirar melhor e senti vontade de sair da cama. Hoje, estou bem melhor e, ao atender o carteiro, mal pude subir até o meu apartamento para abrir o envelope. Meu coração quase parou de bater ao me deparar com o tesouro que me enviaste.

Quão generoso é o seu coração!!! Espero ser merecedora da sua confiança e rogo a Deus e a Sta Teresa que me ajudem a dar conta da escrita de meu trabalho.

Estou vivendo os dias mais sublimes de minha vida. Esse encontro com a palavra, esse encontro com o silêncio. Esse encontro com os anjos no caminho da construção do trabalho.

Posso ficar alguns dias com o livro? Vou cuidar muito bem dele. Ainda não tive condições de enviar o texto que prometi, mas logo estarei enviando.

Mais uma vez meu coração exultou de alegria e as lágrimas que banharam o meu rosto me fizeram sentir a presença de Deus em minha vida. Obrigada Xikito e se pudesse diria obrigada ALCEU!! Com minha gratidão.

Maurina

**ANEXO II - GARIMPO PALAVRA E SILÊNCIO EM THIAGO DE MELO**

De:  
Para:  
**Data: 15/04/2006 14:12**  
Assunto: Silêncio e Palavra

Prezado Senhor,  
Consultando o site <http://www.revista.agulha.nom.br/tmello.html>, encontrei a referência de que precisava para citar o texto que me instigou, entre outros, a pesquisar a respeito da palavra e o silêncio.  
Thiago de Mello, Merleau Ponty, entre outros têm sido minha fonte inspiradora. Estou em processo de elaboração de tese de doutorado na Puc/SP, a respeito da formação de professores.  
Gostaria de saber se é possível encontrar a obra Silêncio e Palavra em livrarias ou Sebos.  
Conhece onde?  
Agradeço sua atenção  
Maurina

De:  
Para:  
**Data: 05/03/2007 11:44**  
Assunto: Re:Silêncio e palavra

Olá Aníbal  
Muitíssimo obrigada pela atenção e pelo abraço amazônico.  
Vou contatar o editor.  
Para você um abraço santista.  
Maurina

De:  
Para: **Data: 05/03/2007 11:50**  
Assunto: Palavra e Silêncio

Prezado Sr.Tenório  
Contatei o Sr. Aníbal Beça para obter informações sobre a obra de Thiago de Mello "Palavra e Silêncio", data de 1951 e o mesmo me informou que existe uma edição mais recente e que o senhor poderia me ajudar.  
É possível adquirir um exemplar, em São Paulo?  
Grata pela atenção.  
Um abraço.  
Maurina

De:  
Para:

**Data: 05/03/2007 12:12**

Assunto: Palavra e Silêncio  
 Sr. Tenório  
 Muito obrigada pela generosidade.  
 Abraços  
 Maurina

De:

Para:

**Data: 08/03/2007 15:19**

Assunto: Livro: Silêncio e Palavra

Bom tarde

O livro Silêncio e Palavra do Thiago de Mello, custa R\$ XXX.

Caso você queira adquiri-lo, é necessário efetuar um depósito no Banco Bradesco, agência XXXXXX, c.c XXXXXX e enviar em seguida pelo fax XXXXXX o comprovante de depósito, enviar também o título do livro e o endereço para enviarmos o livro.

Taxa do correio: a remessa simples custa R\$ XXXX e se for por sedex é R\$ XXXX

Atenciosamente

Adailse Sá.

De:

Para:

**Data: 09/03/2007 10:51**

Assunto: Re:Livro: Silêncio e Palavra

Prezada Adailse

Muito obrigada pelas informações, vou providenciar depósito, pois tenho o maior interesse no livro.

Tenho algumas dúvidas:

- penso em fazer transferência pela internet e talvez fosse mais fácil passar por e-mail o comprovante. É possível?

- O fone fax xxxxxxxx é de São Paulo???

- No caso, o custo total será de R\$XXXX, se for remessa simples, ok?

Um abraço

Maurina

Bom tarde

O livro Silêncio e Palavra do Thiago de Mello, custa R\$ XXXX.

Caso você queira adquiri-lo, é necessário efetuar um depósito no Banco XXXXXX, agência XXXXXX, c.c XXXXXX e enviar em seguida pelo fax XXXXXXXX o comprovante de depósito, enviar também o título do livro e o endereço para enviarmos o livro.

Taxa do correio: a remessa simples custa R\$ XXXX e se for por sedex é R\$ XXXXX

Atenciosamente  
Adailse Sá

De:

Para:

**Data: 12/03/2007 10:30**

Assunto: Silencio e Palavra

Bom dia

Você pode enviar o comprovante de depósito ou por fax, ou pela internet, o que for melhor para você.

O fone/fax é XXXXX, de Manaus.

E o valor do livro é XXXXX já incluso o correio remessa simples.

Obrigada

Adailse Sá.

### ANEXO III - POETANDO NO CAMINHO

#### E-MAIL<sup>72</sup>

Trocamos emoções, segredos, arte..  
Trocamos canções que não estão em nenhuma parte

Porque todas as partes estão aqui  
nesse momento do encontro seja digital ou não  
Uma parte de mim e todas as partes te encontram  
Outra parte de ti e todas as partes me encontram...

Podemos nos falar pelo olhar  
manifestações reveladas a qualquer instante  
Almas sensíveis, talvez incompreendidas  
fora de razões, formatos, deixam-se levar  
pela porosa sensibilidade do mundo

Somos a incompletude ambulante  
a resistir a todo instante  
a dor de sentir o mundo  
do estar doente dos olhos  
mas não da alma

Quero viver a vida embriagada nas palavras  
Bêbada de sentidos outros  
aqueles que a razão desconhece  
mas o coração acolhe, sente, vive  
e porque vive escreve.

Vês? acabei de acordar e vejo teu e-mail...escrevo.  
Creio que acordo embriagada.  
16/04/2006 – 10h17min

---

<sup>72</sup> Muitos poemas foram inspirados na troca de e-mails com uma ex-aluna. A relação professor-aluno foi suplantada pela amizade. As palavras de uma, inspiravam a expressão da sensibilidade da outra e vice-versa.

**Esta espera incansável** por dias melhores....

A humanidade parece retroceder, retroceder...

Estamos desvivendo a vida.

Esta espera incansável por ti...

Liberdade,  
vôo livre de aventuras  
quantos por ti já morreram?  
E agora o que fazem dela?  
Rotina de barbáries

Sopra o vento  
Vida-sopro, instante, agora  
Juventude do hoje  
jamais eterna

Lá fora o mundo em guerra  
Silencia vidas  
esperança  
ingênua beleza de um sorriso...

Abre uma janela  
Olha o mundo com os olhos d'alma  
Acredita na purificação  
busca da essência  
deixa habitar de novo a esperança  
andar pela noite, sozinha,  
sair e voltar para casa  
sem medo, sem susto,  
sem traumas...

Ando transpirando poesia. Escrevo com muita facilidade e fico até surpresa, quando estou em sala de aula e vem o texto pronto, como por exemplo, no dia da prova, quando as alunas estavam sofrendo para escrever, fui à louca e registrei:

Não brigo com as palavras  
deixo-me invadir por elas  
sinto seu perfume, embriago-me  
nos sentidos e assim permanecemos  
em eterna cumplicidade.

abril de 2006.

### Falta de Ecos

Definitivamente não nasci para fôrmas,  
 nasci para o mundo e o mundo me diz  
 que é preciso vê-lo com os olhos livres e o coração aberto,  
 senti-lo, descobri-lo...  
 a palavra pode não revelar as intenções,  
 formata, enquadra, coloca limites em Babel.

Ainda assim é com palavras que lutamos...  
 Para libertá-las rasgam-se os véus,  
 Sangra-se a alma, devastam-se as entranhas.  
 Mergulha-se nos mistérios do pensamento.

Vinho é o meu pensamento.  
 Precisa envelhecer porque maduro  
 salta para o papel, perde a insegurança,  
 a timidez adolescente para arrojarse na escritura.

Nascida a escritura, fica no papel  
 o registro sem data e hora marcada.  
 Leia-se não apenas os traços de uma forma errante,  
 mas sutilezas, transcendência de um ser pensante.

### Diálogos silenciosos

Que loucura pesquisar o impreciso....  
 Que loucura formatar o sensível...  
 Não basta a loucura do viver!!!??

Busco-me no silêncio de tua fala  
 Espelho de minha alma  
 presença ausente no contínuo caminhar...

Educar desvelando o impreciso do outro  
 educar provocando o emergir dos silêncios mais profundos  
 é mesmo para quem não se basta.  
 E por não se bastar a si mesmo, busca-se eternamente  
 porque encontrando-se o que já não é mais  
 o que fica é o silêncio do que já se foi, sendo...

### **Casinhas em Florianópolis**

Adorei-as.  
 Os olhos alcançaram as casas no alto  
 escondidas no verde da montanha  
 aqui tão baixo...  
 o ruído da vida urbana  
 lá tão alto o silêncio da mãe natureza  
 e elas tão lindas...  
 pintadas como uma tela a me espiarem.

O poeta escreveu que a cidade espia os homens  
 aqui, as casas me espiaram  
 seduziram para que pudesse descobri-las  
 e assim me encantaram.

### **Compondo histórias**

Vês?  
 És também um compositor.  
 Não aquele que busca notas musicais  
 Mas aquele que garimpa histórias  
 Histórias de vida  
 Antes fragmentadas  
 Partidas  
 Ao compor histórias, juntas à melodia da vida  
 A leveza dos sonhos  
 A esperança no humano

Vês?  
 Tua sala de aula  
 É também tua pauta  
 Cada nota uma história  
 Cada história uma vida  
 Retomando a harmonia  
 O feliz reencontro consigo mesmo  
 Ardente, inspirador, divino

Seguir adiante é teu destino  
 Resistindo  
 Questionando  
 Instigando  
 Amando o ser humano  
 Promovendo a expressão de  
 Silêncios...

### **Alma de artista**

Alma rebelde  
 Transcende espaço e tempo  
 Rompe o silêncio  
 Pronuncia o verbo  
 Oh arte sublime!  
 Arte essência  
 busca de libertação

Liberta-te das fôrmas e formas  
 Do tempo cronológico  
 Reconhece o vôo do artista  
 De um outro tempo  
 Tempo kairós

Retoma os pincéis e as tintas  
 Recupera o que já não é  
 Lança as cores do arco-íris  
 Tinge todas as almas  
 Da infinita graça divina.

### **Loucura de artista**

Que loucura esta...  
 dos artistas,  
 que buscam o impreciso.  
 Não se bastam.

Que loucura esta...  
 aqueles que se lançam à arte de educar.  
 Loucura buscar-se a si mesmo,  
 loucura maior é desvelar talentos do outro.

Que loucura esta...  
 Reinventar a vida a cada olhar,  
 buscando sempre a dimensão da poesia!

Que loucura esta?  
 Loucura de artista!!!

### **Nos caminhos da profissão**

Cada um dos alunos que marcaram minha caminhada na profissão fez-me acreditar que vale a pena continuar o exercício humilde do agricultor: arar a terra, remover as impurezas, semear, regar, esperar pacientemente.

Uma espera trabalhada sol a sol.

Cuidando, acompanhando em silêncio o nascer da muda enraizada na terra, assistindo pouco a pouco, a pequena muda crescer, crescer, crescer até ver suas raízes saltarem do chão, ganhando o espaço.

Fazendo-se *perceber* e frutificar para novamente ser terra, humo, alimento.

Permitir a vida e a vinda de novos talentos, nova sementeira, eis o trabalho do professor.

Tenho nas mãos os calos da enxada.

No coração os melhores momentos da colheita.

No olhar o brilho da esperança, apesar das tempestades, inundações e terremotos.

Professor agricultor:  
após a tempestade recomeça  
pacientemente seu exercício  
dar a luz, renovar a vida.

### **Paz da mãe-Terra**

Água corrente, sonora poesia  
cachoeiras, rios a abraçar o mar.  
O verde das matas perfumadas.  
Som da vida pulsando no ar!

Mãe-Natureza  
Mãe-Terra  
Que fizeram de sua rara beleza?  
Quanta degradação!  
São teus filhos?  
Filhos da Terra?

Já não os reconheces  
Transfigurados estão.

Tempos virão em que a  
paz da Mãe-Terra  
anunciará o silêncio  
de todos os seres!  
Da vida!

Filho! Respeita tua mãe!

### **Asas Digitais**

Diz-se por aí que o tempo hoje é digital.  
A câmera é digital.  
A TV é digital.  
Digital é a vida robótica que vivemos.

Correspondência virou e-mail.  
Diário, fotolog  
Linguagem só com um tradutor  
para decifrar o novo código.

Resiste, porém, ao diálogo abreviado e mecânico  
nossa correspondência marcada pela  
poesia que se faz e refaz  
a cada mensagem que chega.

Para além da praticidade  
nossas almas de artistas  
inundam a tela branca de  
sensibilidade e vão teclando  
com graça e beleza  
transcendendo e desnudando  
emoções verdadeiras.

### Correspondência

Escrevo o que do instante se foi,  
lançando movimento e forma  
às tuas palavras de outrora.

Veja o que faz o artista quando a sutileza divina lhe inspira!  
Sai por aí a anunciar um saber que já não sabe,  
um sentir o que já não sente.  
Apenas tinge o papel  
das gotas de um sublime orvalho  
saído das entranhas  
de quem liberto vive  
e porque vive escreve.

Sê também o artista da palavra.  
Junta tua esperança no aprender para a vida toda.  
Tinge as páginas da tua história com a alegria da descoberta.  
Sê inteiro, pois a arte da escrita te completa.

### Tenho Fé

Tenho fé  
Nas pessoas, no mundo, no divino  
Na elevação de nosso espírito.

Tenho fé  
Na esperança, nas possibilidades de mudança  
Na luta silenciosa de nossos gestos professorais  
Religando conhecimentos, pessoas, afetos  
Religando o humano ao divino

Tenho fé  
Na força da mãe-natureza  
Verde das matas, luz do sol, da lua e das estrelas  
Animais, plantas e aves  
Universo de mistérios e segredos  
Para nossa condição humana

Tenho fé  
Tenho esperança de ver um mundo mais humano  
Justo e solidário  
Onde poder, economia e política sejam  
Coisas do passado  
E um planeta pulsando apenas  
A energia da vida plena  
De amor fraterno, irmandade.

### Conversa com Drummond

O poeta escreveu:

#### OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.  
Tempo de absoluta depuração.  
Tempo em que não se diz mais: meu amor.  
Porque o amor resultou inútil.  
E os olhos não choram.  
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.  
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.  
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,  
Mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.  
És todo certeza, já não sabes sofrer.  
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo  
E ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
E nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo  
Prefeririam (os delicados) morrer.  
Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.

**Conversando com o poeta:**

Viver afastado de Deus  
 é mesmo suportar o fardo de uma vida sem brilho ou encanto  
 sorriso, pranto, ou dor...  
 Quem dera a dor da metamorfose do (re)nascimento, da elevação...

Digamos então: Meus Deus!  
 Quero de volta o tempo em que se diz meu amor...  
 Quero chorar de saudade  
 Alegria ou mesmo de dor.  
 Chorar também nos faz humano  
 Não basta dizer Meu Deus!  
 É preciso bater à porta do castelo, entrar em si mesmo  
 Passar a explorar o mundo interior  
 Adentrar suas sete moradas  
 Descobrimo passo a passo  
 um coração molhado de desejos espirituais  
 Libertar-me da couraça  
 Com espanto e admiração  
 Viver não por ordem  
 Viver por elevação  
 Fazer sim da vida pura mistificação.

Não basta dizer: Meus Deus!  
 É preciso senti-Lo!  
 em nosso silêncio interior.